N.º 1 COIMBRA, 1 DE FEVEREIRO DE 1889 ANNO I

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

SUMMARIO:

Para começar — A Redacção; *Chronica*, por Alberto d'Oliveira; *Ode aos rapazes novos* (poesia), por Antonio Nobre; *A Historia*, pelo dr. Emygdio Garcia; *Introducção de um livro* (poesia), por Pinto da Rocha; *De Paris*, por Xavier de Carvalho; *O barão de Lavos*, por Abel Acacio; *Depois do enterro* (poesia), por Alberto Osorio de Castro; *Pela manhã* (poesia), por Agostinho Campos; *D. Gil*, por Antonio de Mello; *Patricia* (poesia), por Alberto Osorio de Castro; *Primeira pagina* (poesia), por Sanches da Gama; *Lirica* (poesia), por Francisco Bastos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO da BOHEMIA NOVA:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

Sala
Gab.
Est. O.S.
Tab.
N.º 1024

Est. 2
Prat. 11
Vol. 1
Nº 1364
Sala

Octaviano Sá
COIMBRA
VOLUME N.º 1304

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes e leitores, de que a redacção da Bohemia Nova não um lapso, annunciaram os prospectos, na Çouraça de Lisboa. A redacção da Bohemia N

RUA LARGA N.º 38

A todos os nossos collegas da imprensa, a quem enviamos a Bohemia Nova, pedimos o obsequio da troca.

A Bohemia Nova annunciará nas suas capas todas as publicações litterarias e scientificas, de que receber um exemplar. D'isto prevenimos os srs. editores.

A Bohemia Nova publicar-se-á, com toda a pontualidade, nos dias 1 e 15 de cada mez.

O nosso agente no Porto, que está encarregado da cobrança n'aquella cidade, é o sr. Joaquim Arantes Pereira, morador á rua do Pinheiro n.º 62.

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Em todo o paiz: trimestre	500 réis
Paizes da União Postal; trimestre 4 francos.	720
Brazil: trimestre.	1$200
Numero avulso	100

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe — DR. FAUSTO

Para começar

Em Coimbra não ha propriamente vida litteraria, embora haja uns restos de vida academica, que as qualidades excepcionaes da terra hão-de constantemente manter.

Foi tempo. E' já banal fallar-se n'estas coisas:—nas gerações onde brilharam os nomes de tantos homens illustres que hoje occupam os primeiros logares na litteratura, na sciencia, na politica, na magistratura...

No emtanto, sempre que um jornal em Coimbra apparece, é preciso recordar todos esses nomes que deram um pouco de lustre e de relevo intellectual á chamada academia coimbrã.

Hoje, em Coimbra, não ha bohemia litteraria, nem cenaculo, nem jornal, nem coisa nenhuma: ha, pura e simplesmente, rapazes que escrevem e que publicam os seus escriptos nos diversos jornaes do paiz. N'estes ultimos annos, uma revista litteraria que aqui appareça, não dura mais de tres mezes: — e já é um caso raro. Houve, por exemplo, a *Academia de Coimbra*, que durou justamente esse trimestre. Estava então parte da academia illustrada um pouco effervescente com ideias e planos de progresso e de levantamento moral. Aquelle jornal tinha elementos de primeira ordem para se sustentar: rapazes de talento, trabalhadores e enthusiastas; e na parte financeira, um razoavel equilibrio, ao que parece. No entanto, ao fim dos tres mezes fatidicos, deu a alma a Deus. E o mesmo tem acontecido com os variados jornaes que n'estes ultimos annos ahi teem apparecido.

Da *Bohemia Nova* pode dizer-se o que se diz em todas as apresentações de gazetas:— vem a preencher uma lacuna. A razão é porque, no momento actual, não ha em Coimbra um unico jornal academico.

Mas a *Bohemia Nova* não vem nem pretende amparar a decadencia intellectual de Coimbra, crear uma nova vida, uma nova bohemia litteraria. Não quer ser orgão official da academia, nem pensa em tomar uma exagerada e inconveniente côr local.

A *Bohemia Nova* vem apenas offerecer aos rapazes que escrevem as suas columnas; e com o estimulo de que lá por fora se apreciem, reunidos, os elementos litterarios e scientificos de que aqui dispomos—vamos a ver se um pouco de enthusiasmo faz nascer em todos a vontade energica de trabalhar.

Porque a producção litteraria aqui não é tão grande que possa encher quinzenalmente um jornal de dezeseis paginas, temos de recorrer tambem a escriptores estranhos; procuraremos, no entanto, de preferencia, a collaboração dos novos, e havemos de ver se conseguimos, por minuciosas chronicas do paiz e do estrangeiro, pôr os nossos leitores a par do importante movimento litterario e scientifico que por toda a parte chama a attenção dos espiritos illustrados.

E' um jornal de rapazes de hoje, a *Bohemia Nova*; procurará ser tambem um jornal de ideias modernas, de orientação moderna, de modernissima eschola.

E' escusado dizer, por ultimo, que contamos alongar a nossa vida um pouco alem do trimestre fatidico; assim nos não falte a boa vontade de todos os que presentemente nos auxiliam.

Dito isto, está feita a apresentação do jornal, sem grandes promettimentos nem attitudes graves e dogmaticas que não nos diriam bem. E' com simplicidade que fallamos — e com franqueza. Com esta simplicidade, e com esta franqueza, esperamos ser bem recebidos por todos.

Mais nada. A Redacção.

Chronica

Descripção de Coimbra pelo conselheiro Accacio.—Opinião do chronista.—O João das Iscas, as gerações passadas, e a lição de um critico.—A força da tradição.—Coimbra, ou a terra dos caranguejos.—Se aqui fosse o paraizo!....—As botas de sola e vira nas suas relações com o progresso.—Episodio de um estrangeiro, ou a acertada resposta de um «ciceroné» (comedia em um acto).—Minerva!... Em como se pinta uma Coimbra phantastica, com suas vantagens e desvantagens.—Desillusão final.—

«Reclinada mollemente na sua verdejante collina, como odalisca em seus aposentos, está a sabia Coimbra, a Lusa Athenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe de amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancolicos trilos...»

Desde que o conselheiro Accacio escreveu estas phrases memoraveis, até hoje, estou convencido de que Coimbra, como terra de bonitos arredores e como fóco de bachareis-formados, tem feito uma differença por demais insignificante para ser digna de menção.

Effectivamente, é fóra de duvida que a Universidade continua a ser, como nos tempos do bemaventurado conselheiro, o *asylo da sabedoria*. O rouxinol e outras aves menos poeticas continuam a trilar melancolicamente no bem conhecido salgueiral. A mocidade estudiosa continua, *em sua linguagem folgazã*, a chamar *cabra* ao sino da velha torre. Na ponte, a dita mocidade, se não requebra galantejos com as ternas camponezas que passam, é que continua a cahir na asneira de resolver em suas mentes os problemas mais arduos dos seus bem elaborados compendios e das suas mui ponderosas sebentas. E finalmente, é indubitavel ainda que os briosos moços, cujos innocentes recreios Accacio pinta com mão de mestre—continuam a ser esperança da patria, para serem a breve trecho, mercê da sympathia nacional, legitimos paes da supracitada senhora.

Não querem decerto que lhes dê, em estilo um pouco mais moderno, estas mesmas impressões. Eu teria então de trazer para aqui effeitos imprevistos d'estes bellos luares de janeiro sobre as aguas mansas do Mondego; seguiria bordando imagens a canotilho e a missanga sobre o rubro dos poentes, quando o sol cae por traz das collinas azuladas e nitidas no ceu; e concluiria, n'um arrebatamento ultimo de convicção, celebrando, a guizalhadas de rhetorica, toda a importancia e toda a consideração do edificio universitario, desde os seus pulpitos mais fradescos até ás suas tradições mais venerandas.

Ha um outro assumpto de que se pellam por fallar todos quantos moços escriptores tem a suprema gloria de annunciar ao mundo pela bocca dos jornaes de provincia e em chronicas impantes de união academica—que são, com o maior aproveitamento, alumnos eximios da Universidade. Este assumpto, pisado e repisado por mil e uma gerações de chronistas, é a passada bohemia coimbrã: os tempos em que o João Penha, de monoculo assestado, tinha duellos a epigrammas com o Guerra Junqueiro; em que o saudoso Crespo, por noites de luar, ia em guitarradas alegres para as tascas então no gosto da academia.

Eu mesmo, uma vez, numa chronica que perpetrei, incorri no supremo delicto de fallar d'estas coisas. Foi aqui ha um anno, eu era novo em Coimbra, conhecia mediocremente a terra e queria *poser* de desilludido. Fallei muito no João das Iscas; imaginei—vejam a ingenuidade!—que este bom homem tinha tido palestras varias com o sr. Guerra Junqueiro; aprouve-me conjecturar que as celebradas iscas, para mim que nunca as comi, e para quantos doirados bohemios tomaram indigestões d'ellas,—eram propriamente iscas de bacalhau.

De tanto calumniar o *menu* celebre do João das Iscas, e de tanto adulterar a verdade historica, houve um critico meu amigo, e mais amigo da verdade, que se zangou;—depois mandou-me biographias que correm impressas do sr. Eça de Queiroz, do sr. João Penha, do sr. Guerra Junqueiro,—para me informar, o mais caridosamente possivel, dos verdadeiros nomes e dos verdadeiros proprietarios d'essas locandas immorredoiras onde se celebraram os ágapes mais monumentaes e mais patuscos de que a historia reza!

*

Nem admira, bem o comprehendem os senhores, que a chronica perca toda a vivacidade e toda a aza, n'este ar poeirento de velho abysmo de Minerva a que a sua alçada se restringiu; no meio de uma terra que não progride, e que, sempre a mesma, deixa sempre tambem as mesmas impressões e abunda sempre nos mesmos ridiculos.

A isto de não progredir, deu-se cá, com mais ou menos propriedade, o nome de tradição:—a qual se ostenta como pergaminho de nobreza. É uma tolice como qualquer outra. O que eu lhes posso affirmar, é que se o paraizo terrestre tivesse sido aqui nos campos do Mondego, se tivesse sido ali á matta do Jardim Botanico, entre os laranjaes, que Eva colheu o pomo da arvore do mal,—esta terra é tão fiel a tradição, que, muito naturalmente, nós continuariamos andando nús, como os nossos primeiros paes, mesmo sem a classica folha de videira pundonorosa e casta!

Em vão a sciencia caminhará, e as artes e as industrias progredirão cada vez mais; em vão as distracções se tornarão mais frequentes, e se levará ao requinte o conforto e a commodidade; em vão, por toda a parte se ha de apurar o gosto, e fazer com Brillat-Savarin a apologia do perú truffado e de outras delicadas coisas; o charuto de tostão, o caro *breva*, o brando e ameno La Ferme chegarão a ser

uma banalidade. Emquanto todos estes progressos se effectuarem, com rapidez e com vida, Coimbra ficará a um canto, resonando alto a sua somneca de velha cachetica, com a sua altivez doutoral e com as suas arrufadas, com o seu rapé meio-grosso e com os seus palitos,—com a sua Universidade e com a sua capa e batina!

Por muito que os seculos se dobem, que as edades caminhem, que as epochas se succedam – Coimbra terá a suprema habilidade de ser de muita dura, como as grossas botas para inverno de sola e vira. Os nossos vindouros, que viverem no seculo xx, no seculo xxx, no seculo dois mil, hão-de levar canelão á Porta-Ferrea, emquanto novatos, como nós; hão-de, como nós, arrastar uma vida miseravel atravez dos cinco annos da formatura; e, ainda como nós, hão-de ter por unicas distracções, por unicos recreios, por unicos passatempos—o eterno largo da Feira, o eterno caes, a eterna Estrada da Beira, e o eterno Jardim Botanico!

Esta Minerva de mil demonios, boa rapariga, esculptural de formas, muito desejada pelos janotas da terra, ahi uns seculos antes da era de Christo, teve a detestavel resolução de ser immortal na velhice. Eil-a ahi está—ha que annos!—de mantilha de renda, careca, vesga, toda doutora, senhora do seu nariz e do seu rapé! Vejam-a no ar com que nos declama abominaveis latins; no aspecto que toma, quando nos impõe as velharias do seu traje e os anachronismos da sua sciencia; no triste cheiro que espalha, quando se lembra de arejar um pouco as suas tradições, velhas de tantos annos de encarceramento entre as quatro taipas apodrecidas de uma velha arca secular.

De sorte que se um *touriste*, estrangeiro e curioso, fleugmatico e observador, tomar a resolução de vir passar dois dias a Coimbra, para ver essa celebre terra de que outr'ora tanto se fallou,—não encontra mais do que a carcomida, do que a encarquilhada velhota, de oculos e espirro engatilhado. O estrangeiro, naturalmente, ao passar, deita-lhe o seu monoculo; e se pergunta risonhamente para o *cicerone*:

—Quem ser esta velha dama?...

o *cicerone*, se é esperto, não tem senão de chamal-o de parte, e dizer-lhe, com a mesma affectação do Ega, nos *Maias*, a arrolhar a curiosidade de um jornalista qualquer coisa:

—Minerva!

Ao que o estrangeiro, estou certo d'isso, ficará meneando pasmadamente a cabeça, boquiaberto, cheio de admiração e cheio de somno!...

*

Eu ponho-me ás vezes a imaginar, em horas raras de phantasia e de sonho, uma nova Coimbra toda lavada e toda moderna, onde a gente passasse uns cinco annos a aprender e a divertir-se, e de onde se sahisse porfim bacharel-formado, com alguma sciencia util e exacta, positiva e pratica, e sem o ar pacovio e *gauche* de quem, durante a formatura, nunca soube conversar um pouco intellectualmente, nem nunca teve outras cogitações que não fossem as do tamanho da sebenta e as da influencia do canelão sobre a educação academica dos caloiros.

Essa Coimbra nova desenha-se na minha imaginação com todas as galas de uma cidade feita de encommenda. Vejo-a com ruas arejadas e largas, e com casas hygienicas, cheias de luz; com um edificio universitario moderno, confortavel, alegre, onde um professor sympathico fosse de vez em quando palestrar com os seus discipulos, e ensinar-lhes coisas uteis, numa prelecção simples e clara, concisa e exacta, sem atavios de estilo nem gastas flores de rhetorica.

Na nossa educação não haveria nada de monastico nem de medieval, no nosso traje seriamos simplesmente rapazes do nosso tempo. A capa e a batina, a sebenta, os velhos livros feitos num latim insupportavel ou num portuguez hirto e classico, desapparecem de todo no decurso da minha phantasia. Vejo trajes modernos, vestidos com um pouco de gosto, e livros claros, bem escriptos e bem impressos, cujos textos não levassem seculos a decifrar, a repetidas dozes de hermeneutica e de erudição.

Depois, essa Coimbra phantastica teria theatros, teria passeios, teria *clubs*: levar-se-ia de aqui a educação do mundo e da sociedade, conjunctamente com a sciencia e com a carta de bacharel. Saberiamos como se está diante de uma senhora, assim como saberiamos a maneira mais correcta de interpretar a lei. Comprehenderiamos de uma vez que não é mais essencial a um homem saber direito, do que ter um pouco de distincção nos habitos e nas maneiras.

Vão dizer-me que numa terra assim, cheia de divertimentos e de logares onde passar bem o tempo, a rapaziada se entregaria á mais descuidada e á mais perturbadora cabula: de modo que, no fim do anno, em vez dos *nemine*, dos *accessit* e das distincções, haveria apenas um grande R a alastrar-se prodigiosamente, como numa epidemia de que se não escapa. Mas a minha phantasia, com ser muito arrojada, é muito preventiva. E eu, com esta monotonia da vida actual, vejo que os rapazes se gastam pela batota, ou por somnolentas biscas caseiras, á luz de tristes candieiros de azeite; vejo que estas floridas esperanças-da-patria perdem a sua noite e esquecem a sua hygiene, por causa de citações de espavento e de textos eruditos e inuteis, que é preciso decorar, unica e exclusivamente para dar boa lição...

E' depois d'esta dialectica toda que eu me lembro pela segunda vez de que Coimbra nunca mudará; de que a Universidade ha-de ser sempre a Universidade; e de que o nosso povozinho considerará sempre como uma gloria ter na familia um filho, um primo, um simples parente em segundo grau—que tenha conseguido, ao cabo de dez ou de vinte annos de estudo aturado e macisso, obter a carta de bacharel em leis!...

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Ode

AOS RAPAZES NOVOS

(EXCERPTO)

. . . . . .

Companheiros! ouvi as phrases que vos digo:

Vem assomando o sol a pouco e pouco,—o sol
Que faz tingir a vinha e faz córar o trigo.
Erguem-se as aves: foi deitar-se o rouxinol...
Os passaros gentis, vindos á luz este anno,
Andam em bando, aos mil, n'um labutar insano,
A aluir, a desfazer com o biquito e as azas
Os ninhos virginaes, as suas aereas cazas.
Apagam-se de todo os astros,—pyrilampos
Que scintillam do céu, nos azulados campos...
Nas solidões do oceano, o luar casto e bemdito
Morre, dizendo á terra o seu extremo adeus:
Prezo na jaula, o mar—esse leão maldito,
Levanta o dorso espumeo á abobada dos céus,
E o sol, o claro sol irrompe no infinito,
Como a velha cabeça aureolada de Deus!
Morreram as visões do sonho e da chymera,
Porque morreu, tambem, a lua desmaiada,
E a aurora, a eterna flôr da eterna primavera,
Desabrocha no azul, vermelha, ensanguentada,
Como se algum Titan apunhalasse a esphera,
Como se alguem nos céus vibrasse uma facada!

Quanto é formoso isto!
O céu é de rubins, como o lençol de Christo!...
A terra nada em luz: tem uma côr de festa!
Parece, até, meu Deus! que em cima da floresta
Caiu o sangue hostil de tragicas batalhas.
Os montes vêm-se, além, a arder como fornalhas,
Onde se incinerasse o corpo d'um gigante!
Os cravos do jardim parecem, n'este istante,
Os cravos com os quaes pregaram, n'uma cruz,
Os frios pés e as mãos, tam brancas, de Jesus...
Os morangos sensuaes parecem corações
Esfaqueados, vertendo o sangue aos borbotões
E lagrymas de fogo as cerejas vermelhas!
Nas amplidões do valle as fulgidas abelhas
Andam chupando o mel e a virgindade ás rosas...
Sente-se palpitar o coração das Cousas,

E o vinho da alvorada, em crispações doiradas,
Tombando do infinito, ás ondas, ás golfadas,
Embebedando o azul, a terra, o mar profundo,
Entorna-se do céu sobre o lagar do mundo!

Ah, que admiravel luz essa que innunda a Terra!
Ah, que alegria vae por esse mundo fóra!
O céu azul, o céu as palpebras descerra,
O orvalho luminoso e avelludado chora,
E ouvem-se além cantar, como chamando á guerra,
Os gallos matinaes,—esses clarins da aurora!
O sol é alto já. Vae passando na estrada
Com os filhos pela mão um velho lavrador,
De olhos fitos no chão, ao hombro leva a enxada,
E triste, triste, vae fallando, assim: Senhor!
«Em vez de eu ir cavar a terra negra e dura,
Fôra melhor cavar a minha sepultura!»
E, emquanto os pobres vão para o trabalho rude,
Sem forças, sem amôr, sem alma, sem saude,
Deixando o lar amigo, á voz da cotovia,
Para ganhar em troca o pão de cada dia,
O que fazemos nós, cheios de esperança e ideaes?
Bebemos, ai de nós! fumamos—nada mais!

Meus amigos, ouvi estas palavras francas:
Aguias de luz, abri as vossas azas brancas
E desprendei o vôo altivo para o espaço!
Quaes guerreiros, vesti as armaduras de aço!
Collae-as bem a vós, para que não sintaes
Cravarem-se no peito as flexas e os punhaes!
Vamos! erguei-vos para a sanguinosa lucta,
Que todos luctam, crêde: o mar perfura a gruta
E as ondas, acolá, cançadas de luctar,
Estorcem-se na areia e voltam para o mar!
Luta o condor no espaço e a pomba na deveza,
Luta o simples, o bom,—e luta a Natureza
N'aquellas noites más, de tempestade e raios,
Em que o oceano tem hystericos desmaios
E echoam os trovões, em descargas cerradas,
Que parecem os céus a rir, ás gargalhadas!
E o glauco vagalhão, que vae de fragua em fragua,
Mar ulha e ferve e salta e não repousa nunca,
Como se uma aguia fôsse á superficie de agua,
Esgravatando o mar com sua garra aduncа...
Lutae! Bebei a luz da raiva Omnipotente!
Até que, emfim, sintaes a vossa alma ardente
A uivar, como os leões, quando os ataca a sêde!
Lêde, ao clarão do raio, a Biblia heroica, lêde!

Tendo na voz os sons do oceanico lamento
E a gesticulação dos pinheiraes, ao vento!...
—Não ha porque luctar,—dizeis. Olhae em roda
E vede: egoismo, dôr, torturas, impiedade,
Chuva de sangue e fel e lagrymas, e toda
A humanidade a rir, em côro... A humanidade!

O' velha Madre-Eterna!
A tua madre obesa é putrida caverna,
Que as tuas obras, crê, filhos que dás á luz,
São filhos de Satan e nunca de Jesus!
Encerras dentro em ti, n'esse teu ventre,—um mundo,
Tudo o que é sujo e vil, tudo o que é baixo e immundo!
N'essas regiões de treva, immensas, infinitas,
Fermentam, noite e dia, extranhos parasitas
De todas as feições e todas as idades,
Lascivos como cães, pançudos como frades!
Tiram a claridade e a limpidez ás Coisas:
Ha mais esterco, alli, que debaixo das loisas...
As grossas podridões, junctas, amontoadas,
Escurecem o azul das noites estrelladas
E formam no horisonte elevações tamanhas,
Que a gente cuida vêr cadeias de montanhas!
Ah, n'essa podridão,—lume que o sol atiça,
Havemos de enterrar a vara da Justiça,
Para medir a altura e vêr se o estrume é bom;
E, caminhando, após, em doido turbilhão,
Manchando, embora, os pés na lama, no monturo,
Iremos estrumar as searas do futuro!
E havemos de lavrar as terras fumegantes,
Tendo na alma anciosa a colera d'um leão,
Com os arados nús, athleticos, gigantes,
Da nossa raiva hostil, da nossa indignação!
E um dia emfim virá, no occaso da Existencia,
N'esse luctuoso occaso em lagrymas banhado,
Que o nosso coração, rosa de pura essencia,
Evolará, sorrindo, o aroma do passado...
Ha-de subir da infancia ás luminosas fraguas,
Ha-de volver á infancia e rejuvenescer,
Como quem vê o sol sumir-se sob as aguas
E sobe aos alcantis para o tornar a vêr!

.....

Coimbra.

Antonio Nobre.

A Historia

A historia, ainda ha poucos annos, vivia em relações intimas com a litteratura, e tinha, nos programmas officiaes, por companheiras inseparaveis, a *amante* rhetorica de Quintiliano e a logica *elementar* do Jenuense e de outros compendios, principalmente *ad usum seminariorum;* insufflava-lhe esta irmã querida o espirito theologico-metaphysico, e aquella, pelo menos, contornava-lhe as fórmas, e vestia-a segundo os caprichos da moda philosophica de escolas rivaes e variegados systemas.

E assim, os mais notaveis historiadores, aquelles mesmos que tomaram para si, ou receberam dos seus contemporaneos, ou mereceram á posteridade o titulo augusto de philosophos, esses mesmos animaram os seus trabalhos de um principio vital que lhes aprouve escolher, e, consoante a elle, deram a fórma que mais lhes agradou ás suas obras. Umas vezes é o *misticismo* theologico e essa especie de fatalismo metaphysico de J. B. Vico, procurando subordinar ás combinações subjectivas do seu pensamento e ás creações phantasiosas da sua imaginação atrevida, a que elle dá o nome de leis e de *sciencia nova*, a realidade dos factos, coordenados em syntheses mais ou menos arbitrarias.

Outras vezes é o *naturalismo* poetico e sentimental de Herder e, até certo ponto, de Michelet e E. Pelletan, querendo encadear, por analogia, a evolução historica de certos povos e da humanidade no movimento geral da natureza. Tudo lhes serve: o curso dos astros, a formação do globo, o fluxo e refluxo das marés, as epochas ou edades geologicas da terra, a alternação das estações, — são, por comparação e analogia, outras tantas leis que dominam e regem o desenvolvimento historico das nações. Traçando e colorindo, com o artistico pincel da mais aprimorada litteratura, quadros maravilhosos, pretendem fazer á historia o que Bernardin de Saint-Pierre fez á natureza.

Uns, como Bossuet e Chateaubriand, são elevados pelo mysticismo catholico e pelo sentimentalismo christão, traduzidos em uma fórma attrahente e fascinadora, ás mais sublimadas e reconditas regiões da metaphysica religiosa, nas quaes *o fatalismo providencial* impelle e dirige os preestabelecidos destinos de cada povo e da humanidade em geral.

Outros, e d'esses é o maior numero, forcejando por desprender-se do empyrismo vulgar e grosseiro da «narração dos factos», vão cahir no ecclectismo esteril e na erudição balofa da «exposição ligada e discursiva dos acontecimentos verdadeiros, para instrucção da humanidade.» Taes são Millot, Rollin, Cantu, Guizot, Thiers e muitos mais.

Estes viciosos processos, esses falsos criterios, tão inapropriadas formas de tratar os assumptos historicos ainda vigoram entre nós, comquanto se tenha consideravelmente melhorado o nosso estado mental. Os trabalhos de Alexandre Herculano, posto que representem um grande progresso, uma opulenta conquista, e, como trabalhos criticos, revelem, em um grau elevado, o espirito metaphysico de rebellião contra as imposições theologicas e intervenções do sobrenatural na evolução historica portugueza, accusam, ao mesmo tempo, em aquelle infatigavel explorador, a mais lamentavel inopia de bases e elementos scientificos, e denunciam a carencia quasi completa do verdadeiro criterio positivo. Bem o presentiu, e por fim reconheceu, elle proprio, penitenciando-se d'essa enorme falta no retiro e na solidão de Valle de Lobos.

E em verdade, se pelo lado critico, Alexandre Herculano se nos apresenta e avulta como revolucionario ingente, demolidor audacioso, iconoclasta desapiedado de falsos idolos e suppostas divindades, pelo lado scientifico, nos apparece como doutrinario, armado com esse apparatoso ecclectismo incoherente, que lhe inoculou a leitura dos livros do seu predilecto mestre Guizot, de Thiers, de Cantu, de Schoeffer e de quantos, a torto e a direito, arrotearam o campo, e rasgaram o caminho, por onde o nosso illustre concidadão devia fazer, na patria, a sua travessia historica, desde o milagre de Ourique até á excommunhão e arrependimento de D. Affonso III, ou, melhor diriamos, desde a formação da nossa nação na Peninsula até ás mais pequeninas especialidades do governo municipal e administrativo nos primeiros seculos da sua existencia.

E foi, em nossa opinião, a tardia consciencia d'esse vicio radical, d'essa lesão congenita irremediavel, e não o desgosto ou o despeito, obsequiosas condescendencias e affectuosas contemplações, o motivo que determinou o nosso primeiro historiador critico a engeitar o filho defeituoso e inviavel das suas excavações archeologicas, e, comquanto sempre victorioso, a depôr as armas apoz tantos certames gloriosos travados contra os preconceitos tradicionaes do vulgo, e contra o obscurantismo systematico dos reaccionarios, que, vencidos na lucta, se refugiaram, como é velho costume, no reducto habitual das injurias e das calumnias, que sobre elle arremessaram desorientados os loucos e raivosos deffensores do ortrocesso.

Outros escrevem a historia como fazem romances, ou compõem dramas; e julgam que, traduzindo ou imitando os livros de Ferdinand Dénis ou de M. Bouchot, conseguem naturalisar producções extrangeiras, nas quaes, se abundam o espirito mercantil do lucro, escasseiam o amor e o zêlo escrupuloso da verdade e a falta de dedicação patriotica.

Tambem alguns, em quem por certo não faltariam capacidade e bom cabedal scientifico para emprehender originariamente magnificas e solidas construcções historicas, se contentam em refundir e restaurar, segundo a moderna sciencia, a convite de qualquer livreiro especulador, as velhas e obsoletas producções de Cezar Cantu, á semelhança d'aquelles emigrados portuguezes, que havendo enriquecido no Brazil, e regressando á patria, carregados de oiro, que-

rem levantar sobre o velho pardieiro ou sobre o arruinado casarão onde nasceram e viveram os seus progenitores, elegante e sumptuoso palacete, segundo a moda e o bom gosto da epocha.

Por ultimo apparecem, e destacam, por entre a multidão, espiritos muito esclarecidos, intelligencias repletas de boa doutrina positiva, e por isso scientificamente bem orientadas e, logicamente preparadas pela nova disciplina, pretendendo alliar as modernas bases scientificas e os novos processos de investigação com a clareza, simplicidade e minudencia, de que, em assumptos historicos, usaram os nossos antigos e mais conscienciosos chronistas. Mas, quando, por exemplo, julgâmos ir encontrar um estudo real e profundo da *mesologia* e da *ethnologia* applicadas a Portugal, deparâmos apenas com umas elementares noções de chorographia e ethnographia portugueza.

No mais, descripções e quadros traçados e coloridos com raro brilhantismo e notavel energia, proprios, sem duvida, para integrar em uma valiosa e deleitavel producção romantica, e nos quaes as surprezas, o imprevisto de um mysticismo theologico, os acasos de um fatalismo brutal e materialista e um como pessimismo systematico substituem as previsões da sciencia e as leis naturaes e invariaveis, que, nas suas relações necessarias de antecedencia, coexistencia e consequencia, regem, e ligam, em um movimento continuo de evolução, os factos passados, presentes e futuros, que phenomenalmente traduzem a vida dos povos, das nações, da humanidade.

E assim é que no fundo de quasi todos os trabalhos historicos, emprehendidos e executados por escriptores portuguezes, encontra-se um precipitado de sentimentalismo romantico, de subjectivismo metaphysico e de providencialismo sobrenatural theologico, diluidos com algumas pequeninas doses de moderno espirito scientifico em um ecclectismo heterogeneo e amorpho, composto de elementos repugnantes, que quando não tenham o desastrozo effeito de nos allucinar ou fazer scepticos, servirão apenas de nos embuir com uma tenue camada superficial d'esse verniz de erudição a retalho, que os doutrinarios sabem manipular nos seus laboratorios *classicos e officiaes*, e expõem em venda recommendados pelos rotulos de reclame e, sellados na junta consultiva de instrucção publica e com a etiqueta carimbada no ministerio do reino.

Sobretudo o *romantismo* e aquillo a que geralmente se dá nome de *litteratura* preponderam em quasi todos os nossos trabalhos historicos, quando além d'isso, o que é frequente, os não corrompem e viciam os preconceitos de seita, de partido, de escola, interesses e conveniencias particulares em suas multiplas e variadas combinações.

Se por exemplo, passâmos immediatamente da leitura de um capitulo da *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano á leitura de um capitulo do *Eurico* ou do *Monge de Cister*, de uma pagina da *Historia de Portugal* de Rebello da Silva para uma pagina da *Mocidade de D. João V*, a transição não se presente; a maneira de escrever é identica, o espirito que vivifica os dous trabalhos o mesmo. É sempre a imaginação a levantar phantasticas perspectivas e a estender enganosas miragens por sobre a realidade dos factos; é sempre um estylo seductor e attrahente ao serviço de sentimentos pessoaes e noções subjectivas.

Pede a justiça que façamos algumas excepções; e a primeira, e bem merecida, em favor do dr. Coelho da Rocha, lente de Direito Civil na Universidade de Coimbra, com relação ao seu precioso livro *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal, etc.* Não a fundamentaremos: por brevidade diremos sómente que o dr. Coelho da Rocha não era litterato, nem poeta, nem rhetorico, nem politico; jurisconsulto e homem de sciencia, segundo a sciencia do seu tempo, foi experimentalista nos processos de investigação, positivo e, por isso, imparcial na critica, isto é, no modo de ver e apreciar os factos, os homens e as instituições.

Tambem é certo que alguns modernos pensadores se têm esforçado por emancipar-se dos velhos preconceitos e viciosos habitos, herdados de nossos mestres e transmittidos pela mesquinha e deploravel educação intellectual que nas escolas secundarias e nos cursos superiores recebemos. Honra lhes seja, se bem que ainda nenhum o conseguiu de um modo completo.

Alguem ha que, apesar da sua vasta e complexa erudicção e solida sciencia em todos os ramos, sacrica tudo á fórma, e ainda se curva, reverente idolatra do estylo, perante as já arruinadas aras da velha rhetorica. Outros, por mais que leiam e releiam e soffregamente devorem os productos da escola positivista, e procurem refazer o seu espirito e renovar o seu estado mental na philosophia comteana, segundo os commentarios e glossas de Littré e de Wyrouboff, não conseguem apagar nos seus escriptos historicos as gratas reminiscencias de Vico e Michelet, seus primeiros mestres; e o mysticismo theologico e metaphysico d'aquelle e o naturalismo sentimental d'este a cada passo repontam no caminho, para denunciar as raizes, que o machado innovador da critica positiva, cortando o tronco, não pôde expungir.

Felizmente a historia vae-se hoje estreitamente ligando, em indissoluvel consorcio com a sciencia desde a mathematica até á sociologia, cortando com a metaphysica e com a rhetorica essas relações illegitimas e estereis de bons fructos, relações que o desenvolvimento do espirito homano foi afrouxando cada vez mais, e, por fim, ha de annullar completamente. A historia tem hoje por elementos organicos da sua constituição sómente aquelles que lhe fornece a realidade verificavel dos factos, e por unicas fórmas aquellas que lhe vae ministrando a phenomenalidade evolutiva que traduz, na sua complexidade crescente, a vida progressiva das sociedades, e a civilisação cada vez mais opulenta da humanidade no seio da natureza.

Coimbra—1882. DR. EMYGDIO GARCIA.

Introducção de um livro

O' duvida sombria! O' misera descrença!
Deixae-me avoejar na vastidão immensa
O triste coração adormecido e gasto.
A mocidade é pura e o céo azul é casto.
Deixae-me germinar á sombra da esperança
A doce flor azul dos sonhos de creança.
De tanto aroma bom, de tanta seiva agreste,
Não creio que se forme a rama do cypreste,
Cuja sombra fatal me tem acompanhado,
Enchendo-me de gelo o peito amortalhado
Na alvura de um lençol tecido pela dor,
Banhado pelo pranto e lagrimas de amor.

Responde, esmagadora, ó duvida sombria!
Porque é que condemnaste á misera enxovia,
Ao carcere do mal, a minha mocidade
Hilariante e viva e simples de bondade?
Porque ha-de o pensamento accorrentado e absorto
Subir allucinado e fraco e sem conforto
Os funebres degraus de um cadafalso atroz,
Onde a miseria é guarda, onde a descrença é algoz?

Responde, esmagadora, ó duvida cruel!
Porque ha-de assim passar em pavido tropel,
Num doido turbilhão que tudo vence e alaga,
Como as ondas no mar que o furacão esmaga,
O bando juvenil das minhas illusões,
—Como o seio de um lyrio ao sopro dos tufões?!
Porque ha-de a minha vida assim, quando germina
A casta flor do bem, subir á guilhotina
Da magua e da tristeza, onde o cutello arranca
A's profundezas da alma, a urna casta e branca
De uns segredos d'amor que andava construindo,
Constantemente san, constantemente rindo,
A' doce luz da esp'rança, a minha phantasia?!
Responde esmagadora, ó duvida sombria!...

Ergue-se a luz do sol, desce mansinha a noite.
E sempre a mesma febre, e sempre o mesmo açoite,
Crestando-me no labio a rubra flor da vida,
Rasgando-me sem dó a carne amortecida!
As mesmas pulsações freneticas, ardentes,
Successivas, fataes, allucinadas, quentes,
Apressando talvez o derradeiro instante,
—Assim como se acaso á vida exhuberante
De toda a natureza, apenas lhe faltasse
A força do meu peito e a côr da minha face.
D'esta avidez cruel da propria natureza,
Nem eu sei se me ria ou encha de tristeza.

Oh casta flor do Bem, oh minha mocidade,
Enche-me o coração de luz e alacridade,
E deixa-me viver. Eu quero amar alguem,
Eu quero ainda uma vez, em triste romaria,
Beijar serenamente a campa humida e fria,
Onde repoisa agora a minha santa Mãe!...

PINTO DA ROCHA

De Paris

PREAMBULO—DE LITTERATURA E CRITICA—O QUE SE ESCREVE, O QUE SE LÊ E O QUE SE VÊ—O VELHO *«quartier latin»* E O MODERNO *boul'miche*—A EVOLUÇÃO DA MOCIDADE—A FRATERNIDADE HUMANA.

Acabo de ser convidado por esse punhado—brilhantissimo *clan*—de excellentes rapazes que dirigem a BOHEMIA NOVA, para que lhes envie, quinzenalmente, uma chronica de litteratura, de sciencia e de movimento artistico, uma especie de relatorio intellectual de Paris. Hão de confessar, isto aqui entre nós, que a tarefa é diabolicamente difficultosa. Resumir, n'uma simples columna de prosa sem arrebiques de forma nem chinezices de modernismo, tudo quanto se viu, se leu, se escreveu, se pintou ou se representou n'uma cidade que não é positivamente o Cartaxo nem Maçãs de Dona Maria, mas que se chama Paris—que diabo, é um pouco duro!

Mas emfim—não me quero esquivar a um pedido que me é feito, do fundo d'essa gloriosa cidade de Coimbra, onde palpitam os corações novos de velhos companheiros e amigos; d'essa boa e generosa terra d'onde sahiu ha annos a geração tão arrojada e tão grande de 1864—da *escola coimbrã* que nos deu Anthero do Quental, Guerra Junqueiro e João de Deus, um triumvirato capaz de revolucionar o Olympo inteiro, e d'onde sahiram egualmente os nossos Mestres, os que nos emanciparam na Arte e na Sciencia: Theophilo Braga e Eça de Queiroz.

*

O que lhes posso dizer de Paris—onde a attenção publica se acha toda voltada para a aventura politica do *boulangismo*? Depois da invasão dos livros *d'étrennes*, d'essa torrente que sahiu a jorros, das livrarias parisienses, no fim do anno passado, poucos ou raros volumes novos.

Ohnet publicou um romance novo, para as boas noitadas sentimentaes das porteiras e das cosinheiras que formam o grosso da clientella do author do *Maître de Forges*. Outros authores, mais ou menos *genero* Montepin, apparecem tambem nas *étalages* dos livreiros do boulevard...

Edmond de Goncourt, o Mestre impeccavel da *Chérie*, extrahiu um drama em oito quadros da sua tão pittoresca e tão soberba novella *Germinie Lacerteux*. A peça foi representada no Odéon e d'ella dissemos largamente n'uma chronica parisiense para o *Diario Popular*, de Lisboa. O nosso pequeno trecho critico mereceu a subida honra de ser lido por Goncourt—que nos enviou ha dias, n'uma carta de visita, varias palavras que nos enchem d'orgulho.

A extrema esquerda dos novos ha muito tempo que não dá accordo de si! Nada, absolutamente nada—nem de Huysmans, nem de Poictevin, nem de Paul Adam, nem de Moréas, nem de Alexis, nem de Céard, nem de Vidal, nem de Rosny. Uma desolação!

Recebemos ha dias um trabalho d'um escriptor novo, nosso amigo, orador dos clubs politicos de Paris: é a *Philosophie de l'Anarchie*, estudo sociologico, bazeado nas ultimas conclusões das diversas escholas socialistas. O seu author, Charles Malato, é um trabalhador de audacia e de talento.

*

E no *quartier latin*, o bairro das Escholas, o que se faz? Novas revistas litterarias ephemeras, varias rebelliões em botequins, uns estudantes que seguem a tradicção da *brasserie* e outros que sonham largos projectos e architectam phantasias azues no alto de sextos andares inhabitaveis, como os heroes das *Illusões Perdidas*, de Balzac.

Mas que distancia, no entanto, entre o velho bairro e o moderno? A *grisette* já não se contenta com as violetas de Mimi Pinson. Reclama ceia e brilhantes. E' positiva. Entrou tambem na engrenagem do industrialismo. Não lê Lamartine; decora Zola e frequenta os *promenoirs* do Eden e das Folies. O amor para ella já é um *boniment* e sómente *marche pour un louis*...

Eis como a civilisação depravou *boul'miche!*

*

Vae bem distante a epocha em que a mocidade era simplesmente uma fracção nulla no grande aggregado social. Os rapazes divertiam se. Era o tempo da bohemia de Murger, de Musset e, depois, dos *impeccaveis* à Coppée e Banville. Sahia-se das universidades e das escholas superiores, ou para a esterilidade do fôro, ou para os braços d'uma herdeira rica provinciana. Outros, então, iam para o parlamento, continuar a tradicção, afim de remediar ou amparar, com estacas novas, um passado sem significação.

Hoje, outros tempos e outros costumes.

A mocidade estuda os livros dos pensadores novos, e não se deixa estiolar ou reduzir. Pelo contrario. Emancipada hontem do catholicismo, lança-se já hoje, sem hesitação, no estudo aprofundado e serio dos grandes problemas economicos d'este fim do seculo. As barreiras que se levantavam diante dos novos cahiram por terra. E está bem proximo o dia em que todos nós nos possamos entender—com os que estão para alem das nossas fronteiras.

Em Paris lançaram-se ha dois mezes as bases de uma liga fraternal entre os povos de diversas raças. E o concurso immediato veio logo, sem hesitação, da parte da mocidade das Escholas. No grande movimento que n'esta occasião se produz em Italia a favor da paz, a mocidade das diversas universidades italianas representa um papel importantissimo.

Os rapazes novos—os dirigentes d'amanhã—comprehendem perfeitamente a missão que lhes está destinada no seio das sociedades futuras. E preparam-se, com audacia e com sciencia, para cumprir o seu dever. A tarefa é ardua, porque os tempos vão ser cheios d'embaraços e a lucta contra um passado que

se pretende perpetuar além do seu momento historico vae ser terrivel. Mas que importa? Temos o sangue novo e todas as abençoadas illusões que fazem sorrir os velhos; e hão-de ser essas mesmas illusões, temperadas no nosso sangue juvenil, que na cruel crise do futuro nos farão triumphar—em que peze aos descrentes que são os inuteis.

A Fraternidade Humana! o bello sonho dos que se embriagam com as sonoras phrases sentimentaes... Bello sonho, é verdade! Mas deixem-nos sonhar o que amanhã deve ser, pela força das coisas, uma gloriosa realidade...

Paris—1889.

XAVIER DE CARVALHO.

O barão de Lavos

(EXCERPTO)

No dia seguinte, ao almoço, um constrangimento acre molestava os dois esposos, instinctivamente. O que quer que era de vagamente arreliador pairava. Uma turbação rebarbativa de desgosto, de mal-estar, de disputa suspensa ensombrava aquella atmosphera conjugal, na apparencia tão calma. Cada um dos dois tinha o pensamento posto n'um desejo antipoda do seu commensal; e por isso tambem cada um dos dois sentia, n'um absoluto indiscutivel de evidencia, que a tormenta se encastellava rapida e que, inevitavelmente, uma faisca de odio havia de chispar ao incontro d'esses dois antagonismos.

Ambos comtudo se empenhavam, mais por um sentimento de decoro domestico do que por uma razão egoista de prudencia, em retardar quanto possivel a deflagração imminente.

A baroneza, com o corpinho roliço e fresco regamboleando n'um roupão de cachemira côr de grão, infeitado a renda crême, e a grossa trança castanha presa em tôrso negligente á nuca por um grande prego de nikel, transversal, ora mirava as unhas, ora dava pequeninas ordens ao creado de mêsa, ora derivava o olhar n'um passeio alheiado pela sala, toda no cuidado de evitar os olhos do barão. Este para evitar os olhos da baroneza achára recurso mais cómmodo: ia lendo o *Diario de Noticias*, posto ao alto contra o centro de mesa,—quatro gryphos rompantes de prata supportando uma tulipa de *baccarat*, muito elançada, em facêtas, de cujo bordo biselado em ponta se debruçavam doentes, n'um parapeito fôfo de violetas, as primeiras rosas da estação, colhidas no jardim.

O barão estava de fraque, vestido para sair. Mais d'uma vêz tentára travar conversa, sempre sem resultado. Primeiro, leves perguntas banaes:

—Mandáste ao encadernador?

—Mandei,— respondeu ella, distrahida.

—O correio não traria nada hoje?

—Pergunta ao João.

D'ahi a pouco:

—Sempre os Paradellas hontem...

Nada.

Após novo intervallo:

—Não estou hoje nada bem... Tive palpitações toda a noite... E este meu estomago...

A baroneza limitou-se a sublinhar com um risinho incredulo de desdem.

Porfim, quando tomava o café, o barão assentou no jornal a ponta da faca, mantida entre o dedo maior e o indicador da mão direita, e exclamou muito familiar, a querer entrar com sal no dialogo:

—E' bôa esta!... Sempre impagavel de tolice este jornal. Queres ouvir?...

E leu alto, com um bom sorriso conciliador, mas sem fitar a esposa:—Diz hoje a luminaria das cartas do estrangeiro «que visitou em França o Pantheon, edificio destinado a Santa Genoveva, *patrona* de Paris»! e mais abaixo fallando do nosso ministro ali, «é um dos mais esclarecidos e honrados representantes que temos no estrangeiro, *e cuja especie fôra bem util reproduzir* para honra do paiz.»

—E' bôa, não é ?—commentou, rindo.

Porém malevola a baroneza:

—Que semsaboria!

—Achas?

—Decerto,—confirmou ella, n'um giro de ólhos azedo.—Nem sei para que te incommodas a lêr-me isso...—E logo, na previsão do que ia passar-se, para o creado:—Vá almoçar.

—Cuidei que te interessásse... — aventurou o marido.

—Suppões-me mais idiota do que sou.

—O' filha! não é isso...—affagou o barão com a mais affectuosa bonhomia. — Que te interessasse como episodio comico, simplesmente, como assumpto para um boccado de troça, para brincar, para rir.

—Bem, não faltava mais nada. Agora chamas-me creança! — explodiu ella com vivacidade, emquanto arrastava para longe, n'um sacão de arremesso, a chavena de cujo chá bebia os ultimos goles.

D'esta vez o barão, posto em prova, affastou da mêsa o tronco, alto e direito, e cravou na mulher um severo olhar de reprimenda. Mas ella, de cotovelo fincado sobre a toalha, franzir desdenhoso nos labios, a mão cocegando a ponta da barba n'um geitinho impertinente e raivoso, pôz-se a fitar com altiva insolencia uma das rosêtas do tecto e a fustigar o *parquet* n'um bater de pé provocante. Uma trepidação elastica e felina lhe corria o collo, o seio e a face rija e redonda, em cujas venulas ingrossadas se via a fremer e a subir um sangue rôxo, irritado.

De repente, abate sobre o marido as pupillas, crispando desafio.

—Preciso sair hoje... Não me acompanhas?

—Logo vi!... ou eu não tivesse que fazer!— respondeu com impeto o barão.

—Que marido tão condescendente, tão amavel que eu tenho, santo Deus!... Nem de encommenda! —E depois d'uma pausa, n'uma irritação crescente: —Para que me foi tirar a casa de meus paes?... Se me não amava, para que me privou do carinho dos meus? para que me foi arrancar ao coração da minha gente, a minha verdadeira e unica familia, que nunca me contrariavam... sempre promptos a adivinhar-me as vontades, sempre felizes por me encherem de mimos, por me fazerem a vida côr de rosa?... Casou por conveniencia, bem sei... para me tyrannisar absurdamente!—e, com as lagrimas a bailarem-lhe na voz:—O sr. não procurou em mim uma dôce e digna companheira, mas uma estupida e docil governanta; não me quiz para lhe alegrar a existencia e illuminar a alma, mas para lhe determinar o jantar e pregar os botões das ceroulas... Rica vida!

—Elvira, não me impacientes! não me estragues o almoço. Precisas de sair?... Manda recado a tua mãe ou a tua irmã.

—Não são minhas creadas!

—Nem eu!

E ergueu-se pallido, fulo, assentou com força o guardanapo sobre a mêsa, foi tomar o sobretudo e o chapeu do cabide do corredor, e saiu.

Hilares do barulho da contenda, os canarios do lindo viveiro doirado tinham rompido n'uma chilreada escarninha.

A baroneza, depois de immobilisada tres segundos n'um-spasmo de colera impotente, ergueu-se tambem de chofre e foi sepultar-se na *chaise-longue* do seu cantinho predilecto, humilhada, esmagada, fria na epiderme, a chorar, a tremer.

Lisboa.

ABEL ACACIO BOTELHO.

Depois do enterro

Grave dizia os seus latins finaes.
E alli ficava sob a terra escura
O fiel amigo do bom padre-cura,
O parceiro das noites invernaes.

Manhã radiosa. A nora nos quintaes
N'uma dormente inexpressão murmura;
E sob a luz esplendorosa e dura
Sobe tranquillo o fumo dos casaes.

Entanto o gordo e rubro padre João,
Batina aberta, fora do portão,
Limpa o suor, de costas aos jazigos...

E espairecia, absorto, satisfeito,
Olhando, em torno ao presbyterio estreito,
A loira e vasta ondulação dos trigos.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Pela manhã

I

Seis horas da manhã. Um sol d'estio
Enche de animação a feira toda.
Respira-se com gosto um ar sadio,
Longe da adulação, longe da moda.

Vinde aspirar, anemicas meninas,
Deixando por um pouco em paz o amor,
O aroma sem rival das tangerinas
E o cheiro salutar da couve-flor.

Deixae os oratorios requintados,
Onde penetra o verme da molleza,
E vinde prestar cultos consagrados
A' nossa unica santa—a Natureza.

Fechae os livros maus de sensação,
Ponde de parte o panno de *crochet*,
E vinde passear o coração
Para o meio prosaico da ralé.

Furtae-vos algum tempo, de fugida
Ao vigilar severo das mamãs,
Para fixar a vista amortecida
Sobre a purpura doce das romãs.

E então saciareis os vossos olhos
Acostumados só ás filigranas,
Sobre collinas verdes de repolhos
E colgaduras aureas de bananas!

II

Que movimento vai na feira! Agora
Passa um grupo fogoso de rapazes;
Adivinha-se e sente-se, de fóra,
O contheudo fresco dos cabazes.

Passam criadas sobraçando ceiras;
Um mendigo declama os seus queixumes,
E ouve-se o côro egual das regateiras,
A fazerem réclame aos seus legumes.

Fazendo sortimentos colossaes
Com uns modos tyrannicos, crueis,
Véem-se impertigados e boçaes
Os criados solemnes dos hoteis.

N'um pequeno açafate sobraçado,
Uma pobre mulher de branca tez,
Reune um farnelzito destinado
A alimentar-lhe a triste viuvez.

No seu olhar que o coração nos corta
E onde se espelha um duro padecer,
Ha qualquer coisa de miseria á porta
Com filhos a pedirem de comer.

E ella lá vae, desalentada e doce,
N'um passo vagaroso, irresoluto,
Espalhando no ar a sua tosse
E a tristeza pungente do seu lucto.

AGOSTINHO CAMPOS.

D. Gil

Agora, sentada n'aquelle banco de cortiça achamboado e musgoso, sob a grande magnolia, ella tinha saudades do primo, que se fôra embora ao acabar das ferias—e lembrava-se com melancolia das tardes do verão, que ambos passaram alli, deliciosamente. Parecia ouvir ainda a voz cantante, embaladora, do D. Gil, a contar-lhe as coisas d'este mundo phantasiosamente — um novo mundo que ella nem sonhara lá no convento, na mansidão d'aquella sua erma existencia, vivida ao largo... E, assim, um tudo-nada elle lhe espairecia as nostalgias do seu doce outro-tempo passado.

Era tambem, áquella hora da tarde, que o primo —um arroubado, lyrico poeta que adorava a lua e as bellas flores d'abril—, lhe recitava versos lindos e deleitosos que toda a enlevavam e amolleciam n'um adormentamento languido.

Ella pairava longamente olhares lentos por sobre as coisas abatidas n'uma desolação d'outomno. Na encosta defronte, o arvoredo erguia-se n'um abandono, de ramarias a esbracejarem, esqueleticas, desfolhadas ao vento. Pela campina larga, desnudada, sem verdes, ia o riacho fugidio a farfalhar sonoro nos penedos deslavados; e, ás margens, os choupos fugiam no ar, esguiamente, atirando do topo gestos de desespero, como se fossem os seus gestos derradeiros, ao tombar melancolico da sua folhagem cinzenta. Já o sol ia morrer, ao fim da sua estrada de luz pelos céos fóra—ia morrer como um heroe vencido: apenas, á flor do horisonte, radiava uma soberba coroa d'oiro, que desapparecia serenamente—parecendo ter n'aquelles ultimos brilhos um adeus saudoso á sua passada vida opulenta de gloria. A espaços, no poente, nuvens dispersas em pequenos farrapos flammejavam, como labaredas lambendo o azul; e as vidraças, ao sol, incendiavam-se em brazas vivas. Já a côr do céo ia desmaiando—e como que uma grande nuvem pardecenta lá se diluia, esbatendo-se pouco a pouco. Vinham descendo, lentos e vagos, os silencios do crepusculo: apenas murmurios d'agua flebeis, dolentes ao longe; alguma canção distante de camponeza, á volta do trabalho, vibrando atravez a serenidão do ar quieto; um fremito por sobre tudo, brandamente. Parecia n'um recolhimento contemplativo a grande alma da natureza.

Aquella melancolia, que envolvia tudo, penetrava-a mollemento, n'uma doçura torporosa.—Ah! bem dizia o primo D. Gil... No outomno, no outomno é que o rouxinol devia cantar, quando a natureza, como uma flor fanada, sorri pallidamente e por sobre ella vagueia a nostalgia do sol estival: era então que elle devia cantar as suas canções trilladas, na terna dolencia da sua alma triste — a sonhadora alma d'um poeta lyrico...

Até, por signal, n'esta occasião, ella disse ao D. Gil, querendo ser-lhe agradavel:

—Uma alma como a sua, primo... O primo tem uma alma de rouxinol...

Elle agradeceu, sorridente, na sua vozinha cantante.—Oh! sempre a prima dizia coisas... Aquillo era uma fina, immerecida lisonja da sua parte...

E, agora, ao entardecer,—só algum passaro, zigzagueando, passava a hilariar os seus cantos do grande ar livre—ella achava discordes estas puras notas alegres. No outomno, no outomno é que o rouxinol devia cantar...

Ao longe, na encosta de leve pendor, serpentinas de fumo espiralavam-se das chaminés rusticas dos casaes, até se alastrarem pelo ar fôsco, nevoentamente. Ella perdia os olhos meio adormecidos, no espreguiçamento voluptuoso do fumo alvadio, pensando no primo.—Se elle estivesse alli, ao pé d'ella, a dizer-lhe versos, como d'antes!...

D'antes, emquanto o D. Gil fallava, vinham-lhe as recordações do con ento, cariciosas, a sorrir-lhe n'uma melancolia nostalgica. E, então, lembrava-se da boa tia-freira, que lhe queria tanto—e que morrera, coitadita!... Foi ella quem lhe ensinou a pôr as pequeninas mãos direitas a Deus, e a temer todos os santos do céo...

Os annos apagaram-lhe a saudade da pobre mãe morta: sómente se recordava de a ver estirada no caixão negro, á luz agonizante de duas tochas postadas a cada lado, que lhe punha uns laivos tremulos e tristes na face serena, empedrada na immobilidade livida d'um marmore; e tambem lhe esqueceu o jardimzito, onde brincava borboleteante, pipiando frescos jubilos d'ave.

Foi crescendo... flôr setinea de petalas nevadas, como lhe dizia o primo,—que lhe admirava o «alvo, doce rosto das santas de marfim...

No seu ar, que a melancolisava, nunca lampejou a claridade jovial da alegria das creanças. Parece que o coração se lhe marmorisara sob todo aquelle silencio sombrio do austero claustro, onde só se ouviam as orações murmuradas, e onde a luz do grande dia era um mortiço clarão tristonho e baço.

E lembrava-se das novenas—quando ella entoava, com a sua voz que retinia como os crystaes, nos coros sagrados reboando pelo ambiente incensado da egreja; e das confissões aos sabbados... Era aos sabbados que ella se confessava, contricta, ajoelhada aos pés d'um padre ventrudo e sujo, enfoado na indecente batina, toda n'uma nodoa sebenta que se alastrara,—como um anjo bom aos pés de Satan, a dizer-lhe coisas sem macula d'uma alma lyrial, coisas virginaes... que eram peccados. A penitencia... Ella tambem tinha penitencia. Cumpria-a como um desabafo alliviador: aquelle Deus terrivel e vingativo, que o padre lhe mostrava com o olho arregalado, omnividente, parecendo penetrar além do firmamento—era um Deus-papão, que lhe punha medo...

Mas, para ella, aquelle foi um tempo formoso, que agora se lhe erguia no passado como uma apparição carinhosa e querida.—Ah! se a tia-freira não tivesse morrido...

E o D. Gil fallava, melodiava sempre. Oh! elle bem comprehendia aquella saudade immensa: era como quem, do fim da vida, revê a mocidade longinqua—mocidade côr d'anil, que canta em notas d'oiro e sorri os luminosos sorrisos do rosicler das auroras... d'abril Comprehendia bem que tivesse ainda vivas as recordações do convento; mas era melhor esquecel-as—essas brancas illusões revoando, revoando candidamente pelo azul pallido d'um horisonte distante... Cá fóra, a prima havia, por certo, de estranhar a completa mutação de scena, havia de sentir um offuscamento—acostumada à paz d'aquelle tumulo onde se vivia... vivia celestemente no mysticismo santo das almas purissimas... Cá fóra—o céo mais azui, esgazeados horisontes ao largo, tudo cheio de luz e de canticos! Ella, por certo havia de sentir um offuscamento...

Vinha a noite, silenciosamente. Limpida e serena, a lua elevava-se n'um extase religioso.

Quando o D. Gil a via despontar, parecia que um dos seus raios se lhe coava na alma e todo o enlanguescia. E recitava, então, os olhos pasmados no céo, onde se diluiam uns tons perola, e estrellas perdidas rebrilhavam como incrustações lucilantes d'oiro pallido.—Ah! a lua... Assim, branca, errante, era como a querida imagem da sua doce amante na noite triste do seu coração... A sua amante!—virgem bella de negras ,mui negras tranças, que no rosto tinha a alvinitencia fria dos marmores... e que elle quizera ver divinalmente envolta n'uma tunica azul tirada do céo estrellado!—mais esplendida assim que as radiosas princezas dos contos da Arabia...

E, muitas mais coisas, almiscaradas e adocicadas coisas pingando pegajosamente, como assucar em ponto, da glote meliflua do lyrico, delirante D. Gil. A lua e a sua amante eram para elle uma adoração e um logar commum.

Rosalia... A prima do D. Gil chamava-se assim. Rosalia sentia cada vez mais saudades do primo. —Elle tinha um doce modo... Era tão meigo! E com que respeito, e com que enthusiasmo tambem, elle fallava de Jesus de Nazareth e da Virgem Maria! Tinha palavras suaves e lindas. uma expressão adoradôra, os olhos erguidos ao ceo e molhados d'uma ternura d'extase, parecendo vêr deante o Deus crucificado, lanceado, lamentavel, ou a mãe dolorosa, santa Maria, cheia de lagrimas—a fitarem-no tambem com olhares limpidos como a alma dos justos, d'uma luz mansa e triste, como vinda do céo...

Depois, o D. Gil affirmava à prima que, no fundo. era um mystico... Que, às vezes, nos instantes de desespero, elle sentia o desejo de ir para a cumiada d'algum alto monte asceticamente adorar o bom Deus, alli ao longe, mais perto das estrellas, no silencio das solidões mysteriosas, cheias de paz...

Rosalia ficava encantada. Ah! o primo tinha uma pura religião na alma crente! Haveria poucos assim... E, n'estes momentos, parecia-lhe que a sua alma era irmã da do D. Gil—que assim, tão devotado, amava a Jesus e á Virgem. As recordações do convento, agora, não eram tão saudosas—resignada, ja sem esperanças de para lá voltar. Bem lhe dizia d'antes o D. Gil que ellas haviam de desapparecer! —como um phantastico palacio de nuvens pela briza feito no azul, sob o luar, e apoz pela briza desfeito lentamente, melancholicamente, no azul, sob o luar...

Começava o inverno.

Rosalia estava para alli, sosinha, sem uma boa affeição d'alguem—nem do pae, sequer.

O pae tirára-a do convento, «porque, emfim tinha medo que a riqueza d'ella, que não era pouca, fosse parar às mãos das freiras...» E, a viver sempre longe d'elle, não lhe votava grandes dedicações. A tristeza da filha pouco lhe importava: «aquillo havia de passar com o tempo: era emquanto não se acostumava...»

N'aquelles dias d'inverno embaciados, ella estava horas ao pé do fogão, acceso n'uma chammejação crepitante, que punha na sala uma calentura tepida;—e, d'olhos inexpressivos, que não viam, fixava longamente a vidraça ennevoada, onde a chuva ia tamborillando umas soadas tristonhas, batida lá fóra da ventania sifflante, que a esfumegava pelo ar denso e passava a torvellinhar tudo. E alli se ficava adormentada no amollecimento de todo o sêr, parecendo esquecida n'um vago scismar—com o livrinho d'orações aberto em sitio, que uma fita de seda escarlate assignalava, e abandonado, inutil, sobre os joelhos.

A's vezes estremecendo n'um despertamento brusco, hystherisada, Rosalia chorava, chorava muitas lagrimas que lhe desciam, como claros orvalhos, à flor do rosto lindo, branco, d'um mate de marfim.

Se n'esse momento o D. Gil assim a visse, a chorar, recitar-lhe-ia, decerto aquelles seus versos, em que—a lua, merancorea, pallida lagrima do céo, pingente, é a crystalisação opalina das lagrimas da sua amante...

N'aquella solidão, sob o esmagamento dos dias d'inverno, chuvosos, estirados, somnolentos, Rosalia ia-se entristecendo mais, ia n'um definhar pouco a pouco.

As saudades pelo primo eram mais vivas agora. E, de quando em quando, as recordações do convento, já passavam como sombras tenues, fugitivas, n'um fundo d'azul desmaiado.—Se o D. Gil voltasse depressa!...

***

O D. Gil vivia tambem na ralação d'uma grande saudade, afundado sempre em poeticas melancolias, que lhe davam ares piegas de triste vate.

Elle amava a prima; mas romanticamente, no fervôr d'uma adoração mystica: ajoelhar-lhe-hia aos pés, com a religião d'um fanatico perante os altares das Virgens santas!—dizia elle, em verso.

E o D. Gil que pensava que isto de amar só era a trivialidade espalhada nos romances sentimentaes, ou nos versos, d'uma arte brincada e rebuscada, que elle fazia... onde se desfazia, em difficeis requebros de estylismo e de vagos aristocratismos convencionaes, uma alma lyrica a distillar doces coisas—uma alma arranjada, que não era a sua alma qualquer... E elle que pensava que o seu coração—que agora dizia um reliquario d'amôr, em que guardava sagradamente, a um canto puro, a deliciosa imagem d'aquella mulher branca e bella como lyrio casto de neve...—era coisa morta, lá dentro do peito, para os finos requintes do sentimento!...

A toda a hora se lembrava de Rosalia—e via-a, adoravel, sob a magnolia do jardim, a scismar no convento, e deixando passar com desprezo os barulhos da vida amotinada cá de fóra. Que feliz temporada aquella!—quando elle recitava á prima os versos que fallavam da sua amante, aquella amante de negras, mui negras tranças, o rosto da alvimitencia dos marmores, que á noite do seu coração dava uma radiancia triste de luar... Ah! tudo isto lhe lembrava, como o som meigo d'uma canção dolente, cantada ao longe...

O D. Gil adorava na prima um artistico ideal de plastica: e de todo esquecia a mulher, a carne que accende a concupiscente animalidade—essa coisa para elle prosaica, realista, ignobil, desprezivel.

Foi por isso que elle, d'uma vez, sentiu um terrivel remorso...

D'uma vez, no lupanar, alli mesmo, a radiosa imagem de Rosalia ergueu-se-lhe deante, a sorrir limpidamente, com os negros olhos profundos que o incendiam n'uma fremencia electrica de desejos. Então, toda aquella belleza de esplendida virgem ideal desappareceu: elle só via a prima na sua formosura de carnes appetitosas. E uma qualquer o satisfez: aquella molle carne batida, fez-lhe vibrar deliciosamente o requinte dos fortes prazeres—como se tivesse a prima no peito abraçada.

Aquillo fora uma profanação! pensava o D. Gil, depois, n'uma grande dôr de consciencia.—Ah! Uma odiosa profanação! — sendo Rosalia assim candida, como a flôr de neve da castidade...

*

Chegaram as ferias.

O D. Gil foi encontrar a prima mais pallida, definhada.—E elle a prevêr a mansa vida d'antes, encantadora, escondidos á vista de todos, acantoados na sua felicidade intima! O seu formoso ideal de poeta desapparecera; apenas via a mumificada imagem d'essa mulher d'outr'ora... Que melancolia tamanha!—estava alli quebrado, tristemente, o castello encantado das suas queridas Illusões, assim fanadas...

Rosalia teve uma boa alegria quando viu o primo: com elle ao pé, ser-lhe-ia mais suave a pouca vida que tinha de viver... Que ella sabia que aquilo era uma tysica. E affirmava ao primo, bruxuleando um sorriso descorado—que morria...; e que talvez fosse feliz lá no ceo, onde já lhe apparecera em sonho a tia freira—que a fitava cariciosamente, n'um ar meigo de bemaventurada...

Ella pedia ao D. Gil que recitasse.

E dias lentos, bem longos, passaram—o D. Gil a recitar, na sua voz que então era mais cantante e meliflua, mais embaladora e ás vezes esmorecida em murmurios tristes; e Rosalia a recordar a sua existencia do convento, tão serena e tão santa, e as tardes do verão passadas ao lado do primo...—o tempo feliz das suas alegrias, que agora tinham um aroma vago de flores mortas.

*

Rosalia morreu.

Morreu, coitadita! mansamente como os passarinhos... contava depois o D. Gil,—e a sorrir um ennevoado sorriso, pensando vêr no céo a tia-freira que lhe sorria tambem...

O D. Gil fez lhe um necrologio em verso, onde lagrimejava umas coisas quaesquer, lyricas. Fallava da tenebrosidade glacial dos sepulchros—e dos seios das pallidas virgens, que dão vida aos lyrios brancos; seios côr de luar a revirminarem na algidez da terra dos cemiterios, sob os cyprestaes lamentosos, que entoam a soada mesta dos funebres threnos... A sua doce Rosalia morrera!—como a lua meiga no seu pallôr romantico, que uma negra nuvem esconde... E as perolas d'orvalho, trementes no calix das flores, eram lagrimas de crystal, que a Natureza chorara e o Sol iriava... E a sua lyra, luctuosa, vibrava da Saudade os canticos dolentes: e o seu coração era uma urna funeraria, coroada de perpetuas, onde jaziam mortas as suas alegrias d'out'ora—outr'ora hilariantes como as aves na diaphaneidade do ar luminoso, embriagadas d'azul... Morrera a sua doce Rosalia! Ella... que era bella e branca...—era como a estatua divina da Formosura talhada n'um marmore corynthio... E morrera!—pobre lyrio fanado...

Assignava-se: *Lylio*.

Depois de publicada, o D. Gil deixava escapar um sorrir fugidio de embiocada modestia, e guardava intimamente um jubilo—quando o gabavam, o

envolviam todo n'uma fina teia de graúdos elogios á sua nova producção: «uma formosissima poesia em que o sr. D. Gil revelava uma grande alma fulgorante de poeta—poeta d'um delicadissimo mimo parnasiano; poeta finamente aristocrata; verdadeiro poeta que sabe sentir... E com a morte da prima viera mais aquella affirmação radiante do seu precioso talento...» Mas não... antes ella não morresse, dizia o D. Gil, pondo uma tristeza na voz cantante. Que elle adorava a prima Rosalia—pobre, alva pomba que se sumira saudosamente na escuridade lobrega d'uma treva eterna!...

Coimbra—1889.

ANTONIO DE MELLO.

Patricia

Perturba-me extremamente
A minha fé democrata,
Essa loira aristocrata
De olhar azul e esplendente.

Mil annos d'estirpe nobre.
E' desdenhosa, e comtudo
Sobe as escadas do pobre
A sua *traîne* de velludo.

Envolta na azul pellissa,
Passou no *landeau*. Sorria
Com a sua graça mortiça
De uma vaga nostalgia...

E eu recordei-me com pena
Que é d'este tempo banal,
Essa cabeça serena,
De um garbo fino e real,

—Branca rainha exilada
Das côrtes da Renascença,
De mil gemmas diademada
Por joalheiros de Florença.

E imaginei vel-a entrando,
Alta, orgulhosa, acclamada,
Um peristyllo normando,
Na etiqueta almiscarada

De Versailles, ou entre o oiro
Dos *reîtres* de Leão x,
—N'um fundo purpureo e loiro
De um quadro do Veronez!

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Primeira pagina

(De um livro inedito)

Eu já devo estar velho; e todavia
Tenho nervos e sangue, e tenho musculos;
E sei pintar em caracteres maiusculos
O riso, o pranto, a colera, a alegria.

Depois de já se ter soffrido tanto,
Vê-se que o choro enerva e gasta a gente;
E é necessario rir abertamente
Da momice ridicula do pranto.

Desejo e quero—e não consigo obtel-o—
O rarissimo *tic* do bom-tom;
Acho infame o que muitos acham bello,
E acho tolo o que muitos acham bom.

N'esta lucta sem treguas, afinal,
Se venço, sou vencido muita vez:
—Guerreio o que é banal, e sou banal;
—Detesto o que é burguez, e sou burguez.

Coimbra.

SANCHES DA GAMA.

Lirica

Bocca de quem tem desejos
E' como taça encantada;
Parece que não tem nada,
Vae cheiazinha de beijos.

Vê-se uma bocca e então
Olha a gente, e o que parece?
Que é uma flor. Illusão!
Ella se abre, ella se fecha,
Ora falla, ora emmudece,
E tudo lhe fica bem;
Ora mente, ora se queixa,
Ora ri-se, ora se encolhe,
Não n'a adivinha ninguem.
Se um a viu, esse que olhe,
Pode olhar, e o que avistou?
Coisa nenhuma; no entanto,
Outro vem, outro chegou,
Outro lhe dá com o encanto;
Com ella todo se inflamma,
Com ella se embriagou!

E' que a bocca de quem ama,
Bocca de quem tem desejos,
E' como taça encantada;
Parece que não tem nada,
Vai cheiazinha de beijos.

Coimbra.

FRANCISCO BASTOS.

BIBLIOTECA MUNICIPAL · COIMBRA ·

Nº 2 COIMBRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1889 ANNO I

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

DIRECTOR DE NUMERO —ALBERT O OSORIO DE CASTRO

Em Coimbra, por Antonio de Mello; *O Suicidio*, por Carneiro de Moura; *Notas intimas* (poesia), por Sanches da Gama; *Super flumen* (poesia), por Pinto da Rocha; *Neto-Avô* (poesia), por Antonio Nobre; *Nocturno* (poesia) por Alberto Osorio de Castro; *Carta das praias* (poesia) por Alberto d'Oliveira; *De Paris*, por P. B.; *Burgueza* (poesia) por Agostinho Campos; *Chronica Bohemia*, por Alberto Osorio de Castro; *O sr. Eugenio de Castro e eu*, por Alberto d'Oliveira; *Agora nós*, por Dr. Fausto; *Homo-Creator*, por Heliodoro Salgado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO da BOHEMIA NOVA:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

Em Coimbra

A litteratura indigena tem ares de que vae sair do seu periodo de morbidez e inutilidade, em que se achava d'ha annos para cá. N'este transcurso exhibiram-se tristemente por ahi partos achacados de todo, de todo banaes:—devendo, valha a verdade, salvar-se o sympathico nome de Antonio Fogaça, que firmou os *Versos da Mocidade*, publicados em 87, e o nome de mais dois ou tres rapazes de talento—uns que só *fazem arte* (muitas vezes, uma tal arte tão requintada...), outros, que escrevem versos sãos, cheios d'uma impressão vivida e quente, (muitas vezes tambem, não deixando de ter a sua hora má de infelicidade, quando produzem lyricas que eu, desapaixonado, chamarei insipidas, ainda que outros, por amizade, lhes chamem formosissimas). Mas Antonio Fogaça foi quem mais trabalhou durante annos—e, d'esses mil e um poetas que por ahi enxameiavam, na sua maior parte arranhando a desafinada lyra n'um desespero á tôa, era o unico verdadeiramente poeta: tinha uma grande alma, cheia d'um fino sentimento, deliciosamente subjectivada nas suas adoraveis *Orações do Amor*—a parte primorosa, d'um lyrismo tão suave e casto, tão sincero e simples, que resalta nos *Versos da Mocidade*.

De resto, uma invasão barbara de insossas poesias avulsas, a granel, e, a *coxear* pelas paginas litterarias das gazetas—flores de todo o anno, doentias e inodoras, logo fanadas ao rebentar. Emtanto, algumas d'ellas recitadas no defuncto theatro academico, d'uma friza abaixo—em voz imponente, em gesto imponente—faziam successo ruidoso: a plateia, arrastada, toda arripiada de enthusiasmos sinceros e freneticos, applaudia com força.—Formosos versos! um grande talento de poeta—o P... Vae longe, não ha duvida...—bichanava a academia, á bocca pequena, esmagada sob o atordoamento de toda aquella estralada de bombas rhetoricas, soando a vazio.

Outras, já em si más poesias, eram além d'isso escamoteadas, sem limpeza ao menos: por tal maneira, que se dizia logo no primeiro relance—isto é do Junqueiro, isto é do João de Deus, isto é do Cesario Verde... E até ás vezes se dizia—isto é do Fogaça...

Se podesse arranjar-se uma especie de *sellagem* n'isto de litteratura, por causa do contrabando...

Mais valeria uma esterilidade completa, que essa producção chôcha, e peior que rosalina—porque nem tem um qualquer toque original, grotescamente original ao menos. Entretêm-se, n'uma trivial semsaboria de versos reles, a affirmar doidas paixões assolapadas a *Ella*, ou enlouquecem a perguntar se é preciso enlouquecer para saber se existe ou não existe Deus... Rimas, na verdade, muito aproveitaveis para a litteratura de cordel: ficariam muito bem a destacar ao lado do *Testamento do Gallo* ou da *Historia do Zé do Telhado*.

*

Agora, disse eu, parece que a litteratura indigena vae affirmar uma vida nova. Começa-se a trabalhar. A *Bohemia Nova* saiu, e logo após os *Insubmissos* sairam-se... Nós veremos o que, d'aqui a algum tempo, d'elles ambos sae.

O jornal *Insubmissos*, pertence a uma *coterie* que *dá para baixo* em tudo e em todos, «por officio e por gosto». Cairá, sob a escalpellisação desapiedada da sua *critica* terrivel, tudo o que for plagiado, tudo o que for banal. O sr. Eugenio de Castro e o sr. João Menezes pertencem á redacção.

Para os *Insubmissos* não ha consagrados: a estes descobrir-lhes-hão as mazellas, exhibindo-as ao publico triumphantemente. Não toleram «auctoridades». O sr. Francisco Bastos d'Oliveira Mattos tambem pertence á redacção.

Creio que é este o seu programma—muito simples e formidavel, como vêem. Portanto, que tremam todos os litteratos, todos!

Pobres consagrados! Estes, porém, que se consolem com o que Gautier dizia de Edgar Pöe: «Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots...

Bem fazes tu, meu caro Antonio Nobre, que olhas superiormente para tudo isto, com esse teu olhar sereno e frio...

Afinal, têm graça e não offendem. *Elles* vêm de *lança em riste*—uma inoffensiva lança, tão inoffensiva como a que está impressa na capa do jornal.

Mas a verdade é que, desde que Cervantes se lembrou de inventar o heroe *manchego*, a toda hora, por toda a parte, muito burlesco quichote tem apparecido. E muito Sancho Pança... não

é assim, meu bom Bruges?... A'vante, senhores *insubmissos!*—que a Posteridade lá está a chamar-vos, sorridente... de punhos cerrados.

*

O que é lamentavel é que ainda haja alguem que, em meio d'esta affirmação de talentos tamanhos, *descreia* e faça uma rhetorica d'allegorias incomprehensiveis, mais incomprehensiveis que as do Ribeiro.—Que ha quem viva do passado glorioso—e tambem ha quem queira esquecer o triste passado, como uma creança que quer apagar com os proprios pés a propria sombra...

Ouvi isto n'um grupo, a um sujeito qualquer. Mas ninguem percebeu. Depois, o mesmo sujeito poz-se a ler, d'alta voz, a mirabolante, resplandecente poesia com que o sr. Eugenio de Castro abre os *Insubmissos*. Elle dramatisava o gesto. Tinha scintillas no olhar. Estava enthusiasmado.

—Bonita peça! exclamou convencido, ao acabar a leitura. A' volta, todos estavam d'accordo.

—Na verdade, muito catita... O rapaz tem faisca. Com certeza, vae longe...

E, d'ahi a pouco, o outro que lêra, d'um riso patife:

—Mas é preciso saber-se onde elle foi roubar isto...

11 de Fevereiro.

ANTONIO DE MELLO.

Les cœurs des femmes sont comme ces petits meubles à secret, pleins de tiroirs emboîtés les uns dans les autres: on se donne du mal, on se casse les ongles, et on trouve au fond quelque fleur désséchée, des brins de poussière—ou le vide.

FLAUBERT.

O suicidio

Eu bem sei, e não me admira, que ainda hoje se veem mal as cousas—advirto já aqui que em *cousas* tambem incluo as pessoas talvez com pouco respeito por Ortolan—... veem-se mal as cousas, mas não ha nada que se veja tão superficialmente como o phenomeno já agora tão trivial do suicidio.

Tudo é hostil á memoria de quem se mata—a grammatica, a physiologia, a moral, a religião... tudo, salva a opinião dos inimigos e a d'outros que encorporo classicamente na venerabilidade das «excepções honrosas».

Os primeiros deixam cair em paz na sepultura fria o cadaver do suicida com o cynico e opiniativo *memento*—«deixal-o ir»; os segundos, os das excepções honrosas, esses talvez os empurrem á cova unctuosamente:—coitado!—lagrymejam.

*

Díz-se que foi pelo XVIII seculo que um tal abbade Desfontaines teve a bizarria de alçapremar á altura de utilidade philologica o termo que exprime a enorme desgraça do «homicidio de si mesmo» como ainda, sem visos de euphemismo, disse Montesquieu. Quero fallar do *suicidio*—não accumulemos rodeios.

E tambem se diz que foi Voltaire dos primeiros a usar da novidade. Que falou em suicidio por esta mesmissima palavra, consta dos livros.

Voltaire não era para ahi nenhum asno, e por isso ponho em duvida que puxando o termo até ás suas fórmas verbaes, dissesse, o que aliás está no espirito correcto de todos os mestres de grammatica, esgrima etc., que um Fuão qualquer *se suicidára*—para exprimir o lugubre facto de uma descarga de polvora e chumbo esmigalhar o craneo d'um hallucinado. *Matou-se*—é que é: *suicidou-se*, isso é pleonasmo; e á grammatica não se deve exigir um pessimo verbo d'um optimo substantivo.

*

M. A. Des Etangs diz que de muitos suicidios é culpada a sociedade—o meio—, impotente para obstar a que um desgraçado se mate. Queria dizer que a desolação em que ás vezes se vive, creada acintemente pela rudeza do tracto social, tem como refugio heroico o suicidio.

Realmente a complexidade das influencias de todas as especies, tantas vezes oppostas e artificiaes, com base no preconceito, dá em cheio na resistencia tão debil da força individual, que não se encontra outro remedio na situação extrema de prostração e aniquilamento, emquanto que a

sociedade não estabelecer a disposição regular dos elementos adversos, na lucta com o individuo, para o assentimento harmonico das existencias.

De modo que parece que Des Etangs diz bem, e peço licença para o incorporar nas excepções honrosas.

Voltaire, esse tambem assim pensava, e, sem inveja do collega, é outra excepção honrosa.

Sim, senhores! dizem bem porque o cardeal Dubois appellou para a coragem querendo matar-se,—e porque poucos jornaes, servidos d'uma *reportage* mexeriqueira, deixam de nos participar gulosamente que o distincto * * *, tão sympathico, tão bom, tão talentoso, quando a estrella fulgente da impávida gloria lhe bruxuleava n'um ceu amplo, azul,... deixou este agitado mar da vida—mediante o auxilio d'um *bulldog*. E depois apresentam-nos uma epistola saudosa á mulher amada, o objecto santissimo d'uma vida immaculada, em que os espiritos do infeliz defuncto exprimem cousas pasmosas d'uma logica desanuviada:—que a vida tem a razão de ser do bem estar e que o amor *d'ella* lhe faltou, que o sentiu, mas que o não quer continuar a sentir: mata-se.—Doudo? Ora...

*

E se n'este momento ainda não acreditam os que me leem com o acompanhamento monotono e benevolo do bocejo,—que ha casos de suicidio em que o estado de loucura não é a base psychologica da resolução da catastrophe, façam-me o favor de me acompanhar nos seguintes raciocinios em que empenho muita força de observação para apurar a verdade:

Temos um cerebro que funcciona n'uma normalidade a mais regular que se póde desejar. Tomem para exemplo a cabeça pautadamente normal do archi-duque Rodolpho, herdeiro presumptivo do throno d'Austria e de quem o conde Vasili falou lisongeiramente no sentido de o apresentar muito senhor de si,—tomem-n'o, se lhes apraz suppor ignorar o desenlace fatal da existencia d'este principe.

Pois fique-se sabendo que, se dermos credito á *Pall Mall Gazette*, como cumpre, este malaventurado principe achou-se n'uma situação tão imprevista, tão extraordinariamente critica que—elle, e é o que nos basta para o caso—julgou impossivel debellar as circumstancias que o rodeiavam continuando a ser um homem. O mais, como de resto o que acabo de dizer tão ingenuamente, sabem-n'o todos.

Mas quero circumstanciar bem o facto. O suicidio não foi precedido de qualquer manifestação de loucura, a não ser que se tenha como tal o que simplesmente é uma predisposição para ella—a excitação cerebral por uma elaboração violenta.

Não. O principe escreveu cinco cartas, muito senhor da sua resolução; praticou o suicidio com a maior das responsabilidades. Teve maus motivos? quero concordar que sim; uns, porque o habituaram a ver mal as cousas; outros, porque a sociedade actual as vê como elle as viu: mas então apenas temos má orientação de experiencia e raciocinio, e não loucura.

E não vale dizer-se que se não podem vencer os sentimentos naturaes—salvo o caso de perturbação mental; porque tanto é um sentimento natural o da existencia como o da conservação da especie; e desde sempre, tem havido celibatarios que por crenças futeis suffocam as tendencias sexuaes n'uma felicidade—gorda.

Ora deixem-me pensar que tambem ha e tem havido quem porventura por motivos futeis, se arremesse á soturnidade dos cyprestes—feliz.

Um stoico tinha orgulho em matar-se, e Maudsley não nega que se deem suicidios n'estas circumstancias.

*

Podia-me ficar por aqui se não fôra uma vontadezinha, que me está a espicaçar,—de fazer figura.

Vou-me nobilitar com a exhibição de estatisticas de suicidios e da respectiva philosophia.

Quero aproveitar-me das cifras estatisticas de M. Edmond Donay e de M. Brierre de Boismont, mas antes d'isso peço que me levem em conta a complexidade do impressionismo cerebral —para o que não exijo excessiva benevolencia, se me prometterem mediocre comprehensão das influencias.

Preambulando a estirada: ha suicidios epidemicos,—porque eu li em Larousse, que, se um soldado se matar, tem-se visto ser imitado, n'este desforço contra as *buxas* da vida, por uma sucia

de preciosos filhos de Marte; assim como os ha hereditarios, porque, se me não illudiu a boa fé o supracitado diccionarista, tem-se visto muito boa gente perder o amor á existencia pela simples razão de ter tido o mesmo bom gosto um respeitavel avoengo.

...Pois rezam as estatisticas que os suicidios augmentam com a civilisação;

idem, com o calor. São mais frequentes nos mezes d'abril e junho, e eis a razão porque n'outro logar escrevi, falando da cova dos suicidas, «sepultura fria», muito senhor de mim e da physica:—não se tratava d'estylo!

E depois, que é entre os 30 e 40 annos que os ditos—hão de estar lembrados de que a nossa conversa era sobre suicidios—que os ditos são mais frequentes; e vae—que, com uma falta de bom senso pouco extranhavel, á maior parte dá na veneta para soffrer a morte réles da estrangulação ou submersão.

Agora dignem-se agradecer estas mimosas indicações a M. Edmond, e queiram curvar-se ante a pachorra analytica de M. Brierre que passo a pôr em prova.

Pois elle tem a amabilidade de nos fazer scientes de que os que ganham a vida (?) são os que mais se matam; os que não tem instrucção alguma—creio que estou a verter textualmente a seriedade phraseologica do sabio—esses estão no extremo opposto; e diz-nos com uma tal ou qual commiseração que os de mediocre instrucção e bem assim os que a possuem em gráu elevado, representam a cifra media. E acrescenta, por estas ou por outras palavras: aos que leem e não escrevem poucas vezes lhes dá para o suicidio. (Será porque não sabem perpetuar o *caso* por escripto?)

E ha mais—que os de boa moralidade são os mais propensos á aniquilação voluntaria, e—para dizer tudo o que sei do benemerente M. Brierre—que, quando alguem se lembra de deixar a vida mediante o auxilio estrondoso d'armas de fogo, realisa a fatal lembrança apontando o cano ao cerebro—na maioria dos casos.

*

Parece indubitavel que a luz é a causa dos suicidios.

Pois vejam— e antes de ver considerem que tomo aqui *luz* n'um sentido lato—vejam que a luz da civilisação que faz ver as cousas pelo seu lado rigoroso, verdadeiro, livre de ramalhetagens phantasiosas,—tem feito augmentar o numero dos suicidios, porque falta ao homem uma idealisação metaphysicamente concebida, dulcificadora, enleio magico d'almas simplices. (Note-se: nas mulheres é menos frequente o suicidio).

Depois no verão, na plena luz d'abril que faz dourar os trigaes, ha mais suicidios ..;

quando a luz serena da razão é predominante, e é-o dos 30 aos 40 annos,—os suicidios são mais faceis, muito mais...;

os homens de instrucção, almas de luz, matam-se mais provavelmente, desolados, martyres das agruras da vida real;

a moralidade, a comprehensão nitida da collocação social, a luz da harmonia dos povos:—é uma causa do suicidio.

Bem dizia Herculano, quando queria mal ao sol que lhe mostrava a realidade... triste.

*

Em Lisboa, no dia 8, matou-se um francez — Étienne Leriget. Trinta annos e tanto, bem comportado, de certa illustração... com quasi todas as condições que circumstanciam predominantemente o suicidio.

E' verdade que estamos em fevereiro; mas não importa. Morreu n'um quarto d'hotel, illuminado pela melancolia suave da lua portugueza...; o ceu esplendidamente bello, vasto, azul...; as estrellas d'uma scintillação illuminadora... Que infinda luz!

*

Já se disse que para os seculos que hão de vir e que esperam uma civilisação pujante, a humanidade está ameaçada d'uma loucura geral. Parece mais provavel que se apunhale.

E pois, se a pobre humanidade que tanto tem luctado, desde os devaneios primitivos, tão sympathicamente edenicos, até ao conhecimento nitido das cousas, condensando mythos, argamassando theorias nebulosas n'um *tour de force* cabalistico de raciocino—ha de um dia assistir pungente ao aniquilamento suicida das raças, para dar logar a novos seres que lhe venham povoar o planeta, tão velho mas tão esplendente, immer-

so na boa luz do sol..., se assim ha de ser—oh homens!—retardae a marcha terrivel—que vale a pena viver!

Se a vida phantastica é um palliativo, creemos academias de poetas que cantem os rouxinoes, a plastica esculptural, divina, d'uma condessinha no roqueiro; que nos digam cousas estranhas, delirantes...

Por'ora ainda não gosamos a marcha suavemente aerea dos balões, nem o dr. Jardim resolveu o problema que nos faz esperar a remoção dos perigos em caminhos de ferro...

Por'ora o suicidio é uma asneira.

CARNEIRO DE MOURA.

A arte, emfim, não é uma interpretação da belleza; é uma espontanea manifestação da sensibilidade. Do simples enternecimento da nossa alma perante o espectaculo da creação procede toda a obra artistica, onda enorme de sympathia que, desde que o mundo é mundo, cresce constantemente ungindo e adoçando para consolação da humanidade todos os aspectos do Universo.

RAMALHO.

Notas intimas

1.ª

Uma rosa ás vezes morre,
A chorar a sua magua,
Quando ninguem a soccorre
Com algumas gottas d'agoa.

Então, o ceu condoido
Tem o suave trabalho
De espargir gottas de orvalho
No calix desfallecido.

A flor do meu sentimento
Morreria elanguescida,
No meio d'esse tormento
Que se chama—a minha vida.

E a carta que me escreveu
Teve a missão carinhosa
D'esse balsamo do ceu
Que ás vezes cae sobre a rosa.

2.ª

Brevemente vaes partir,
Mariquitas, meu amor,
Nem tu calculas a dor
Que o meu peito ha-de sentir.

Se te não vejo uma vez,
Julgo o dia mais comprido,
E o coração dolorido
Chora a sua viuvez.

Não ha coragem robusta
Contra magoas tão sombrias;
Quando um dia assim me custa,
Que fará por tantos dias!...

3.ª

O mau tempo nunca alegra,
Toda a gente o diz assim;
Apesar d'isso, esta regra
Forma excepção para mim.

Se te vejo, meu amor,
Nunca a chuva me entristece;
Por isso, eu rezo esta prece
Com o maximo fervor:

—Se o mau tempo te demora
E te não deixa partir,
Bom tempo, não queiras vir,
Se não ella vae-se embora!

4.ª

Agora que tu partiste
E que eu deixei de te vêr,
Nem eu te posso dizer
Quanto a minh'alma anda triste.

Minha adorada Maria,
Meu doce amor, meu abrigo,
Eu perdi toda a alegria
Porque a levaste comtigo.

Ensinou-me não sei quem,
E n'esta phrase acertou,
Que só se avalia um bem
Quando esse bem terminou...

Olha, Maria, o que eu peço,
O que eu desejo por fim,
E' que te lembres de mim,
Que eu de ti nunca me esqueço!

1887.

SANCHES DA GAMA.

Le coup de génie de la Renaissance a été de revenir au droit romain, qui est essentiellement le droit laïque, de revenir à la philosophie, à la science, à l'art vrai, à la raison, en dehors de toute révélation. Qu'on s'y tienne. Le but suprême de l'humanité est la liberté des individus. Or la théocratie, la révélation, ne créeront jamais la liberté. La théocratie fait de l'homme vêtu du pouvoir, un fonctionnaire de Dieu; la raison fait de lui un mandataire des volontés et des droits de chacun.

RENAN.

... L'amour seul est demeuré irréductible, comme la mort, aux conventions humaines. Il est sauvage et libre, malgré les codes et malgré les modes.

La femme qui se déshabille pour se donner à un homme dépouille avec ses vêtements toute sa personne sociale; elle redevient pour celui qu'elle aime, ce qu'il redevient, lui aussi, pour elle: la créature naturelle et solitaire dont aucune protection ne garantit le bonheur, dont aucun édit ne saurait écarter le malheur.

P. BOURGET.

Super flumen

(Reminiscencia de um conto do sr. Alberto Braga)

N'estes ultimos dias, com as cheias,
Tinha crescido immenso a correnteza:
Indomavel de furia e de braveza
Galgava as pontes e arrastava as peias.

Sobre a curva do rio, muito ao longe,
N'um doce balouçar caricioso,
E na postura mystica de um monge,
Ergue-se um choupo enorme e magestoso;
Parece a quem o avista, assim distante,
Que abençoa, n'um gesto carinhoso,
Duas barcas que passam n'esse instante!

Uma subia vagarosamente,
Vencendo a custo a força da corrente,
E vinha a outra na rapida carreira,
A vela grande enfunada,
Como a aza branca e nevada
D'uma gaivota mansa e passageira.

Cruzaram-se no rio! Pelo espaço
Havia um brilho luminoso, de aço...
E a natureza, alegremente em festa,
Abria o seio das flores
No coração da floresta,
Como um punhado de cores
Que a paleta do sol esbate e cresta!

E, ao cruzarem as barcas n'um momento,
O velho remador da que descia,
Que magua e que tormento!
Avistou na que subia,
Tão vagarosa e mansinha,
O pequenino esquife da netinha.

Por isso o choupo enorme, docemente,
Traçou no espaço o gesto do perdão,
Ao ver passar na rapida corrente
O pequenino caixão.
E, sobranceiro á colera das aguas,
E ao soprar dos frequentes vendavaes,
Curvado pela dor e pelas maguas,
Rezava agora as orações finaes.

PINTO DA ROCHA.

Neto-Avô

Quando eu estou n'um bando alegre de creanças,
Ou n'um grupo de bons e trémulos velhinhos,
Sinto uma paz extranha: eu vejo pombas mansas
Com ramos de oliveira a architectar os ninhos...

Ao pé dos velhos sinto um morbido desmaio,
Mas, se as creanças vêm, renasce-me o vigôr;
Porque ellas são a flôr das arvores, em Maio,
E os velhos são o Outomno,—as arvores sem flôr...

Comtudo, vendo em torno as creancitas bellas,
Brincando doidamente e a rir como andorinhas,
Os velhos, a brincar e rindo como ellas,
Transformam-se, bom Deus, em velhos-creancinhas!

Os velhos são o inverno, a infancia é o sol ardente:
No entanto, apezar d'isso, ao ouvil-os fallar,
Eu sinto-me feliz e regalado e quente,
Como ao pé d'um bom fogo entre a expansão d'um lar!

Inflammo-me ao ouvir as suas idas glorias...
—Com que guerreiro amôr brandiam as espadas!
E ás creanças, então, eu conto-lhes historias
Em que entram moiras, reis e principes e fadas..

E assim como supplico e arranco aos bons dos velhos
Contos sem conta—aos mil!—ellas, em ancia, eguaes,
Quando eu acabo, emfim, supplicam de joelhos
Que não acabe já e ainda lhes conte mais:

De modo que hesitante, ó murchas esperanças!
Entre a velhice e a infancia, entre esses dois caminhos,
Penso que sou avô ao lado das creanças
E julgo-me creança ao lado dos velhinhos...

Dezembro, 1886.

ANTONIO NOBRE.

Nocturno

I

N'esta noite de inverno hostil e dura,
Em meu quarto, horas mortas, religiosas,
Entrou, batendo as azas luctuosas,
Uma pequena borboleta escura.

II

Ergui os olhos do volume antigo
Que absorto lia—um poema d'Allemanha.
Lá fóra o vento n'uma furia estranha
Lembrava os pobres que não têm abrigo!

III

Não sei por onde entrara a borboleta...
E impressionou-me muito sobre tudo
Ver a sua aza negra de velludo,
De mim em torno esvoaçada e inquieta.

IV

Segui-lhe ancioso o vôo intencionado...
Poisou-me emfim no coração, e logo
Como que a folha d'um punhal de fogo
Me atravessou meu peito, lado a lado.

V

Choro convulso, involuntario a sigo...
Uma lembrança horrivel me tortura!
Olho, não vejo a borboleta escura...
—Alma, talvez, d'algum dos meus em perigo!...

Coimbra.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Carta das praias

No estio, não ha nada que me agite
Como os banhos que ha pouco ando a tomar;
Curaram-me d'esta ultima bronchite,
Dão-me vigor, augmentam-me o appetite
E imprimem-me um aspecto salutar.

Eu, quasi sempre, atiro-me de prancha;
Na queda, formo em derredor a espuma;
Vae barra fóra a vela de uma lancha,
Um rubro tom nos longes se desmancha
E avisto uma alta chaminé que fuma.

Veem chegando banhistas para o mar,
Com indiscretas roupas de flanella;
Por vezes, aventuro-me a nadar:
—Como este banho é rude e salutar!
—Como esta agua se enraiva e se encapella!

E fervilham risadas de alegria;
Destaca-se indeciso um pinheiral;
Sobre um penedo uma avesita pia,
E uma soberba e aguda penedia
Limita e fecha todo o littoral.

Que bella actividade nas banheiras
Robustas e fecundas como vaccas!
Entre rimas de mastros e bandeiras,
Correm alegres, vivas, prazenteiras,
A pôr com pressa a roupa nas barracas.

Vestindo blusas e calções de malha,
Vão para o banho intrepidos rapazes.
Nasceu o sol:—parece uma fornalha.
Chegam madamas de chapeu de palha,
Palreiras, doidas, joviaes, vivazes.

O sol innunda as vastidões de areia;
Quebra-se em rutilas faiscações,
As aguas arquejantes incendeia,
E é tão inquieto como uma colmeia
Sobre os telhados das habitações.

Já tomei banho. Avisto americanos.
Ha pela praia um movimento infrene.
Adeus, ó mar, tiranno dos tirannos,
E, alem de outros officios deshumanos,
Grande propagandista da higiene!...

ALBERTO D'OLIVEIRA.

De Paris

Lazzaronicamente eu ia fumando o meu Lafêrme doirado ao dobrar da rua do Cherche-Midi sobre o boulevard Monparnasse, no meu *flânement* de todas as tardes, quando de um quinconcio, insinuantemente, alguem me chamou n'uma voz portugueza e amiga:

—P. B., como estás?

—Olá, Xavier de Carvalho...

E juntos, *bras dessus bras dessous*, effusivamente, na mais franca e effusiva conversa de *là-bas*, nós fomos fallando n'uma lingua do sul longinquo e saudoso de pittoresco, que destoava alegremente. espumea e cantante, sob a bruma nascente do Paris que se hysterisava já de flammejamentos de gaz.

Contornamos os Invalidos, a longa serie de avenidas que levam quasi em linha recta ao Arco do Triumpho, atravessando o Sena na ponte do Alma; eu sob o motivo sentimental e mil oitocentos e trinta de ver mais uma vez, heliolatra e friorento, se nos Campos Elyseos as acacias da avenida se cobriam já da neve odorante dos calices,—Xavier de Carvalho, subtil e alexandrino, para ir notando symbolista-instrumentistamente a immensa e deslumbrante perspectiva do Paris nocturno e *viveur*, e extrahir navrantemente d'esse *affollement*, d'essa vida intensa de Babylonia nevrotica e sobreagudamente artista, com epithetos imprevistos e rimas millionarias

a extrema unção d'um pessimismo novo.

E foi ao descermos na onda da multidão para o bairro da Opera, sob o gaz claro, no *trépignement* das carruagens, bebedos de movimento, de vida, de ideias ambientes, de colorido e de som—que Xavier de Carvalho me encarregou de escrever d'esta vez por elle, para a *Bohemia Nova*, a chronica de Paris, encargo que eu tanto mais gostosamente acceitei, quanto é certo que ainda vos pertenço, meus caros *bohemios*. pela saudade radiosa e amoravel dos meus vinte annos em Coimbra, na pandiga intelligente de ha seis ou sete annos.

Abancado a uma meza do Café Inglez, ao pé do Xavier que escreve as suas mil correspondencias parisienses para os jornaes de Portugal e Brazil, eu vou tambem garatujar esse papel que o *garçon* me trouxe com o invariavel absyntho.

Juncto de nós vejo Lemaître, Hugues Le Roux e Jacques Normand, o poeta dos *Moineaux francs*, tão espirituoso *e pétillant* de vivacidade *boulevardière*, conversando com o meu caro C., nosso addido da legação, sempre brilhante e fino *causeur*.

*

Fallava-se do Theatro Livre, da *Abbadessa do Jouarre* e do *Poder das Trevas*, do Conde Tolstoï. Noto curiosamente o que vou ouvindo e as minhas impressões..

Faz hoje precisamente um anno que Mr. Antoine conseguiu levar no *Théatre Libre* o drama poderoso e humano do grande slavo. Todos conhecem a salva de palmas extraordinaria que n'este Paris refinado, *spirituel*, complexo e lettrado, reconheceu, na acclamação fervorosa feita ao extranho escriptor, uma nova orientação esthetica, e d'ora ávante o largo predominio na Arte franceza do fim do seculo da juvenil litteratura da Russia. Desde essa reveladora e memoravel noite que eu tenho sempre presente como uma das minhas mais vivas recordações, por outra vez a eterna questão da Arte pela Arte se discute e examina, nos cafés, no Quartier Latin, no foyer dos theatros e nos corredores do Collegio de França. Como nos temos todos enganado, meus caros *Bohemios*, nós todos, romanticos dos ultimos cenaculos, parnasianos, banvillistas, goncouristas, decadentes, sacerdotes orgulhosos da Forma exclusiva e impeccavel, fora de cujo culto se cahe fatalmente «dans les apostrophes à Dieu, dans les conseils au peuple, dans ce qui sens l'égoût, et dans ce qui pue la vanille, dans la poésie de bousingot et la littérature talon rouge, le genre pontifical et le genre chemisier», como dizia o velho Flaubert no tonitronante prefacio das *Dernières Chansons* do seu amigo Louis Bouilhet.

Essa theoria da Arte pela Arte, formulada pelo creador da Bovary em odio ao falso gosto do tempo de Luiz Filippe, dominou toda a vida litteraria dos ultimos vinte annos.

Levada ao absurdo, ao bysantinismo e ao

ridiculo (eu mesmo me condemno), trouxe como consequencia a deserção do grande publico, o *burguez*, o *philistino*, seja, mas que têm apesar de tudo, digam o que quizerem, esse «fino entendimento que se chama Todo-o-Mundo».

—Poetas e prosadores, meu caro, diziame Le Roux de meza a meza, os seus processos são identicos, nem assumpto, nem sentido, mas juxtaposições de palavras que retinem, musicaes e sonoras, uniões de rimas prodigiosas, totaes de côres e de sons imprevistos, embalamentos, choques, hallucinações, suggestões provocadas...

E o Publico que fez?

Deixou todos esses mandarins lettrados no seu orgulho e na sua ankylose e enriqueceu o burguez Georges Ohnet, porque não comprehendia, no seu bom senso claro de gaulez, estas e outras que taes charadas symbolistas:

En ta dentelle où n'est notoire
Mon doux évanouissement
Taisons pour l'âtre sans histoire
Tel vœu de lèvres résumant.

Tout ombre hors d'un territoire
Se teinte itérativement
A la lueur exhalatoire
Des pétales de remuement...

O Publico fugiu, esta é que é a verdade.

E um dia que litteratos curiosos revelaram ao Paris artista, Gogol, Dostoiewsky, Pisemski, Turgueniew, sobretudo Tolstoï, não pacificos phraseadores e sinzeladores, mas homens de vida agitada e martyr de uma causa sancta, liberadores de *mujiks*, deportados da Siberia, extranhamente comprehensivos, vindos de uma raça juvenil e soffrente, viu-se bem como abortara por completo a obra do naturalismo, como eram mesquinhos os pontos de vista artisticos dos ultimos latinos.

«Eu procurei a vida na realidade e não nos sonhos da imaginação, e cheguei Áquelle que é a fonte da vida», escrevia Nicolau Gogol.

A obra de arte russa procura primeiro que tudo revelar verdades moraes. Qual de nós não encontrou ainda, roido de nevrose, inutilisado de pessimismo, uma pacificação dulcida na larga piedade humana que se evola como um incenso sagrado d'esses pedaços arrancados á alma vibrante, commovida e viril dos homens slavos?...

. . . . . .

Ao ouvir-me estas coisas descosidas e atabalhoadas, que para ahi deixei excriptas gôchemente, o meu caro Xavier olhou-me com piedade:

—O' philistino, tu ignoras o *Traité du Verbe*, tu não comprehendes Verlaine, Poictevin, Stéphane Mallarmé, philistino! Vem ao *Chat Noir*!

—A'manhã, prometti.

Entrava n'esse momento Catulle Mendès, «com a sua figura linda de Christo sensual e loiro»...

*

Desejava fallar-lhes dos bailes no *Faubourg* Saint-Germain e nos palacios que encerram o parque Monceaux, dos theatros, das *courses* e de Boulanger—de Boulanger, sobre tudo. Mas sobre a eleição do general não saberão os meus amigos tanto como eu?

C'est grave... E eu estou na diplomacia. Mas não lhes parece, se leram os pamphletos admiraveis de Drumont, se seguem attentos esta politica de financeiros, que se é facil criticar como homem o general, não se pode dizer banalmente que uma nação inteira, tão grande como esta, se deixa apenas levar pelas douraduras brilhantes e pelo chapeu de plumas ondulantes de este cesar de parada?

E adeus, a minha viva sympathia parte todos.

Vou ainda ao meu *entresol* de rapaz sobre o Luxembourg vestir uma casaca para a *première* dos *Français*.

P. B.

Tudo é velho, gasto e carcomido, excepto a sciencia positiva—esta perpetua virgindade. Ella sómente liberalisa fibras intactas a cada novo amante que a requesta. Sempre amada e sempre vestal.

CAMILLO.

Burgueza

Em ardentes domingos estivaes,
Quando o calor de julho nos abraza,
Gosto de ir passeiar pelos trigaes,
E, apenas nasce o sol, saio de casa.

Depois, á sombra fresca dos pinhaes,
Na grande solidão extensa e raza,
Eu sonho doces sonhos auroreaes.
E ás minhas phantasias solto a aza.

A' noite, ao recolher, sinto-me bem,
E o sangue então parece-me que tem
Outro vigor, gyrando-me nas veias.

Por isso tomo ao fim d'uma semana,
Para lavar-me da impureza urbana,
Um banho de ar nas candidas aldeias.

Coimbra.

AGOSTINHO CAMPOS.

Chronica bohemia

... A esta mesma hora da tarde radiosa e lenta a morrer, a generala, no palacete a Buenos-Ayres, gostava de vêr da sua larga janella em ogiva, rendilhada como uma custodia manuelina, toda a vida agitada do rio, paquetes que partem, fendendo a bruma da barra, para ceus distantes, pequenas faluas graceis levando aos palheiros da Outra Banda os pescadores morenos.

Uma poesia nevralgica, azulada e rhenana afogava de neblina lentamente os horisontes e as aguas, a casaria apinhada que se mosqueava vivamente de pontos de gaz, e d'onde se elevava já a larga palpitação febricitante e aguda da nevrose noctambula das cidades.

A meu pedido a generala tocava no Pleyel o *Clair de lune* do velho Beethoven; e a *griserie* inneffavel d'essa musica divina, feita de queixumes de Willis, inenarraveis saudades e espedaçados amores, sonata em que parece bater azas de colomba n'um luar de ballada, a alma do rei Lndwig, punha na mesma vibração sympathica os nervos de nós ambos.

Na sala do bilhar o general carambolava tropego, e discutia senilmente, appoiando, o ultimo discurso celebre do conde de Gouvarinho, o grande estadista da Patria.

Por vezes as vozes e as gargalhadas grossas dos velhos officiaes que o cercavam, faziam-se mais murmuradas, no reconto beiçudo d'alguma façanha amorosa e ignobil de caserna...

No salão, que o *Carcel* illuminava já de uma claridade rosa, doce e familiar, ficavamos nós dois horas esquecidas e a dama de companhia, aquella escocesa de bandós antiquados, que eu troçava tanto. e sabia cantar tão bem melodias highlandezas que diziam legendas cavalheirosas de ruinas romanticas entrevistas no esgarçar da nevoa á beira dos lagos azues.

Junto do paravento japonez, de laca e sêda cinzenta, sobre que voavam, a ouro, garças aos pares, entre chrysanthemos floridos e verduras franzinas de bambùs, nós conversavamos baixinho, na familiaridade encantadora do mesmo *trémeaux*, alma por alma apezar das idades, sobre o ultimo conto do Fialho, nos livros de Tolstoï e algumas paginas de Bourget.

A generala adorava Bourget sobre tudo, hysterico e preocupado de problemas moraes, — eu preferia, exasperado de dillettantismo e de *novo*, o perturbante amor dos romances de Loti, dramas simples e primitivos, *l'éffroyable épaisseur du monde*, e oceanos infinitos, cuja vida mysteriosa e tragica, esverdeada e gottejando ardentia, evoca sempre em minh'alma de celta nostalgias absorventes e vagas, provindas talvez de velhos marinheiros do mar das Indias, meus avós.

E n'aquella fina conversa radiosa e nervosa de senhora distincta, mil coisas novas me foram reveladas...

Tardes encantadoras de Buenos Ayres, onde estaes? onde estaes horas de infinita e espirituosa magia? Uma castidade tranquilla, quasi fria se evolava d'esse interior elegante onde se esparsia, vindo da generala, um voluptuoso e sereno aroma de heliotropio branco... Quando a noite cahia de todo, a generala começava a sua eterna costura dos pobres do bairro, ao lado da escosseza que lia Tennysson e Dickens, juncto da larga

meza Imperio, coberta de pellucia grenada, onde o Carcel avivava circularmente um tom mais novo.

Despedia-me. O *shake-hands* da generala era socegado e sem febre, o seu adoravel sorriso bondoso e franco, perlado de felicidades recatadas, socegadas e candidas, sem *blue devils*.

As apprehensões estupidas com que eu tinha entrado desfaziam-se então uma a uma irrisistivelmente, deante da graça simples da sua natureza direita...

E comtudo, sempre que me misturava de novo á febre dos boulevards, sob a luz brutal e crua do gaz, a mesma ideia fixa se enkistava, a mesma ideia que me perseguia como o seu aroma insistente de heliotropio bránco, ao vêl-a na Opera, loira e altiva, com o seu perfil desdenhoso de princeza austriaca, nas corridas, nos bailes, no campo, e até na sombra delicada das egrejas aristocratas!

Ninguem o conhecia, ninguem! Mas quem seria o amante d'esta mulher?

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

O sr. Eugenio de Castro e eu

(Dois dedos de cavaco)

A minha chronica do numero passado é sabiamente criticada pelos *Insubmissos*, graças a uma virgula que surrateiramente desappareceu da composição, não sei porque artes malignas do demonio. Vou averiguar se a illustre redacção dos *Insubmissos* interveiu no rapto infamissimo da minha estimada virgula; e se esta intervenção se provar, eu obrigarei s. ex.as judicialmente a que me indemnisem de perdas e damnos, e a que restituam a virgula ao logar que lhe compete.

S. ex.as brindaram-me tambem lisongeiramente com o epitheto de *Gemma Coniberti da litteratura coimbrã*.

Embora este epitheto me lisongeie em extremo, eu sinto-me tão pouco merecedor d'elle que me vejo obrigado a devolvel-o ao meu prezado amigo o sr. Eugenio de Castro, o qual, como passo a provar, é muito mais gemma e muitissimo mais coniberti do que a minha humilde e despretenciosa pessoa.

Com effeito, o sr. Eugenio de Castro, aos oito annos, era já auctor de varios livros de versos, e redactor principal de innumeros jornaes politicos, scientificos e litterarios; ao passo que, n'essa edade eu não passava de um mimalhozito que tinha feito exame de instrucção primaria, com doze valores de approvação.

Aos dez annos e meio, o sr. Eugenio de Castro recitava em publico as *Perolas* (poesia muito celebre de s. ex.a), arrebatando a assembleia pela naturalidade da gesticulação, e pela chamma de inspiração que lhe irrompia da testa, e que o fazia agitar a cabeçazinha genial em impetos leoninos. A esse tempo, eu fazia de corista no *Processo do Rasga*, representado por meninos espertos, e alambuzava-me de pasteis no *restaurant* dos theatros particulares onde entrava como actor.

Aos treze annos, publicava o sr. Eugenio de Castro as *Canções d'abril*, livro sem duvida valioso, pelo qual o sr. João de Deus cumprimentou sinceramente o seu pequenino collega em lettras. Aos treze annos, eu seguia não sei que disciplina em preparatorios, e admirava do imo da alma os *Logares Selectos*, do sr. Borges de Figueiredo.

Aos quatorze annos, o sr. Eugenio de Castro publicou esse poema epico *Jesus Nazareno* que o sr. Camillo Castello Branco disse poder rivalisar com os melhores de Camões e Homero, e que não sei que outros escriptores exaltaram e louvaram justissimamente. Pois n'essa edade tão gloriosa para o meu distincto amigo, eu muito simplesmente entrava para a Universidade, com portaria do governo, por não ter a edade propria; e quanto a versos, tinha inspirações que varios jornaes de collegio se encarregaram de gravar, para pasmo da posteridade, em lettras de ouro.

Aqui abro um parenthesis, e passo a correr por cima dos quinze annos do sr. Eugenio de Castro, os quaes andam envolvidos n'uma lenda que me seria difficil destrinçar, mas durante os quaes posso affirmar que s. ex.a em nada desmereceu dos talentos que até então tinha manifestado; e tanto que muitos dos seus admiradores deliberaram chamar os seus quinze annos os *quinze annos de Eugenio de Castro*, pouco mais ou menos como ao seculo XVIII se chama o seculo de Voltaire e a Lisboa se chama a cidade de Ulysses.

Hoje, com dezoito annos ou coisa que o va-

lha, o sr. Eugenio de Castro é bacharel-em-lettras pelo Curso Superior das mesmas; tem sido redactor dos melhores jornaes d'este paiz; é conhecido em todo o universo, e carteia-se muito intimamente com todos os luminares da sciencia e da litteratura.

Na sua edade, eu serei pouco mais ou menos o que sou hoje; serei ou não serei um dos redactores da *Bohemia Nova*, que a esse tempo ainda ha-de durar; terei escripto mais algumas chronicas, a que criticos d'esse tempo terão a habilidade de supprimir as virgulas, para depois tripudiarem sobre a minha desgraça; e terei sobre mim mais alguns conhecimentos de Direito, usarei porventura a pasta invejavel de quintanista. Mais nada.

Por estas, e por outras razões, que seria fastidioso mencionar, é que eu entendo que ao sr. Eugenio de Castro cabe muito melhor do que a mim o lisongeiro epitheto de *Gemma Coniberti;* no entanto, se s. ex.ª insistir em querer immortalisar-me eu passarei a immortalisar s. ex.ª com a alcunha não menos lisongeira, se bem que um pouco mais justa de *Julieta Dionesi das lettras europeias*.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Nota triste: Criticos varios, apreciando a minha malfadada chronica do numero passado, teimaram em ver n'ella expresso o desejo de que em Coimbra se creasse uma aula de dança, para educação da Briosa. Aconselharam-me mesmo o sr. Justino Soares, para lente cathedratico d'aquella disciplina, na Universidade.

Peço aos meus criticos, se é que não estou cahindo na ingenuidade de os tomar a serio, que com a mais evangelica paciencia releiam a minha chronica, na parte em que eu esboço a minha phantasia de reformador. Se a lerem com attenção, hão-de ver que eu não faço mais do que sonhar para Coimbra a sanidade, em toda a extensão da palavra: desde a reforma da instrucção na Universidade, até á limpeza das ruas e das casas.

Como não reclamei acido phenico, como nãa fiz metaphoras, como não disse que o nivel da Academia estava baixo, o publico não me comprehendeu. Como não barafustei que era preciso expulsar os preconceitos do ensino, como Christo expulsou os vendilhões do templo, entenderam logo que a minha reforma consistia no additamento d'uma cadeira de dansa á faculdade de direito.

E' o demonio, isto. Eu peço mil desculpas, pelo pouco uso que faço das metaphoras, synedoches e metonymias que veem no Manual de Estylo; mas confesso que ainda não discursei em nenhuma assembleia geral da Academia. Uma vez, apenas, pedi a palavra para exigir não sei que resposta decisiva; e o mundo sabe como eu fui apupado.

Apezar de tudo, fico com uma ponta de tristeza na alma. E' que, palavra d'honra, nunca me achei com forças para fazer a serio o papel de Homem Incomprehendido!...

A. O.

Agora nós

No dia em que sahiu o primeiro numero da *Bohemia Nova*, appareceram pregados nas esquinas uns vistosos cartazes, annunciando *Os Insubmissos*.

Depois de muitas conjecturas sobre o que quereriam dizer aquellas mysteriosas palavras; depois de se ter dito, n'uma *blague* espirituosa, que *Os Insubmissos* era o titulo de um novo romance de Montepin:—veiu-se afinal a saber, de uma maneira cathegorica:

1.°—Que *Os Insubmissos* era um jornal excellentemente redigido pelos srs. Eugenio Castro, João Menezes e Francisco de Bastos, e primorosamente administrado pelo sr. Diogo Paim da Camara Bruges.

2.°—Que este jornal tinha por bandeira de guerra a mais completa independencia litteraria contra todos os preconceitos; que alli se faria critica a mais sincera, sem o logar-commum do elogio mutuo, e sem o mau gosto da insolencia e da descompostura.

3.°—Que, para terminar, o novo jornal se manifestaria adversario e antipoda da *Bohemia Nova*, no sentido de que a *Bohemia* era o jornal amigo dos lentes e amigo da ordem, e *Os insubmissos* seria o jornal da má-lingoa e da critica acerada e justa.

Diante de uma tal audacia de programma, espalhado aos quatro ventos pelos *iniciados* do grupo nosso pretendido rival, a *Bohemia Nova* ficou silenciosamente na espectativa, com uma vaga desconfiança de que todo este grande espalhafato previo se resolveria em muito pouco, talqualmente acontece n'aquella fabula celebre da montanha que, ao cabo de enorme arruido, illude a espectativa do publico com o parto temeroso de um ratozinho microscopico...

Não tivemos—mercê de Deus!—de nos arrepender das nossas desconfianças. O n.º 1 dos *Insubmissos* ahi está a affirmal-o, e a deitar por terra todas as illusões e todas as esperanças com que porventura os ingenuos se tenham deliciado.

Elles tinham-nos querido convencer, na ligeira critica entre o café e o *cognac*, ali ás mezas do Lusitano—que a *Bohemia Nova* era uma gazeta banal, sem uma nota imprevista e original, sem um destaque qualquer de novidade e d'arte n'este meio corriqueiro e chinfrim. A *Bohemia*, affirmavam-no elles e era quanto bastava —não valia, não prestava absolutamente para nada.

Ahi está pois *Os Insubmissos*: vejam-no os senhores, se querem saber o que é um jornal bem feito, melhor administrado e ainda melhor impresso; o que é beber do fino em arte, possuir a quintessencia do gosto litterario, subir ao setimo ceu da critica scientifica; o que é ser independente, arrojado, petulante, talentoso, e tudo quanto quizerem...

O primeiro numero dos *Insubmissos* ahi está. Vejam, como os seus redactores são independentes; como elles dão para baixo nos lentes; como elles fazem a severa critica, a solida apreciação, a subtil e humoristica piada...

A critica á *Bohemia Nova*, essa achamol-a simplesmente invulneravel. Nós temos de curvar-nos reverentes perante estes Sainte-Beuves de botequim, perante estes Taines e estes Planches da rua das Cosinhas; e se não é a critica do *Arauto*, floreteada galhardamente, que alli fomos encontrar; se não é o fino alfinete de *toilette*, delicado e pequeno, que elles usam como arma dos seus rispidos combates;—é necessario confessar que o decantado espirito do *Pimpão* ficou vencido d'esta vez; e que não ha como o sr. Eugenio Castro, como o sr. João Menezes e como o sr. Francisco de Bastos, para, sobre a falta de uma virgula, ou sobre a variedade de um tempo de verbo, architectar sabiamente milhares de milhões de criticas!

Humildemente, apezar de todos os doestos, de todos os epigrammas de que a crivaram e de que se acha mortalmente ferida—a *Bohemia Nova* dá os parabens aos *Insubmissos*; e para justificar as suas felicitações, entra no campo da analyse, e vae depôr considerações despretenciosas, como corôas de louros, sobre o altar glorioso d'onde os *Insubmissos* surgem, de lança em riste, ameaçando a terra, o mar, todos os lentes da Universidade e o mundo.

*

Os Insubmissos é um jornal *mignon*, papel macio, bella typographia.

Como divisa, feia e forte, esta phase de embatucar: *De lança em riste.*

Mas o embatucamento desvaneceu-se quando na vinheta frontal se nos deparou, como portador da lança, um cherubim de carnações roliças.

Com taes lanceiros podemos nós bater-nos... desarmados.

Bem dispostos com este inicio animador, concluimos logo socegados:

—Os *insubmissos* não são tão feios como se pintam...

E logo, como que em seguida a uma grande desentalação:

—Uff!... Que allivio!

*

Os *Insubmissos* dividem-se em duas metades. A primeira é toda occupada por uma poesia do sr. Eugenio Castro, redactor principal, intitulada *Noite de fogo*. Na segunda, depara-se-nos uma versalhada do sr. João Menezes, e a critica á *Bohemia Nova*.

A poesia do sr. Eugenio Castro tem um certo merecimento. Mas não imagine s. ex.ª que fez um trabalho correctissimo. A *Noite de fogo* tem uns poucos de versos errados, e todo o fim da ultima parte é simplesmente detestavel.

Exemplo de versos errados:

O eterno sol, o velho sol, parece novo.

Este alexandrino podia admittir-se, junto com outros feitos pelo mesmo processo; mas nunca destacado, como vem.

Outro no mesmo genero:

Cheira a polvora. O fume sobe. O ceu deslumbra.

Mais versos errados:

De terreno onde eu, campestremente calmo,
.....
Que desse a impressão da voz d'essa creança

Agora, vamos ao fim da ultima parte. Damos exemplos:

Comprehendo então que está perdida; e n'este caso
O que devo fazer? entregal'a ao acaso?
N'isto o homem que está sentado ao pé de mim
E que tem presenciado a scena diz me assim:
«Segundo penso aqui o que ha a fazer
«E' confiar a creança a um policia qualquer.

De resto, apezar d'estes defeitos, a poesia do sr. Eugenio tem merecimento. O que não podemos deixar de notar, é que, sendo s. ex.ª um insubmisso *enragé*, exija e sonhe, como diz na sua poesia,

.....uma noiva alegre, uma noiva *submissa*...

A não ser que queira concorrer para o cruzamento das raças...

*

Segue-se, no que diz respeito a rimas, a *Religiosa* do sr. João Menezes.

São seis quadras d'uma originalidade combativel, pezadamente desenroladas sobre este assumpto banal: um bispo que dentro d'uma egreja ergue para o ar o corpo, o sangue e a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo. Além d'isso, a *Religiosa* tem versos errados, por ex.:

Entre as palmas, as rosas e os lyrios.
.....
O Bispo, em frente do altar murmura.

Francamente, nosso caro João Menezes: se é isto a tão decantada nota original, a celebre formula inaccessivel para muitos, o zenith de que você se julga tão proximo, aconselhamol-o a que dispa immediatamente essa *pose* de innovador, e se resigne a encarnar-se no seu verdadeiro papel de *phonographo* do sr. Francisco de Bastos, no espirito e na litteratura.

De resto João Menezes mostrou sempre uma accentuada vocação para as coisas da Egreja. Ha pouco mais d'um anno, depois de ter perguntado ás estrellas, aos montes e aos mares, se acaso haveria um Deus *super omnia*, e como todos estes objectos tivessem feito os mais desdenhosos ouvidos de mercador, João Menezes exclamava desanimado:

..... o meu immenso grito
não penetra no abysmo, *e não ascende aos ceus.*

João Menezes era então muito mais sincero. Sem pretenções d'originalidade, confessava expontaneamente a impotencia da sua voz para chegar a essas alturas onde só se não ouvem as de certos entes *submissos* e demasiadamente pensativos, (*d'après* Thomaz d'Alencar).

*

O resto do jornal, quasi metade, occupa-se da *Bohemia Nova* que ahi soffre um fogo intenso de piadas, a que alguns ingenuos tem dado por ahi o nome nada proprio de critica.

N'esta hecatombe foram arrastados todos os artigos da *Bohemia,* á excepção de quatro.

D'esses quatro, tres foram troçados no segundo numero dos *Insubmissos*.

Resta um que ha de salvar-se no meio de todas as desgraças, pairar sobre todos os cataclysmos, resistir a todos os perigos, como certos heroes inverosimeis de romance tetrico. E' a *formosissiua* Lyrica do sr. Francisco de Bastos. Bem dizia o judiciosissimo *reporter* Machado de Almeida, na sua bem informada critica do *Jornal de Noticias*.

Muito coherentes, estes *insubmissos!*

*

Responsabilidade limitada.

Na capa, os *Insubmissos* declaram:

A responsabilidade de todos os artigos publicados nos *Insubmissos* é unica e exclusiva da pessoa que os assigna.

Isto, que n'outra qualquer parte, seria um pleonasmo, no primeiro numero dos *Insubmissos* significa, apenas uma precaução.

Muito prudentes, estes *insubmissos!*

No *Primeiro de Janeiro* de 6 do corrente appareceu uma correspondencia assignada F. B. iniciaes que pertencem, segundo dizem as *más linguas*, ao sr. Francisco de Bastos.

Começava s. ex.ª por dizer que era a primeira vez que desempenhava as funcções de correspondente do *Janeiro*, cargo anteriormente occupado pelo sr. Machado d'Almeida, ao qual s. ex.ª chamava chronista insubstituivel, penna brilhante, talento notavel e não sabemos que mais.

No mesmo dia appareceu no *Jornal de Noticias* uma critica ao primeiro numero da *Bohemia Nova*, critica de cujas minudencias já se fallava em Coimbra, antes de ser dada á luz pelo sr. Machado d'Almeida. Ora succede que, entre as poucas coisas que agradaram ao paladar d'este critico accessivel, destacava muito principalmente *a formosissima* **Lyrica** *de Francisco Bastos* (textual).

—Ha dois homens muito finos; um é o compadre. O outro... o compadre dirá quem é.

Muito independentes, estes *insubmissos!*

*

O sr. Alberto Osorio de Castro é accusado de *limpar o suor aos jazigos*, no seu soneto publicado no primeiro numero da *Bohemia*. Se a má-fé não cegasse os olhos aos nossos criticos para tudo quanto não seja dizer mal, teriam notado que no verso

Limpa o suor, de costas aos jazigos

não ha falta alguma de virgulação que possa levar á combinação burlesca arranjada por s. ex.ª.

N'este mesmo soneto, a critica não acha explicação para a variedade de tempo de verbo entre a primeira quadra e a segunda. Com a perfidiazinha habitual, pozeram a par dois versos de quadras differentes com rimas identicas; d'onde se poderia concluir que o sr. Alberto Osorio empregava a seguir, de cambolhada, verbos no presente e no passado.

A' poesia *Patricia*, do mesmo auctor, notam os redactores dos *Insubmissos* dois defeitos artisticos: haver n'ella tres palavras em francez, e duas rimas identicas.

Notaremos que o uso de palavras extranhas á lingua, não é reprovado, que nos conste, antes é seguido por todos os parnasianos, principalmente quando essas palavras não teem traducção fiel na lingua em que se escreve, como acontece com as palavras *landeau e reitres*. Consultem os criticos as melhores poesias de Gonçalves Crespo, e lá verão empregadas frequentemente palavras estrangeiras.

Quanto ás duas rimas identicas, dir-lhes-emos que nem é grande defeito, nem o ouvido se ressente d'elle, nem o sr. Alberto Osorio tinha em mente fazer um primor, sem defeitos nem senões. *Errare humanum est*, ajuda-nos d'alli um sabichão.

E por outra vez, sejam menos caturras, que a caturrice não lhes diz nada bem. Convençam-se d'isto.

*

Entre dois insubmissos:

—A *peça* do Eugenio Castro não te lembra um kaleidoscopio?

—Melhor: uma caixa de tintas.

*

PARALELLO

Critica litteraria

Do *Pimpão*, ultimo numero:

O *Diario Illustrado* publica o seguinte telegramma:

«Paris, 5, t.

O sr. Carnot acceitou as dimensões do sr. Ferrouillat de ministro de justiça, e do sr. Delaport de sub-secretario de estado das colonias.»

O sr. bailio, que ouvira ler o telegramma:—Não é muito, para um presidente da republica, eu que sou presidente da camara dos pares, tambem era capaz de acceitar a mesma coisa aos pares!

NÓS.

Annuncios curiosos

Dos Insubmissos, primeiro numero:

O sr. Sanches da Gama insere quatro quadras onde ha versos como estes:

Acho infame o que muitos acham bello
E acho tolo o que muitos acham bom
.....
Guerreio o que é banal e sou banal
Detesto o que é burguez e sou burgnez.

No nosso intender a poesia do sr. Gama é boa e bella.

PAN-TARANTULA.

*

Francisco de Bastos, no numero 2 dos *Insubmissos*, revela-se um poeta *original* e calino.

Declara que uma poesia sua, que publica—*Madrigal nocturno*—é apenas um ensaio; que

pretende fazer um alexandrino novo, composto de um verso de oito syllabas e de outro de quatro.

Alexandrino novo, diz elle. Será, para quem não conhecer, em assumptos de metrificação, mais que a *Arte poetica*, do sr. Castilho, Nós, porém, vamos tirar ao publico mais esta doce illusão. O alexandrino do sr. Bastos não é d'elle: não tem mesmo nada d'isso.

Ora vejamos.

Aquelle alexandrino do *Madrigal nocturno* não passa, em ultima analyse, de ser o alexandrino dividido em tres grupos de quatro syllabas, ha muito usado por alguns dos parnasianos francezes, e de que os poetas decadentes de hoje tanto têm abusado.

*

Experimentemos:

1.º	2.º	3.º
Passam de man-	so as viraçõe	ainda olorosas
D'algum pomar,	ou laranjal,	por onde andaram
E os nenupha-	res, vão boian-	do á flor das aguas,
Cheios d'amor,	cheios de aroma	e de fragrancia
E foi então	que o rouxinol,	lyrico alado,
Fez o primei-	ro madrigal	dos seus amores.

Até por signal nos recordamos de ter lido uma critica de Maxime Gaucher, em que a proposito de um livro de Vielè-Griffin (*Les Cygnes*), se mette a riso a mania de inventar rythmos novos para os alexandrinos, de maneira a fazel-os quebrados, com uma harmonia que só elles entendem. E cita versos como este, que pomos em parallelo com os do sr. Bastos:

1.º	2.º	3.º
Vous suspendiez	aux branches des	guirlandes à
D'algum pomar	ou laranjal,	por onde andaram.

Ou, á moda do sr. Bastos:

Oito syllabas:	*Quatro syllabas:*
Vous suspendiez aux branches des	guirlandesà
Passam de manso as viraçõe	ainda olorosas

De resto, já o sr. Eugenio Castro, na *Noite de fogo*, publicou dois alexandrinos d'este genero. Citamos um d'elles:

O eterno sol, o velho sol, parece novo.

Portanto, de duas uma: ou o sr. Bastos plagiou dos parnasianos francezes, ou do seu collega na redacção dos *Insubmissos*. Que dirá a isto o sr. Eugenio Castro?

Poderiamos citar-lhe outros exemplos. Cá ficam guardados, para outra occasião. O que lhe diremos, seu Hyppolito Tenia da rua das Cosinhas, é que não inventou nenhum rythmo novo, embora faça grande alarde das suas originalidades.

Diabo da nota!

Afóra esta *novidade* do alexandrino, a poesia do sr. Bastos é de uma banalidade a toda a prova:

Para o noivado os cravos com as rosas
Vendo a noite cahir, já se deitaram.

O sr. Gomes Leal, na *Historia de Jesus:*

Pelo luar ás horas religiosas
Quando *os cravos concebem*, e os jasmins.

A mesma ideia, como veem.

Depois, passa a brisa clorosa d'um pomar ou laranjal por onde andou. Esta impressão é velha como o arroz de quinze; não lhe podemos dizer que é d'este ou d'aquelle, precisamente, porque é de toda a gente.

Em seguida, as fontes *choram a distancia*, no escuro, *sem magoa*, quaes frias *amantes*, *sem amor*... E' difficil de perceber. Se choram sem magua, vae o sr. Bastos confessar-nos que as malditas das fontes choram d'alegria e d'enthusiasmo; se são frias amantes, sem amor, havemos naturalmente de concluir que amam com odio, o que ainda se percebe menos. .

Sybillino e calino poeta, este sr. Francisco!

Salvo se as taes fontes, coitaditas, estavam seccas de ha muito—e se as primeiras gottas d'ag ua, que rebentaram, foram as suas lagrimas d'alegria.

E as *frias amantes, sem amor*...

E verdade que os senhores poetas costumam ter uma ideial *amante* inspiradora, que, ás vezes, pelo seu *desamor*, lhes faz tirar da lyra notas agndas d'um desespero sublime.

Talvez—é o mais certo—o auctor do *Madrigal nocturno* desencantasse, n'algum jardim escondido entre verduras, alguma estatua bella de marmore, cujos olhos fossem duas fontes chorando—e tão perfeita estatua, que o sr. Bastos, d'um fino temperamento de artista raro, ficasse

apaixonado por ella, a sua *fria amante, sem amor, sem maguas.*

Boiam nenuphares, cheios d'aroma, de amor e de fragancia. *N'isto...*

Parece-nos que o *n'isto* é a marca-da-fabrica dos *Insubmissos*. Já o sr. Eugenio de Castro, no numero passado, dizia:

> ..... *N'isto,*
> Sobem de novo ao ceo, n'um fulgor imprevisto
>
> *N'isto* o homem que está sentado ao pé de mim
> .....

N'isto, como iamos dizendo, o luar encheu o azul de vagos explendores; e foi então que o rouxinol, *lyrico alado*, fez o primeiro madrigal de amor. Chamar ao rouxinol, lyrico com azas, não nos parece que seja d'uma originalidade *à outrance*.

Mesmo porque já o *D. Gil* achava que o rouxinol tem uma sonhadora alma de poeta lyrica...

Aqui está no que deu o decantado talento, a decantada insubmissão do sr. Francisco de Bastos. Nós, pela nossa parte, estamos inteirados e convencidos de que o sr. Bastos é um alho—o que já não é pouco.

*

Antonio de Mello não responde aos *Insubmissos*.

Era, já agora, o que lhe faltava!

Tem mais que fazer.

Precisa de estar á beira do *seu caro D. Gil* que se acha ainda incommodado d'uma *carraspana* de bebidas brancas, com que o sr. Eugenio o atestou.

Então, como estaria o sr. Eugenio?...

*

Consta-nos que o sr. Francisco de Bastos ficou despeitado por a sua formosissima lyrica ter sido publicada no fim do nosso primeiro numero; e que só em razão d'este despeito, s. ex.ª teve a infeliz ideia de publicar um jornal contrario ao nosso.

Sentimos que uma tão insignificante mal-intendido tenha dado origem a uma lucta entre dois partidos que poderiam viver e trabalhar na mais util união e no mais desinteressado accordo. Em todo o caso, a nossa consciencia exige-nos que declaremos aqui, com a mão no coração ou sobre os Evangelhos: que se a lyrica do sr. Bastos era a ultima composição da *Bohemia*, essa disposição foi muito intencionalmente feita para que o nosso primeiro numero acabasse como acabam todos os sonetos: com chave *d'ouro*.

*

Authentico:

O Eugeniozinho, que aos doze annos faz versos e escarafuncha o nariz, é interpellado por uns amigos da casa, n'estes termos:

Deixa-te de fazer versos, menino. Que lucro poderá vir-te d'ahi?

O Eugeniozinho, fulo:

—Victor Hugo tambem enriqueceu!

*

Para terminar, teriamos de dizer alguma coisa sobre o merecimento litterario dos *Insubmissos*.

Não o podemos fazer, porque dos dois primeiros numeros nada se pode deduzir.

De duas uma: ou o jornal continua a encher-se com troças á *Bohemia*, e então é tão insubmisso como um parasita, ou se resolve a entrar no verdadeiro caminho que o bom senso lhe indica: e então formularemos mais tarde sobre elle um juizo definitivo. Para qualquer dos dois casos, julgamos indispensavel ou a regeneração, ou a caricatura.

E' escolher.

DR. FAUSTO.

Homo-Creator

O que será então o pensamento
que me illumina a minha fronte erguida,
emquanto entre escarceus arrasto a vida
qual barca fragil sob a acção do vento?

Como pude eu vencer o velho mar
e dominal-o á força do vapor?
e ir arrancar á noite do terror
o raio, quando prestes a estalar?

Eu chamo-me Camões, Petrarcha ou Dante,
e vou correndo em marcha trinmphante,
buscando a luz na vastidão dos ceus.

Mas que sou, que sou eu, pobre mortal?...
—Eu sou o creador do velho Deus,
mytho informe do Bem, mytho do Mal!

1882,

HELIODORO SALGADO.

EXPEDIENTE

A Bohemia Nova publicar-se-ha d'oravante semanalmente, reduzindo-se o numero de paginas a oito.

Com esta modificação nada teem, portanto, a soffrer os nossos assignantes.

Temos em nosso poder alguns originaes em prosa e verso que não foram publicados n'este numero por absoluta falta d'espaço, do que pedimos desculpa aos seus auctores. Publicaremos todos estes originaes no proximo uumero.

Em virtude da grande quantidade de artigos que nos foi impossivel deixar de publicar no presente numero da Bohemia, e que nos obrigou a augmentar o numero de paginas do jornal, só dois dias mais tarde do que promettêramos o fizemos distribuir. Os nossos assignantes desculparão esta pequena falta, e nós forcejaremos porque ella se não repita.

A Bohemia Nova vende-se e assigna-se: na Redação—Rua larga, 38, na Livraria Paula & Costa, no Café Lusitano, na Typographia União.

A todos os nossos collegas da imprensa, a quem enviamos a Bohemia Nova, pedimos o obsequio da troca.

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Em todo o paiz: trimestre	500	réis
Paizes da União Postal; trimestre 4 francos.	720	»
Brazil: trimestre.	1$200	»
Numero avulso	100	»

BIBLIOTECA MUNICIPAL • COIMBRA •

N.º 3 COIMBRA, 1 DE MARÇO DE 1889 ANNO I

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

DIRECTOR DE NUMERO — CARNEIRO DE MOURA

A vida em Coimbra, por Antonio de Mello; *Lirica* (poesia), por Alfredo Teixeira Ribeiro; *Outomno* (poesia) por João Saraiva; *Sibylla*, por Carneiro de Moura; *Sonetos*, por Antonio Nobre; *A crypta da Sé Velha*, por A. Gonçalves; *Boulangismo e Cesarismo*, por Cunha e Costa; *Serenata* (poesia), por Sanches da Gama; *De Paris*, por Xavier de Carvalho; *Publicações* por Dr. Fausto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á **REDACÇÃO** da **BOHEMIA NOVA**:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

A vida em Coimbra

Não vimos, d'esta vez, fallar da desenxabida litteratura má, que por ahi vae á solta, sem fazer caso do bom senso e da grammatica: deixaremos, n'esta primeira pagina da *Bohemia*, as *originalidades* do sr. F. Bastos e a faisca do seu erotico *humour*. Portanto: adeante, a outro assumpto menos reles, mais decente.

Mas, assumpto que preste... Não atinamos. Andámos até agora á espera *d'elle*; e, afinal—tudo uma banalidade; nada de geito, nada de novo.

Assim—á falta d'outro melhor assumpto —vemo-nos levados, bem a custo, a bulir n'esta revelha coisa que tem enchido tanta chronica semsabôr de gazetas baratas — e que rethoricamente se chama a *Academia*.

A *Academia*... Conhecem-na bem. Uma pacata burgueza que, como qualquer merceeiro ventrudo da Baixa, faz o *chilo* do jantar alli pela estrada da Beira, sob as acacias; que vae depois escorar as hombreiras das portas da *Havaneza*, e d'ahi para o *Lusitano* dizer chochamente futilidades deante d'um calix de *genebra*, ou desgastar a paciencia sobre um taboleiro de *damas*, ou emparceirar-se ao bilhar com qualquer caixeiro pelintra, de frieiras nas mãos e chinellos nos pés, que dá giz no «maldito taco que anda sempre a falhar»... Depois, ao dobre escarninho da odiada cabra, lá vae ella, a Academia, para a Alta—mas de vagar, tristemente, parecendo já vêr, de longe, a estopante sebenta estendida sobre a banca, no seu manuscripto gatafunhado. D'ahi a pouco ella estuda—creio eu.

Conhecem-na bem—esta burgueza vinda da Beira ou Traz-os-Montes que para ahi se arrasta ramerraneira, todas as tardes, da Baixa para a Alta, com uma cara trivial e tristonha—cara de quem traz lá dentro grandes saudades a ralal-a, amargamente a hypocondrisal-a: saudade das suas alegres aldeolas, brancas d'entre os pinhaes verde-negros, perfumadas sadiamente da fragancia silvestre das giesteiras e das estevas, que se volatilisa pelo grande ar livre, lá mais puro, mais azul. E que melancolia tamanha, quando os seus olhos bons de pachorrento lebreu por lá enxergam algum roliço e anafado Bruges — que logo lhe lembra, com estalinhos gulosos da lingua no céo da bocca, o bom paio vermelho e picante e saboroso dos seus sitios!...

Afinal, para que se diga a verdade, ella é sympathica; parece ter, ainda em flôr, aquellas illusões suaves que lhe rebentaram na alma simples e crente, quando em pequenita, lá na aldeia, já sol nado no horizonte côr d'ardosia, ia para o monte pastorear—na frente as ovelhas alegres balando, e ella cantando alguma canção ingenua e doce como as canções dos pastores biblicos...

Mas, aqui, o que lhe vale, para espairecer saudades, são as vesperas de feriado em que ella se faz estroina á antiga, (recordando aquelle estudante chamado *bragante*, de chapeu d'alguidar, o relogio no prego, de guitarra na mão por noites pallidas de romantico luar)—e se embebeda de forte rascante, andando a zigzaguear por essas ruas e viellas e a desafinar, em voz avinhada, cantilenas brejeiras que offendem o pudico tympano das meninas burguezas e recatadas. Se não fossem as vesperas de feriado e o Bairrada barato, vel-a-hiamos, a Academia, acabrunhada e desalentada ante a sebenta, com o ar triste e philosophico d'um sendeiro infeliz, ante a humanidade bruta que o azorraga.

*

Alem d'isso a Academia, de quando em quando, tambem se expande nas *assembleias geraes*; então toda ella estremece d'uns enthusiasmos infantis, ao som da voz campanuda d'algum seu *patetico* Boulanger feito á pressa, que lhe urra e a commove. E ella, coitada, é capaz de seguir para toda a banda, para toda!... esse Boulanger—especie de vacca chocalheira.

A's vezes apparece por aqui um Boulanger qualquer, que se insinua—e logo é posto na gloria.

A Academia ergue-o nos escudos e apregoa-o. E' tão adorado como o outro, o genuino Boulanger, que Paris canta pelas ruas e pelos cafés-concertos.

Muitas vezes, porem, acontece que *alguem* inveja esse Boulanger; tem vontade de o ver apeado—para subir depois...

Esse alguem conspira. Esse alguem já quiz *fazer-se*, como reclame, um martyr do fôro universitario. Esse alguem é o sr. Bastos, o insubmisso.

Isto de ser martyr... para depois ser boulanger... E' como o aleijão que um miseravel arranja, para exhibir, bem á mostra, bem repugnante, ahi pelas esquinas—e para arranjar depois os *dez réis* da esmola de quem passa.

Hein, sr. Bastos?—um processo!

E assembleias geraes, a Academia a rebentar de indignação; o sr. Bastos—um martyr, o sr. Bastos—canonisado, o sr. Bastos—boulanger, o sr. Bastos—presidente da Tuna, o sr. Bastos—*principe* da Academia, o sr. Bastos, emfim—na Gloria!...

O diabo é que a Academia não será d'esta vez tão papalva que o acredite, como já tem acreditado outros.

A Academia, a respeito de boulangers ridiculos e de ridiculos martyres, devia fazer como o meu caro Antonio Nobre: olhar superiormente para tudo isto. com um olhar sereno e frio.

ANTONIO DE MELLO.

Lirica

Já nada espero agora...
Fugiu de mim a derradeira esp'rança
Como um sonho indeciso de creança
Ao despertar da aurora.

Meu pobre coração,
Antes que soltes o final arranco,
Hei-de pregar-te ás tabuas d'um caixão
Amortalhado n'um sudario branco.

Depois hei-de levar-te ao cemiterio
Sem pompa, sem vaidade e sem latim.
Quero que a tua vida acabe assim
Envolvida nas sombras do mysterio.

E a assignalar teu ser immaculado
Terás este epitaphio simplesmente:
—Amou, não foi amado,
Morreu, impenitente.

ALFREDO TEIXEIRA RIBEIRO.

Outomno

(A DANTON DE CARVALHO)

E' fim d'outomno. A aragem fria
Desfolha as arvores. Parece
Que tudo faz melancolia...
O sol que as nuvens coloria,
Pallido agora disparece.

No solo cheio de folhagens
Ouço gemer as folhas mortas.
Sente-se o inverno nas paizagens.
Outomno, deixa estas paragens!
Tristeza, bate ás nossas portas!

Os campos calam-se dormentes.
E já não risca o poente louro
O vôo das aves innocentes...
E o bosque ás brisas inclementes
Tapeta o chão de folhas d'ouro...

Mas era alem, passando a ponte,
A descansar do meu caminho,
Que eu me sentava ao pé da fonte,
Lá onde esvoaçam no horisonte
As velas rotas d'um moinho!

Hoje entristeço. O olhar sombrio
Vae como as nuvens pelos ceus...
Se baixo o olhar—que desvario!
O bosque nú treme de frio,
O moinho triste diz-me adeus.

E' noite. Agora o azul cavado
Scintilla aos poucos sôbre a terra.
Soluça o bosque desfolhado,
E alem, de rosto ensaguentado,
A lua sae por traz da serra!

Meu Deus! peior que a névoa intensa,
Que o vento e a chuva, é o abandono!
Abre-se a porta á noite immensa:
O inverno chora; o outomno pensa!
Amae por Deus o pobre outomno.

Espinho, 88.

JOÃO SARAIVA.

Sibylla

Chamavam-na docemente Erithrea.

Nascera n'um dia de calor intenso, claro da luz forte que põe tons magicos nas quebradas dos valles illyricos.

A athmosphera então toldava o azul nitido das noites hellenicas, tão esplendidamente orientaes á luz das estrellas.

Parece que n'aquelle dia, de tarde, a estatua heterogenea da lenda biblica tomara proporções mythicamente enormes, para se desfazer n'uma poeira d'ouro e prata, estilhando-se-lhe os frageis pés de barro contra uma vaga do Egeu — para pulverisar torvamente o ar morno da lendaria Grecia.

*

Dizia-se entre os pastores amigos dos paes d'Erithrea que aquella creança tão loura, tão grega, tinha uma má estrella de familia.

Conheceram-lhe o avô e era doudo; depois os ancestraes formavam um capitulo na historia tetrica da pathologia cerebral.

E era pena!

Nunca o typo grego foi mais esculptural nem mais nobre do que na encarnação fresca e palpitante da Sibylla.

Os olhos scintillavam nevropathicamente amor infernal, revolvendo-se nas orbitas de palpebras rasgadas, com uma expressão d'enleio. Se fallava, punha uma cadencia estranha na dicção crystallina que effeituava as maravilhas mythicas da lenda orpheonica..

Afinal Erithrea era mais amavel que sibylla.

*

Um dia em que Jupiter tinha na Grecia a consagração do dominio olympico, viu-se passar lentamente uma figura mysteriosa, de roupagens brancas e largas, que á mercê da aragem deixavam presentir a largura sensual d'uns quadrís appetitosamente femininos. O peito, arcado suavemente, arquejava-lhe pressuroso, descuidosamente occulto na alvura da tunica.

Parou em meio da multidão de sandalias, ebria no tiroteio do circo; teve o expediente sibyllino de pôr a descoberto a formosura rara do seu lindo rosto de linhas gregas. E disse epilepticamente ao povo amigo:

—Cidadãos gregos! Jupiter ama a minha belleza e eu partilho hoje com elle da volupia olympica, porque nos meus devaneios de mulher formosa e ardente, retemperada ao calor da Illyria, senti que Jeremias, o plangente propheta d'Anatot, não merecia o roçar d'arminho dos meus labios rubros e quentes; e, se sonhei com os amores de Ezequiel, detesto-o desde que uma hebrêa me disse n'um sonho ao pé do Euphrates que elle amassava o pão com esterco, á guiza de vianda.

Teve um estremecimento nervoso e, abandonando á brisa o ouro das madeixas que lhe açoutavam caricioso amente as espaduas,—continuou:

—Jupiter, meu amante, disse-me o futuro dos povos; mas só vagamente o comprehendi — o eternamente forte. Que um semideus nasceria do nosso povo humilde e grande, que como um vendaval desencadeado do Himalaya rojaria a seus pés a gloria autonoma dos imperios, espalhando um dominio nunca visto.—

Vaticinava a figura excepcional d'Alexandre da Macedonia, a grega, com a mesma consciencia prophetica do *vidente* mantuano no «novus ordo» encaixado n'um hexametro... christão.

E depois de ter sido sibyllina assim, fez referencias vagas a uma aguia extraordinaria e adunca das patas, que na elevação do vôo, a altiva, tinha rasgado as carnes duras do dorso de pachydermes, poleiro sangrento do alado animal. Ia elevando-se, ao ceu, e a sombra das suas azas negras e grandes cada vez era menor n'uma projecção indecisa.

Fallava do progresso.

E ainda disse mais:—Que a claridade celeste successivamente maior, intensa e fermentadora—quando o monstro alado, tão descaroadamente offensor da pelle rija dos pachydermes já fosse na vastidão do azul um ponto negro e tão pequeno como a rutilancia de Venus — havia de fermentar putridamente no monturo o embryão d'uns sapos avaros, comedores de donninhas e inventores emeritos d'uns carros muito commodos e muito velozes — para não serem sapos.

Parece que falava de *John Bull* e do seu lindo *sleeping-car*.

CARNEIRO DE MOURA.

Sonetos

I

PALAVRAS DE UM DOENTE

Ando anemico, pallido, cansado,
Meu corpo dobra exhausto para o chão;
Cahiu a Torre-Azul do meu passado,
Não me resta uma unica illusão.

Vivo sem Deus: por elle amaldiçoado,
Não tenho amôr, nem fé, nem religião.
E só conservo vivido, inflammado,
Meu orgulhoso e nobre coração.

E assim doente, pensativo, absorto,
Nostalgico, sem forças, quasi morto,
Ambicionando uma existencia calma:

Ao vêr um outro, varonil, robusto,
Eu digo, alevantando o braço a custo:
«Que bello predio para a minha alma!»

Maio, 1886.

II

ELEGIA

Ó virgens que passaes, ao sol poente,
Pelas estradas ermas, a cantar:
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me recorde as affeições do lar.

Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantae, cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu lar desenterrae
Todas aquellas illusões antigas

Que eu vi morrer n'um sonho como um ai...
Ó' suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me n'essa voz... Cantae!

Janeiro, 1886.

III

O MEU CONDADO

No campo azul da alada phantasia
Edifiquei outr'ora, por meu mal,
Castellos de oiro, esmalte e pedraria,
Torres de lapis-lazzuli e coral.

N'uma extensão de leguas, não havia
Quem possuisse outro dominio egual:
Tão bello, assim tão bello, parecia,
O territorio de um senhor feudal...

Um dia, (não sei quando, nem sei d'onde)
Um vento agreste de indifferença e *spleen*
Lançou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado,—o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso conde,
N'aquella edade em que se é conde assim...

Outubro, 1887.

IV

LUCTA PELA VIDA

Acabo de assistir, cruel lembrança!
Ao funeral de um anjo casto e puro:
«Infancia», era este o nome da creança
Que eu vi lançar da campa no monturo.

Tres anjos:—a Chymera, o Amor, a Esperança
Acompanharam-na ao jazigo obscuro;
E recebeu, segundo a velha usança,
A chave do caixão,—o meu Futuro.

Hoje, pobre alma, tragica e dorida,
Arrasta-me o destino aos empurrões
Para os combates materiaes da Vida!

Que hei-de fazer, Senhor! o que é que espera
Um bacharel formado em Illusões
Pela Universidade da Chymera?...

Dezembro, 1887.

ANTONIO NOBRE.

A crypta da Sé Velha

Movido simplesmente em propositos de delicadeza não me obstino em recusar a fastidiosa tirada com que mal poderei satisfazer ao pedido que me é feito, e por coacto me eximo de toda a responsabilidade que me seja attribuida, pela intrusão que n'este logar commetto.

Deprimido na consciente inferioridade da minha incapacidade mental, começo por esta declaração indispensavel a quem tão mal escreve e ousa lançar um borrão na superficie polida d'uma publicação artisticamente litteraria, alimentada pelo talento e inspirada pelas mais lucidas aspirações renovadoras da mocidade estudiosa.

Alem d'isso, ha assumptos que por muito alheados das prendas da educação portugueza difficilmente são tolerados, quando os não reveste a forma attrahente da dicção. As questões incidentes sobre factos exulados da arte estão n'este caso.

A maioria do publico que lê, no hysterismo das suas predilecções, detesta tudo que seja investigação monographica, para o reconhecimento e avaliação critica d'um pequeno detalhe historico, muitas vezes das mais reveladoras consequencias. Os escriptos doutrinarios, de especulação subjectiva, esses salvam-se principalmente pelo apparato estylistico da phrase, porque, francamente, o interesse que objectivamente poderiam despertar é contrariado pela derivação tortuosa da instrucção geral. Interesse real, de sentimento e dedicação, digo, porque interesse de ostentação e do tom, esse, ainda menos mal, que por ahi se vai contagiando em florescencias de amadores e sentenciosos.

Todavia offerecerei alguma cousa de praticamente aproveitavel, em favor d'um grande monumento nacional, porque snpponho não ficará mal a uma folha litteraria empenhar-se um tudo nada por agitar na alma do publico esse altivo sentimento da arte e a respeitosa contemplação pelas mais grandiosas obras do genio e do trabalho.

Em todas as sociedades modernas esta tendencia sympathica e instinctiva do nosso espirito tornou-se um poderoso elemento de illustração indispensavel; e em toda a parte tem ao serviço da sua vulgarisação os homens mais eminentes na sciencia da historia e da archeologia. Entre nós começa agora este movimento na sua verdadeira orientação.

Assim, creio, não haverá esforços, por mais modestos que sejão, que n'este momento devam ser rejeitados, por absolutamente inuteis, quando dictados pela sinceridade da convicção e expostos de boa fé.

As catacumbas erão nos primitivos tempos do christianismo o lugar onde os crentes se reuniam para a celebração das praticas religiosas e onde honravam os seus martyres e lhes davam piedosa sepultura.

Nas antigas basilicas, em lembrança provavelmente d'aquelles memoraveis asylos, construiam capellas subterraneas, algumas vezes de grande extensão, ás quaes se dava o nome de *cryptas*.

Até ao seculo XIII a crypta era considerada como parte integrante dos monumentos religiosos, e só do seculo XIV em diante começa a afrouxar esse uso, posto que ainda se encontrem em templos muito posteriormente edificados.

Existem ainda muitas e muito notaveis; e entre outras, são por demais conhecidas a da abbadia de S. Diniz, destinada á inhumação dos reis de França; as das cathedraes de Chartres, Strasburgo, Bruges, Auxerre, etc. etc.

No periodo da arte romanica estava em pleno vigor o costume d'esses retiros obscuros, ou para a concentração dos exercicios devotos, ou para a deposição dos mortos.

Tem cryptas as igrejas de S. Vicente d'Avila, a da collegiada de Manresa, a cathedral de Barcelona, de S. Izidro de Leão e muitos outros monumentos romanicos de Hespanha.

Quando em 1860 foi demolida a velha S. Christovão de Coimbra, para sobre os mesmos alicerces ser architectado esse torpe barracão, a que deram o nome de *theatro de D. Luiz*, a crypta lá appareceu e, caso singular, com a configuração das trez naves do templo.

Infelizmente o ardor com qne a demolição foi levada a effeito, com o applauso unanime de todos os homens cultos, não permittiu que d'ella ficassem outros esclarecimentos descriptivos, alem dos insufficientes desenhos de curiosidade mais tarde publicados nas *Reliquias da arch. romano-byzantina*, pelo sr. Filippe Simões.

O uso constante das cryptas sob as cathedraes, as condições de identidade de estructura e de plano da Sé Velha com S. Christovão, as exigencias mesmo da construcção, para a orientação seguida de poente a nascente sobre o declive occidental do monte, tudo leva a presumir, com a evidencia de quasi certeza, que na vetusta cathedral a crypta existe interceptada pelas reformas ulteriores que o templo soffreu. Passa em julgado esta conjectura, sanccionada pela confirmação dos mais distinctos archeologos.

Resta sómente saber em que ponto deva racionalmente ser procurada a communicação que lhe dava ingresso.

Lançados na decifração do enigma; n'este meio onde os pujantes archeologos espontaneamente brotam, as opiniões respeitaveis, posto que em pequeno numero, são assaz controvertidas. Se, porem, é licito aos incompetentes professar opinião, pela minha parte desde muito que nutro persuasão bem diversa de todos os alvitres apresentados.

No recanto do sul, á direita de quem entra, lê-se em toda a evidencia gravada a palavra *porta* n'um dos azulejos que revestem os muros. A sagacidade coimbrã, á primeira vista comprehendeu o sentido enigmatico emergente do mysterioso verbo,—sendo que ali mesmo, sob o panno de azulejo, se encontra a ambicionada passagem que conduz ao sanctuario.

E' esta a suspeita que por comesinha, maior numero de adeptos conta. E com tudo uma inspecção no proprio local convence da inanidade d'uma tal supposição, porque não seria praticavel uma entrada, que deveria ser relativamente extensa, n'aquelle lugar, sem o enfraquecimento da parede n'um angulo do edificio, cuja solidez continuará a affrontar os seculos.

Algumas outras soluções propostas nem merecem a importancia de contestação, formadas, ao que parece, para o fatuo effeito da originalidade.

Para mim o caso é outro. Partindo do principio de que a crypta lá permanece e sob o primeiro plano da entrada principal, a passagem interior deve ter sido effectivamente pelo lado sul. O azulejo attesta a verdade.

As arcadas das capellas latteraes e toda a larga escadaria que conduz ao andar superior são reconstrucções nos fins do seculo XVI, em que no edificio foram effectuadas as maiores reformas; e foi, com todos os visos de probabilidade, n'essa epocha que a crypta foi sacrificada, para tornar exequivel o projecto d'essas obras.

Ora ao cimo da escada encontra-se um largo vão vertical aproveitado para as mais vis utilidades, que desce até ao nivel da egreja.

A escuridade constante d'essa ruptura de forma cylindrica e as exalações nauseantes do immundo logar tornam difficil a observação; mas examinando attentamente, nota-se que de certa altura para baixo são evidentes os vestigios de velhos degraus, descendo em helice. Decididamente aquella sentina foi praticada na caixa d'uma antiga *escada de caracol* e, em confirmação desnecessaria, parece descobrir-se ainda ao fundo a permanencia d'um degrau.

A posição d'uma escada que partindo d'um andar medio, hoje eliminado, não indica ter tido outra sahida, nem se justifica por outra qualquer conveniencia: o facto d'essa escada ser da primitiva construcção e a suppressão d'ella coincidir com a inutilisação da crypta: a indicação do proprio azulejo, com significação diversa da que lhe tem sido dada, tudo está naturalmente recommendado esta solução como a mais acceitavel, ou antes, a unica que uma grande verosimilhança favorece.

O exame visual a que póde proceder-se de mais em mais

reforça com uma quantidade de considerações secundarias esta presumpção que por si mesmo se insinua.

Mais detido poderia ser o desenvolvimento de rasões probativas: esta porem parece ser uma d'aquellas opiniões que, depois de descobertas, pouco custa sustental-as, pelos raciocinios da intuição.

Entendamo-nos comtudo que isto é uma hypothese; n'um certo grau de certesa moral, mas em todo o caso—uma hypothese. Não seria para admirar os mais espantadiços, se a experiencia viesse demonstrar que estava endurecido no mais grosseiro erro. A responsabilidade não seria de grande peso.

Sei que a solicitude da junta de parochia actual se vai affirmar em melhoramentos exigentes, dispondo acertadadamente do subsidio que do governo poude conseguir lhe fosse votado pela dotação destinada á conservação dos monumentos nacionaes, e que entre as obras planeadas se comprehende a tentativa para a descoberta e restabelecimento da crypta.

Uma tal resolução sensatamente posta em pratica merecerá os mais justos applausos.

Reconhecida a racionalidade do meu juizo, a contraprova será facil, porque se reduz bem simplesmente a verificar se os degraus findam á altura do pavimento do edificio, ou se proseguem em descenção, d'ahi para baixo.

E por esta forma um trolha, munido da concomitante picareta, poderá prestar á archeologia conimbricense um serviço mais valioso e proficuo, que o congresso sabio do Instituto em tres mezes de doutas palestras e mortiferas vigilias!..

Coimbra. A. GONÇALVES.

Boulangismo e Cesarismo

L'histoire apprend tout même l'avenir.
LAMARTINE.

Os jornaes da primeira quinzena de fevereiro trazem-nos as noticias palpitantes d'esse crime da população inteira de uma cidade, vulgarmente conhecido pelo nome de eleição do general Boulanger por uma das candidaturas de Paris.

Que significa esta longa serie de victorias do *brav' general* sobre aquelles que representam os sagrados principios de um seculo que morreu, legando ao futuro a liberdade e a egualdade?

Significa um espantoso retrocesso na vida intellectual e moral de um povo, ou uma leviandade, inexplicavel em um paiz a quem a historia tem ministrado as mais severas e significativas lições.

Boulanger não pode deixar de ser um agitador vulgar, um politico mediocre, um novo Bonaparte a quem faltam as qualidades do primeiro e abundam os defeitos do terceiro.

O vencedor de Austerlitz encontrava, ao empunhar o sceptro do Imperio, uma nação exhausta pelo proprio excesso da seiva que, longo tempo estacionaria, percorrera febrilmente aquelle organismo depauperado pela servidão e pelo vexame, e sedento de vida, mas vida que devia ser-lhe restituida pouco a pouco, gradualmente, sob pena de produzir a fadiga pelo plethoro. E, aos olhos de uma multidão innebriada pela victoria dos filhos do Povo, elle, filho do povo tambem, apresentava-se como o mais glorioso de todos elles, desfraldando á contemplação da Patria: Arcole, Rivoli, as Pyramides, a conquista do Egypto, a libertação da Italia inteira.

Era um heroe no campo da batalha e um organisador de primeira ordem na paz. Destruiu depois mas edificára antes.

E, em seguida a Waterloo, o proscripto de Santa Helena, em troca dos males que causára, deixava á França as victorias que conquistára como filho da Republica, os louros que obtivera como Imperador e as glorias que alcançára como Protector das Artes, das Sciencias e da Industria.

Imperador, conservára como amigos e collaboradores na obra do engrandecimento da França, no avassalamento do mundo sonhado por um cerebro de concepções gigantescas, os seus camaradas da Revolução, os seus companheiros de batalhas; impunha-se pelo genio, fascinava pela concepção, mas não dominava pelo terror, nem subjugava pela metralha e pelos fusilamentos.

N'uma palavra, o excesso de liberdade produzindo a anarchia, as circumstancias do meio emfim, tinham sido os agentes naturaes da sua elevação ao throno; o paiz, dirigido por um governo sem energia e sem illustração, fatigado por uma lucta que trouxera comsigo a demolição do passado, anciava pela unidade do poder executivo; Bonaparte impoz-se como uma necessidade: o paiz acceitou-o. Eis tudo.

Serão estas as circumstancias actuaes? O regimen da liberdade, fundado em solidas bases, offerece ao povo francez as garantias a elle inherentes; os progressos da intelligencia em todos os ramos do saber humano são immensos e indiscutiveis; a agricultura e a in-

dustria francezas são hoje com os Estados-Unidos e a Inglaterra os modelos da agricultura e da industria universal; a politica de paz e ordem inaugurada depois de 70, e continuada até hoje, tem conciliado á França as sympathias e as adhesões dos povos que antes lhe eram hostís; o exercito, as finanças, a marinha têm attingido um grau de prosperidade e aperfeiçoamento de que os publicistas e financeiros quasi descriam depois dos desastres da guerra Franco-Prussiana.

Que significam pois as manifestações do centro intellectual da França a favor de um homem sem precedentes gloriosos, sem garantias para o futuro, cujas despezas estão em enorme desproporção com os rendimentos auferidos, ignorando-se completamente quaes as suas mysteriosas fontes de receita; em uma palavra, de um homem que as circumstancias antes proscrevem do que reclamam e que ameaça tornar-se um Cesar odioso e um verdadeiro perigo para a França?

Será uma degenerescencia moral, uma profunda corrupção? Não crêmos. A França é um paiz que tem ainda sufficiente vitalidade para deslumbrar o mundo inteiro com os seus actos e as suas producções mentaes.

O motivo, quanto a nós, é essa leviandade innata no povo francez que hontem esmagava Boulanger pelo ridiculo, e hoje o acclama com phrenesi. E' o amor constante ao *empanaché*, ao *enrubanné*, ao general de parada, coberto de douraduras, de galões, mas que ha-de atraiçoar a patria sacrificando-a aos inimigos das instituições impostas ao seu paiz pelas victimas do despotismo, pelos propugnadores das grandes doutrinas liberaes, porque esse general de café concerto é, quanto a nós, o alliado d'essa dynastia proscripta pela vontade do povo, e que, depois das lagrimas e das preces, não póde deixar de recorrer á violencia e á Revolução.

E, apesar de tudo, apesar das lições do Passado, ao vêr a cegueira d'esse povo tão generoso, tão heroico, tão digno da admiração do mundo, mais uma vez reconhecemos a nenhuma realidade da phrase do grande poeta: *l'histoire apprend tout même l'avenir.*

CUNHA E COSTA.

Serenata

Depois de tanto penar
Qualquer dor me deixa mudo.
Rio-me agora de tudo,
Pois já não posso chorar.

E vou cantando á guitarra
Satyrisando esta vida,
N'uma alegria bizarra
Perfeitamente fingida.

Quando chorava abatido
As maguas mais dolorosas,
Soavam ao meu ouvido
Gargalhadas desdenhosas.

E abandonei esses modos
De um desalento sem fim:
Rio de tudo e de todos,
Antes que riam de mim.

Seja alegre a serenata!
Solte vibrações amenas,
Que eu rio das minhas penas
N'uma alegria insensata!

Se ás vezes choro, desliso
N'um dilemma singular;
Não sei se choro com riso,
Ou se rio de chorar.

Hei-de rir sempre, pois quero
Com uma força titanica
Matar o meu desespero
N'uma risada satanica!

E este riso é ja tão forte,
Que, n'uma raiva crescente,
Talvez ria *seriamente*
Nos paroxismos da morte.

Porisso eu canto á guitarra
Satyrisando esta vida,
N'uma alegria bizarra
Perfeitamente fingida!

SANCHES DA GAMA.

De Paris

O Carnaval—Os bailes da Grande Opera—A bohemia elegante —O can-can—As estrellas da quadrilha naturalista—O Olympo transformado—O can-can em Londres.

Viva o prazer! viva a alegria!—eis a grande divisa da mocidade e a divisa eterna de Paris, em todas as epochas e sob todos os regimens.

Amanhã á noite todo o Paris mundano e todo o Paris galante dá *rendez-vous* no *foyer* da Grande Opera. E' o segundo baile do anno e promette estar animadissimo, como o primeiro a que assistimos. Quando ha grande festa no santuario de M. Garnier é noite de festa em Paris, uma verdadeira noite de loucura, uma noite em que se gastam rios de dinheiro, bellos e refulgentes luizes d'oiro, quer nos *soupers chez Hill's*, no Americano e no *Café de la Paix*, nos grandes restaurantes da moda que se acham abertos até de madrugada, quer nos utensilios do baile, *toilettes*, joias caras de mulheres, quer emfim n'outros pequenos nadas que ahi em Portugal se pagam com uma miseravel libra sterlina e que aqui em Paris representam pelo menos, a somma redonda de duzentos a quinhentos francos. Umas boas vinte libras, —meus queridos amigos!...

Ser elegante, ser mundano, ser *copurchic*, ser *boulevardier*— é um logar mais dispendioso e d'uma representação mais avultada que a de todos os addidos d'embaixada.

Que verba importantissima não significa para a bolsa do verdadeiro elegante e do mundano em regra—o baile da Opera! Mas tudo isso é necessario. E' preciso fazer circular as notas de mil francos, aproveitando ao mesmo tempo a optima occasião de fazer circular... mulheres.

*

As bellas paginas dos Goncourts, na *Henriqueta Marechal* revivem diante dos nossos olhos, a todo o instante, essas explendidas scenas, esfuziantes de graça, de pittorescos e gloriosos dictos d'espirito, atravez da onda doida e revolta que enche as escadarias e o *foyer* da Grande Opera. E depois vêm-nos á imaginação os vigorosos capitulos de Balzac nas *Illusões Perdidas* e nos *Explendores e Miserias das Cortezãs*, quando vemos Jacques Collin, seguindo Luciano, atravez dos corredores illuminados, a barriguda mascara mysteriosa que tanto intrigou Rastignac.

Mas não são as recordações litterarias simplesmente, o que nos povôa a imaginação no baile da Opera. Todos esses bellos seios de mulheres seminuas e outras que se enlaçam em volta do nosso pescoço, uivando de peccado, com os dentinhos muito brancos, como pequenos e quasi microscopicos seixos de marfim crystalisado, no fundo vermelho dos labios que se incendeiam de beijos; todas essas mulheres, verdadeiro elemento parisiense, o Paris galante, o Paris do vicio, o Paris deliciosamente crapuloso—nos fazem recordar e nos demonstram á evidencia este fim do seculo em que vivemos, esta hora tão avançada de civilisação em que a Carne vibra nos ultimos requintes do prazer, extenuada, procurando sempre a *novidade no fundo* do desconhecido, como dizia Baudelaire, esse nevropatha um pouco rhetorico.

Os bailes da Opera dão-nos a medida exacta do Paris *boulevardier* e do Paris mundano. São o thermometro do vicio. E se nos não enganamos marca uns 50 graus á sombra, na escala do peccado, ahi por volta das 4 horas da madrugada.

O aspecto dos bailes da Opera é surprehendente! Imaginem tres a quatro mil *viveurs* e *viveuses*, uma onda de *champagne*, seios nus de lindissimas mulheres de todas as nações e de todas as raças, as cazacas rigorosamente cortadas nos primeiros *ateliers* de Paris e Londres; e todo esse mundo ri, grita, vibra nervoso, uiva, soluça, esperneia, cancanisa, como no final d'uma bachanal romana. O portuguez acostumado aos pacatos bailes do Palacio e da Trindade, fica estonteado ao primeiro relance d'olhos.

Julga-se transportado para um recanto de magica ou para o Templo de Venus, se acaso essa pobre senhora, arvorada ha tantos seculos em deusa do Amor, pode ainda hoje ser citada sem anachronismo, n'uma chronica da vida galante de Paris, no anno da graça de 1889.

Não! Venus deve descer do seu magestatico throno que os fieis do Pindo lhe elevaram. O espirito moderno invadiu o Olympo. Jupiter Tonante—não confundir com Jupiter Boulanger—causa riso. E' necessario substituir esses personagens de cartão. Portanto que a *Grille d'Egout* tome o logar da bella Venus mythologica e que o Jupiter seja substituido por *Vol-au-Vent*, esse illustre *voyou* de Montmartre, tão famoso na quadrilha realista.

O Olympo? Um pardieiro velho. Queremos coisa nova, outro estylo, mais modernisado, mais conforme com as exigencias da civilisação. Encarreguem M. Garnier do plano architectural e deixem-n'o povoar com as novas recrutas do batalhão de Cythera... do *quartier Breda!*

*

Alem dos bailes da Opera, continuam a ser muito concorridos os bailes do Elyseu Montmartre, o Bullier, o *Moulin de la Galette*, a sala Wagram,—emfim todos os pequenos recantos de Paris onde as divindades pagãs, d'olhos acanalhados e cabellos á *la chien*, elevam a ponta do sapatinho de setim, dois palmos acima do nariz da gente, deixando-nos vêr tons rosados de carne appetitosa entre alvuras de rendas...

E a proposito de can-can, eis uma noticia tristissima....

*

La *Goulue*, *Grille d'Egout* e *Margot*, vão-nos dei-

xar por espaço d'um mez! Chorae, ó bohemios, ó filhos da troça, ó amigos do prazer ruidoso, do Paris que ri, do Paris alegre e doidivanas—as tres ratinhas do *Grand-écart* vão partir em breve para Londres onde os grandes *lords* de Hyde-Park e os grossos capitalistas da *Strand* se preparam avidos e sedentos de sensações...

As jovens *misses* requisitam o *chic* transcendental do bello sorriso de *Grille d'Egout* e a graça incomparavel dos *debauchements* da *Goulue*, essas duas divindades entre os piedosos devotos do can-can parisiense.

Que d'esforços não irão agora fazer as timidas e suaves *misses* das margens do Tamisa para imitar as duas celebridades parisienses do mundo *interlope*, no que diz respeito ao *grand-écart*, á *guitarra* tocada no alto da coxa cruzada sobre o peito e á linda posição da *Goulue*, quando esta illustre dama eleva o pé direito á altura do nariz e o retem tres a quatro minutos na mão, deixando-se depois cahir sobre elle—uma perna para cada lado—ao longo da sala do *Elysée!*

*

Eis como preenchemos hoje o nosso dever de chronista! Uma verdadeira chronica para ser lida entre rapazes á meza do café ou pelas meninas serias... ás escondidas da mamã!

XAVIER DE CARVALHO.

Publicações

—*Os Insubmissos*, n.º 3, redactores—Francisco Bastos e Francisco Bastos (João de Menezes).

Recebemos e agradecemos.

*

O summario é o seguinte:

Responsabilidades, um bello artigo do sr. Francisco Bastos (pseudonymo—*João de Menezes*).

De lança em riste, outro bello artigo do sr. Francisco Bastos (pseudonymo-*Nós*). O estylo revela-nos o homem. Transparece ali, alem da maneira de escrever abrazileirada, um palavriado de regateira. E' o sr. Francisco Bastos, não ha duvida.

No *De lança em riste* apparece-nos uma carta dirigida ao sr. Bastos pelo sr. Eugenio *de* Castro. D'esta podemos nós dizer affoutamente:—é d'ambos. Do sr. Bastos, porque foi por elle encommendada; do sr. Eugenio de Castro por que n'ella se patenteia toda a estulta *pose* d'esse Barbey d'Aurevilly... da rua do Cosme.

Cá registramos, sr. Bastos, as declarações do artigo *Responsabilidades;* vamos estudar o sr. Eugenio *de* Castro, atravez da sua carta, e ao sr. Bastos *(De lança em riste)* responderemos até onde podermos fazêl-o sem nos emporcalharmos.

D'ahi por diante... não podemos competir com o sr. Bastos, e damo-nos por vencidos em questões de bibliotheca reservada. Queremos manter o nosso jornal n'uma attitude honesta, de modo que não seja precizo recorrer á razura para o fazermos legivel em casas de gente seria.

*

Na sua carta *(sua e do Bastos)* o sr. Eugenio *de* Castro tem este fim modesto: mostrar ao publico que o sr. João de Deus lhe escreveu uma carta.

Parabens ao talentoso moço.

A este respeito lembra-nos de ter ouvido ao sr. Eugenio *de* Castro, n'uma conversa de meia hora, pouco mais ou menos o seguinte:

—...fallei ao Eça, disse ao Junqueiro, escrevi ao Ramalho, fallei ao Chagas, o Fialho pediu-me, estive a dar á lingua com o Silva Pinto, encontrei o Pato, dou-me com o Tolstoï, respondi hoje ao Zola, estive com o Antonio Ennes, andei a discutir com o Gomes Leal, etc...»

E' verdade que cada um d'estes senhores falla diariamente ao seu criado, quando mais não seja, para o mandar engraxar as botas...

Em Coimbra o sr. Eugenio *de* Castro tambem está muito bem relacionado. Falla com o Bastos, com Menezes (é mytho ou realidade?), com o Menezes, (é mytho.) com o Bastos...

e, se *mais mundo houvera*, lá chegára...

*

E havia agora de estar a perder tempo com o synthetico dr. Fausto...

Faz bem, sr. Eugenio *de* Castro, faz bem, continue a desprezar-nos.

Vire-nos as costas, vire-nos as costas, que é o melhor.

Está o sr. João de Deus á espera...

*

S. ex.ª (Eugenio de Castro) diz-se occupado com a fabricação d'uma extraordinaria obra litteraria que ha de fazer *successo*, e que deve *sahir a lume com muita brevidade*.

Sahir a lume? Entrar no lume é que é, como de resto, entrou no lume, e se reduziu á cinza do esquecimento todo o seu banallissimo passado litterario, salvo excepções *honrozas* de algumas bellas traducções francezas...

Era isto o que tencionavamos dizer-lhe antes de s. ex.ª se retirar; mas já que teve o bom-senso de se

pôr ao fresco, nós tomamos a liberdade de o pôr—á margem.

E que a moralidade e a hygiene nos relevem o termo-nos dirigido a s. ex.ª.

Passe por lá meito bem, e... ao largo.

*

...com uma differença é que a bohemia»... é femea.

D'onde se conclue que os *Insubmissos* são *machos*.

Não era precisa a confissão. Pelo dedo se conhece o gigante.

*

A proposito, d'*a* do phonographo, ó menino! diz o sr. Francisco Bastos, defendendo o sr. João de Menezes:

«Effectivamente o vosso caro João de Menezes é um phonographo, mas de nova invenção» (*que Edisson!*)

Assim, continua Bastos, *João de Menezes não repete banalmente (!) as palavras de Francisco Bastos.*

Então é como aquelle echo extraordinario que, dizendo-se-lhe:

As armas e os barões assignalados,

respondia:

Que da occidental praia luzitana

Assim, por exemplo, Bastos diz:

—Oh! Menezes!...

Responde o phonographo de nova invenção:

—Calino!

Nós diremos, muito simplesmente:

—Trólaró, laró, laró!...

Termina Bastos:

«A do phonographo ha de immortalisar-se, como a do trapezio, do Gouvarinho.»

Ainda que lhe custe, sr. phonographo... *de nova iuvenção.*

*

Esta nova invenção do phonographo e a invenção do alexandrino novo devem ter esgotado a furia inventiva do sr. Bastos. Mas já que está com a mão na massa, veja se pode ainda inventar um remedio contra as frieiras. Seria muito mais util e muito menos parvo.

*

A proposito do *Madrigal nocturno*, poesia publicada no n.º 2 dos *Insubmissos*, dissemos no numero passado que o sr. Bastos tinha roubado o sr. Eugenio de Castro, os parnazianos francezes, o sr. Gomes Leal e o sr. Antonio de Mello. Dissemos alem d'isso que o sr. Bastos era banal e calino. Tudo isto foi demonstrado, leal e seriamente.

Vejamos como elle se defende.

Começa por dizer, a respeito dos versos chamados de *tres grupos syllabicos:*

A proposito d'uns alexandrinos publicados no nosso ultimo numero diz a *Bohemia* que elles «não passam em ultima analyse, de ser o alexandrino dividido em tres grupos de quatro syllabas».

Ora, no que o idiota que escreveu esta judiciosa verdade não reparou, foi em que afinal de contas, todos os alexandrinos são compostos de tres grupos de quatro syllabas, ou quatro grupos de tres, ou seis de duas, como diria Prudhomme.

Quando nós dissemos *versos divididos em grupos de quatro syllabas*, ou *versos de tres grupos syllabicos*, usamos apenas da terminologia empregada pelos criticos francezes, como se verá mais adiante. O modo como estes versos eram construidos, mostramol-o claramente, quando dividimos os alexandrinos do *Madrigal nocturno* em tres grupos de quatro syllabas, assim:

1.º	2.º	3.º
Passam de man-	so as virações	ainda olorosas

Visto que não entendeu, explicar-lhe-emos agora que o alexandrino em questão é formado de tres versos de quatro syllabas, com a cesura, portanto, na 4.ª e na 8.ª syllaba. Differem dos alexandrinos do sr. Bastos, n'isto: em que os d'este tem a cesura na 8.ª syllaba, e apenas o accento na 4.ª; ao passo que aquelles precisam sempre da cesura na 4.ª. Os versos do sr. Bastos, n'este genero:

1.º	2.º	3.º
D'algum pomar	ou laranjal	por onde andaram

são perfeitamente versos de *tres grupos sybillicos*, porque formam tres versos perfeitos de quatro syllabas.

Mas, quer na 4.ª syllaba haja cesura, que haja apenas accento, o rythmo do alexandrino é perfeitamente o mesmo, n'um ou n'outro caso. Isto mesmo reconheceu o sr. Bastos, misturando uns com outros, como se prova dos dois exemplos acima citados.

Já vê que tinhamos razão e não eramos nada Prudhommes, quando lhe diziamos «que o seu alexandrino não passava, em ultima analyse, de ser o *alexandrino dividido em tres grupos de quatro syllabas*, ha muito usado, etc.» O que não fizemos foi explicar-lhe miudamente, como agora fazemos, as nossas palavras; porque imaginavamos que o sr. Bastos não seria ou não se fingiria tão ignorante a este respeito.

Continuando na sua defeza, o sr. Bastos diz-nos que não entendemos o sr. Maximo Gaucher, nem descobrimos a intenção de Vièlè-Griffin. Aqui o sr. Bastos tem razão, dizendo que o author de *Les Cygnes* não quer saber de rythmo nem de cesura nos seus alexandrinos; mas isto só se póde concluir do prefacio ao livro de Vièlè-Griffin, prefacio que nós não tinhamos lido. Da critica de Gaucher é que isto se não pode deduzir de modo algum. Quer ver?

Nós bem percebemos que Maxime Gaucher não achava harmonia nos versos de Griffin: e a prova é que dissemos:

«... nos recordamos de ter lido uma critica de Maxime Gaucher, em que a proposito de Vièlè-Griffin (*Les Cygnes*) se mette a riso a *mania de inventar rythmos novos para os alexandrinos, com uma harmonia que só elles entendem.*»

E dizia Gaucher:

«Vous suspendiez aux branches des guirlandes à
L'entour d'un bassin vénéré, cher aux naiades...
Violà le triomphe du rythme, paraît-il.
Qu'en dites-vons? Mai, je souffre.»

N'estes exemplos, o ouvido do sr. Gaucher não descobria harmonia, nem rythmo. Nós não conheciamos do sr. Griffin senão os versos citados pelo critico, e dissemos comnosco:

—Se os alexandrinos do auctor de *Les Cygnes* são construidos como estes dois, elles teêm rythmo, teêm harmonia, teem cesura. O sr. Gancher não acha? Pouco importa; é porque s. ex.ª tem o ouvido muito duro. E quer ver o sr. Bastos como nós achamos o rythmo e a cesura dos versos do *Madrigal* aos dois versos de Griffin? Ora veja:

Verso de oito syllabas	*Verso de quatro syllabas*
Vous suspendiez aux branches des	guirlandes à
L'entour d'un bassin vénéré	cher aux naiades.

Então não vé ahi tão claros os alexandrinos formados de um verso de oito syllabas, seguido de outro de quatro? E' capaz de nos dizer que não se pode fazer cesura em *des*, e que, portanto, o verso

Vous suspendiez aux branches des

não é perfeito. Se s. ex.ª pensa assim, não temos senão a mostrar-lhe exemplos de versos assim, feitos por parnasianos. Por exemplo, em François Coppée (Contes en vers et poesies diverses), pag. 155:

Moi, par les beaux soirs constellés,
Je cherche des rimes sur les
Bords de la Bièvre.

Ora, se Coppée accentua *les*, tambem se deve poder accentuar *des*, não é verdade? Ora ahi tem.

Já vê que a nossa interpretação da critica de Gaucher era racional, visto que não conheciamos o prefacio de Griffin. Agora que o sr. Bastos nos transcreve d'elle algumas phrases, concordamos em que ctor de *Les Cygnes* quer a liberdade absoluta do alexandrino; e que se os dois versos citados por Gaucher tem rythmo e cesura, é esse um facto de puro acaso, e não uma regra especial que Vièlè-Griffin se tenha estabelecido.

Mas nem por isso a nossa accusação periga: ha apenas um exemplo errado. Temos cá mais, felizmente. Vamos transcrever uma critica de Jules Lemaître, extrahida d'um estudo sobre Coppée em que se descreve a evolução do tal verso *de tres grupos syllabicos*. Ora faça-nos o favor de ir attendendo:

Victor Hugo, jusqu' aux *Contemplations* observe à peu près l'ancienne coupe de l'alexandrin. Mais dès ses débuts il rime avec richesse; il reprend ou invente de belles strophes. Dans ses drames et dans son oeuvre lyrique à partir des *Contemplations*, il lui arrive de hacher le vers et d'abuser de l'enjambement au point de rendre la rime peu saisissante à l'oreille. Mais, en somme, cette erreur est rare chez lui. La rime devient de plus en plus étourdissante de richesse et d'imprévu: ses derniers volumes sont par là bien amusants, En même temps, il accorde droit de cité à une nouvelle -as pèce d'alexandrin, celui qui se partage, non plus en deux, *mais en trois groupes égaux ou équivalents de syllabes.*

Mais, par un scrupule, par un reste de respect pour le *césure* classique, même quand il use de cette coupe nouvelle. *il a soin que la sixieme syllabe soit au moins légérement accentuée, et il ne souffrirait pas, par exemple, un article a cet endroit.*

1.º	2.º	3.º
Il vit un oeil	tout*grand* onvert	dans les tènèbres
on s'adorait	d'un *bout* á l'au-	tre de la vie.

Note o sr. Bastos que esta é a primeira phase do alexandrino *de tres grupos syllabicos*, de que Lemaître ahi falla claramente, como vê. As divisões, em tres versos de quatro syllabas, d'esses dois alexandrinos de Hugo, assim como de todos os que vão seguir-se, estão transcriptos textualmente. Não lhes pozemos nada de nossa casa.

A cesura ja se deslocou, mas a 6.ª syllaba, *par un reste de respect*, ainda permanece accentuada. Supponhamos aquelle verso do sr. Bastos:

1.º	2.º	3.º
E os nenupha-	res *vão* boian-	do á flor das aguas

em que o accento na 6.ª syllaba está claro.

Já vê que se temos a infelicidade de ser Prudhonomes, a culpa é d'esse idiota que é um dos primeiros criticos da França. Quem não é idiota, é o illustre redactor dos *Insubmissos*. Está visto.

Mas, vá seguindo as outras phases da evolução:

Théodore de Banville, Leconte de Lisle, François Coppée ont accepté plus franchement ce nouveau vers qu'on pourrait appeler l'alexandrin *trimetre* et ne se sont nullemten souciés d'accentuer la sixième syllabe:

1.º	2.º	3.º
Je suis la froi-	de et *la* méchan-	te souveraine

Mais, par une inconséquence singulière, ils n'ont jamais consenti que cette sixième syllabe fût la pénultième ou l'antèpenultième syllabe sonore d'un mot polysyllabique; et ce sont des poètes récents qui très logiquement, ont osé écrire:

1.º	2.º	3.º
Elle reunit	non*cha*lamüient	ses bas de soie
Regardent fuir	en *ser*pentant	sa robe à quelle

Ou, á moda do sr. Bastos:

Verso de oito syllabas	*Verso de quatro syllaas*
Elle reunit non*cha*lamment	ses bas de soie
Regardent fuir en *ser*pentant	sa robe à quelle
Passam de manso as *vi*rações	ainda olorosas
D'algum pomar ou *la*ranjal	por onde andaram

Já vê o sr. Bastos que nós tinhamos razão. O verso de *tres grupos syllabicos* começou com Victor Hugo; aperfeiçoou-se com Théodore de Banville, Coppée e Lisle; tornou-se, afinal, logico, com a cesura deslocada, sem accentuação obrigada na sexta syllaba—com alguns poetas recentes, na esteira dos quaes vae todo impante de originalidade e de farofia, o critico Francisco Bastos.

O sr. Eugenio de Castro, a proposito de lhe termos dito que s. ex.ª espalhara alguns alexandrinos d'estes na sua *Noite de fogo*, declara n'uma carta *poseuse* e ridicula, que empregou taes versos, com authorisação do sr. Bastos, a quem reconhece direitos de auctor.

De duas uma: ou o sr. Castro quer salvar o seu amigo da accusação que lhe infligimos, e por este motivo acceita aquelle papel absolutamente submisso, ou então s. ex.ª é d'uma ignorancia inconcebivel em todo aquelle que se interesse um pouco pela technica do verso francez moderno, e pelas phases e modificações porque elle tem passado.

Com franqueza, não tinhamos em tão pouca conta o sr. Eugenio de Castro.

Não se encommode, de resto, o sr. Bastos, a registrar o *seu* alexandrino como propriedade da redacção dos *Insubmissos*; não tire, pela sua preciosa descoberta, *brevet d'invention*, S G D G. Por amor de Deus, seja um pouco menos ridiculo.

Está provadissimo que o sr. Bastos, embora nos chame idiotas e Prudhommes com a mais incrivel naturalidade—roubou o alexandrino, querendo fazel-o passar por seu. Portanto, nós ou qualquer outro, podemos empregar tal alexandrino, *sem o fazermos passar por nosso*, todas as vezes que quizermos.

E basta de commentarios a este respeito.

*

A proposito da accusação que lhe fizemos de *calino*, Bastos acha estupido todo aquelle que não perceber o que sejam amantes sem amor.

Ora tenha um pouco de compaixão para com os pobres de espirito, ande.

Diga-nos como se pode amar sem amor, explique-nos isso em termos, e depois chame-nos estupidos á vontade. Valeu?...

*

Na poesia—Nocturno, o sr. Osorio diz que lhe entrou pelo quarto uma borboleta, e exclama por fim, n'um verso:

«Alma talvez d'algum dos meus em perigo.»

Se la estivesse *p'rigo*, já não estava errado, não é assim? Pois em verso, mancebos, as syllabas não se contam grammaticalmente; contam-se como se pronunciam naturalmente. Ora, ninguem pronuncia *pe-ri-go*: é o que ha de mais duro.

E' por isso que a apostrophe se dispensa.

O sr. Antonio Feijó—Lyricas e Bucolicas, pag. 163—na sua poesia *In amaritudine* tem uma pomba que lhe entra pelo quarto (Põe tambem tem o *Corvo*. Onde isto vai parar!) e exclama por fim n'um verso certo:

«Pomba! Serias tu, Alma de minha mãe?

Acabamos de ler pela primeira vez a poesia de Antonio Feijó; e é innegavel que entre esta e o *Nocturno* ha uma grande analogia de ideia.

A este respeito Alberto Osorio tem apenas a declarar, com toda a lealdade, que nem conhecia a poesia *In amartudine*, nem mesmo leu ainda as *Lyricas e bucolicas*; mas que, reconhecendo que a sua poesia perdeu d'esta maneira a originalidade que elle lhe imaginava, renega completamente os seus versos, abandonando a ideia n'elles expressa.

*

Diz o sr. Bastos no *Trecho de um conto:*

«—Minha filha, este dia é um dia florido
«P'ra todos nós, p,ra mim, p'ra ti, p'ra teu marido.
—Sobretudo p'ra mim etc...

(e dá razões *florescentes*).

Faz lembrar aquelle sermão, celebre modelo de eloquencia religiosa:

—Grande sermão! Grande festa! Grande dia!
Grande sermão, porque sou eu que o prego;
grande festa, porque é meu pae que a faz;
e grande dia, por ser dia de Santa Epiphania, virgem martyr.
Virgem, por ser mãe dos tres Reis Magos;
martyr, por o seu nome estar escripto em lettras de sangue, nos Santos Evangelhos.

DR. FAUSTO.

AGRADECIMENTO

Não podendo despedir-nos pessoalmente, como desejavamos, de todos os amigos que fizeram o favor de nos cumprimentar, durante a nossa curta demora em Coimbra, fazemol-o d'este modo, exprimindo-lhes o mais sincero reconhecimento.

Coimbra, 25 de Fevereiro de 1889.

Adolpho Madureira
Aguiar Pimenta
Delfim Miranda
Queiroz Ribeiro.

EXPEDIENTE

Por motivos meramente particulares, deixou de fazer parte da redacção da Bohemia Nova, o nosso collega e amigo Pinto da Rocha.

Esta declaração devia ter sido publicada no numero passado; não o foi, por um descuido involuntario, devido á precipitação com que o jornal foi impresso.

No numero anterior, demos quatro paginas a mais. Neste, para compensação, damos quatro paginas a menos.

Só nos numeros seguintes é que a Bohemia Nova se publicará semanalmente, com oito paginas.

Temos em nosso poder alguns originaes em prosa e verso que ainda não foram publicados n'este numero por absoluta falta d'espaço, do que pedimos desculpa aos seus auctores. Publicaremos todos estes originaes no proximo numero.

A Bohemia Nova vende-se e assigna-se: na Redacção—Rua Larga, 38, na Livraria Paula & Costa no Café Lusitano, na Typographia União.

A todos os nossos collegas da imprensa, a quem enviamos a Bohemia Nova, pedimos o obsequio da troca.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Em todo o paiz: trimestre	500	réis
Paizes da União Postal; trimestre 4 francos.	720	»
Brazil: trimestre.	1$200	»
Numero avulso	100	»

N.º 4 COIMBRA, 14 DE MARÇO DE 1889 ANNO I

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

DIRECTOR DE NUMERO – ANTONIO DE MELLO

Chronica, por Alberto Osorio de Castro; *Maritima*, (poesia) por Agostinho Campos; *Impressão d'um poente*, (poesia) por Alberto d'Oliveira; *A morte do Baldaia*, (conto) por Antonio de Mello; *Angelus de outomno*, (poesia) por Alberto Osorio de Castro; *De Paris*, por Xavier de Carvalho e Amilcare Cipriani; *Publicações*, pelo Dr. Fausto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO da BOHEMIA NOVA:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

BOHEMIA NOVA

Chronica

Dizia-me ha dias um medico de talento, visinho, e não sei mesmo se companheiro de Anthero do Quental na Couraça dos Apostolos, amigo de Anselmo de Andrade, do dr. José Falcão, de João de Deus, do Crespo, de Eça de Queiroz, de Theophilo Braga, de toda a roda intelligente e gloriosa de ha vinte e tantos annos:—«Não sei que differença noto na Arte coimbrã d'agora. Ora veja essa questão dos alexandrinos! Tão preoccupados, todos esses poetas, tão pouco espontaneos, tão insupportaveis de bibelotagem e de chinezeria!

«São-me perfeitamente extranhos todos esses rapazes que em Coimbra escrevem hoje. Nada, decididamente, fico com os do meu tempo. Ou a minha emoção está gasta irremediavelmente, e tanto peior para mim, ou na poesia dos novos houve decerto um mysterioso desastre.»

Eu concordava, ou antes, concordava o meu outro *eu*, o *eu* sensato, saudavel, ponderado e cheio de equilibrio que cada um tem sob as suas phantasias doentes, as suas *lubies* de cenaculo, os seus caprichos e as suas vaidades de emprestimo. Sim, é verdade que o grande publico nos foge, a nós todos principalmente os que ciselamos o marmore difficil e harmonioso do verso.

Eu mesmo n'uma *Carta de Paris*, publicada na *Bohemia*, simples e despreoccupada *blague* de director de numero, até á ultima da hora sem a espirituosa e indispensavel chronica extrangeira de Xavier de Carvalho, eu mesmo procurei estudar esse isolamento altivo dos artistas d'este seculo que morre, e fazer, com a maior parte dos criticos francezes, presentir uma outra renovação litteraria, uma larga communicação com o publico, tão grande como a do Romantismo, no geral e talvez duravel *engouement* que seduz e domina o Paris artista, paradoxal e hysterico, pela admiravel arte russa. Mas francamente o confesso. Ninguem mais do que eu admira os escriptores slavos desde Puschkine, Gogol e Lermontoff até Tourguéniew e o conde Tolstoï, o genial dramatista do *Poder das Trevas*, o auctor d'esse *Paz e Guerra*, que Alphonse Daudet, tem sempre na sua meza de trabalho. Mas n'essa admiração eu descubro muita vez em mim mesmo e nos outros, um largo fundo de *exotismo*, ou melhor d'esse *dilletantismo* que é incontestavelmente a forma superior do talento contemporaneo; — exotismo que nos perturba e encanta com Pierre Loti, dilletantismo que nos faz amar e comprehender egualmente as obras d'arte mais diversas, mais contradictorias da alma inquieta do nosso tempo. Por isso, tudo me leva a crer que os artistas cada vez se irão affastando mais do sentimento ambiente, da emoção de toda a gente,—o fruste e burguez Logar Commum, e se irão affastando pela propria fatalidade das coisas.

O Publico abarrota de commodidades materiaes, torna-se *Yankee* e pratico, secco como uma *bank-note*, optimista como um banqueiro, perde definitivamente essa adoravel receptividade primitiva de impressão pittoresca, o dom ingenuo e juvenil do epitheto que pinta, da imagem que representa vivamente e coloridamente, encantado thesoiro que hoje só poucos logram descobrir.

D'ahi, na poesia, como reacção, o parnasianismo, a impressão nitida, colorida, rigorosa, *impassivel* do mundo physico, a orfevreria adoravel, a *forma* impeccavel e geometral, «rutilante de inauditismo,» limpidamente fria como uma crystallisação magnifica; — na prosa, a notação litteraria, requintada, exagerada, haletante e plastica, extraordinaria de impressionismo visual, auditivo, olfactivo, a prosa dos de Goncourt, por exemplo.

Poesia de decadencia, bysantinismo transitorio, pinturilações de japonezes, como dá a entender Eça de Queiroz? Mas pelo contrario!

Por outro lado, de toda esta derrocada dolorosa das velhas crenças, das velhas formas sociaes, de archaicos pontos de vista, qualquer coisa de navrante se define dominantemente na psychologia do tempo:—Pessimismo preciso, commovido mas sem rhetorica, sem vaporosas melancolias lamartineanas e imprecações á Hugo, vaga religiosidade buddhica, piedade immensa e universal, e essa forma da caridade, da bondade, chamada hoje *tolstoïsmo*.

Como formas do *mal do seculo* citarei apenas alguns livros de J-K-Huysmans, poesias

de M.me Ackermann, as *Vaines Tendresses* de Sully Prudhomme, o Parnaso belga, *Sagesse* de Paul Verlaine, livro piedoso entre todos que Julio Lemaître tem sempre na sua estante ao lado da *Imitação de Christo*, a *Illusion* de Jean Lahor, o ultimo grande poeta da França, e almas como a de Amiel e de Mauricio de Guérin.

Para muitos espiritos de este tempo *scientifico* o refugio da Arte é uma absoluta necessidade, e como esses espiritos são dolorosamente complexos e agudos, finamente impressionaveis, a Arte que os salva deve de ser como elles requintada, atormentada, nevrotica e orgulhosa, aristocraticamente incomprehensivel para o vulgo, para a multidão enriquecida e utilitaria que sabe trabalhar como uma mechanica, mas que escuta sem delicadeza e sem nobreza o ritual esplendido da arte, a que falta, já agora para sempre, a larga pompa epica, ainda accessivel ao Burguez.

Com o que levo dito parece-me poderem comprehender-se e adorar-se mesmo os ultimos cenaculos, a egreja symbolista, o mallarmismo, os poetas *mysteriosos* como Rollinat, toda essa incomparavel e bizarra poesia Franceza que vem de Charles Baudelaire para cá. Forma nova, superior e rara da Arte? Assim me parece, apesar de Lemaître dizer que o *symbolo*, a *instrumentação poetica*, que os ultimos poetas apresentam dogmaticamente como innovações, tem tanta velhice como o symbolo das rhetoricas e como a arte de Homero.

Mas digam-me tambem se não é uma fórma da Arte bem distincta, superior mesmo d'um certo modo ao parnasianismo, a que procura crystallisar no Verbo o seguinte:

«L'idée, qui seule importe, en la vie est éparse.

«Aux ordinaires et mille visions (pour elle même à négliger) ou l'Immortelle se dissémine, le logique et méditant poète les lignes saintes ravisse, desquelles il composera la vision seule digne: le réel et suggestif *Symbole* d'où palpitante pour le rêve, en son intègrité nue se lévera l'Idée première et dernière ou vérité.»

Citei sem malicia, creiam...

Que me diz a isto, Antonio Nobre?

E agora, que sobre Coimbra vae cahir de Paris todo um radioso diluvio de revistas decadentes, de poesias symbolistas, de novas theorias litterarias, não será occasião de perguntar:

Meus caros poetas, toda a effervescencia litteraria que a *Bohemia Nova* conseguiu vibrantamente erguer n'este meio coimbrão, ha tanto tempo inerte e mudo, não a poderemos, não a deveremos nós todos aproveitar para, pelo estudo da modernissima Arte de França iniciarmos corajosamente, enthusiastamente uma Eschola juvenil e forte que possa dar á arte portugueza do fim do seculo um «fremito novo»?...

Ah! por Deus! não me faça troça, Antonio Nobre...

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Meus amigos

Duas palavras só.

No n.º 4 d'*Os Insubmissos* atirava-se-me um insulto canalha, de intuitos vis.

Inventava-se lá que eu era um — subserviente.

Lá, mentia-se. Vocês, caros collegas, sabem-no bem.

Não reparem que nas paginas da *Bohemia* eu deixe de fazer uma defeza ao meu caracter, que se pretendeu sujar. O desforço, evidentemente preciso, já ficou tirado em diverso campo — mais chão e mais positivo: a proposito da prosa *Tosquiando*, realisou-se o rifão — *ir buscar lã e ficar tosquiado*, d'esta vez tão cheio de verdade.

Isto, apenas.

Do vosso

Coimbra, 13 de março, 89.

ANTONIO DE MELLO.

Maritima

I

Tranquillo o mar. Da borda do paquete
Passeio a vista pelos horizontes;
E debaixo d'um ceu azul ferrete
Esfumam-se na bruma, ao longe, uns montes.

Terra! Gritaram fortes os gageiros.
Enrosca-se o velame em curtas dobras.
O helice estremece. Os marinheiros
Andam na faina ardente das manobras.

Azul no ceu—que quietação sublime!
Azul no mar—que movimento estranho!
No emtanto o barco onde o vapor se opprime
Deixa nas ondas um espumeo lanho.

E' meio dia. Anima-se o convez
N'uma enorme conversa polyglotta;
E sobre os mastros, uma ou outra vez
Esvoaçando, paira uma gaivota.

Oh! louco e velho mar, sempre a estorcer-te
N'essa eterna e phantastica Hysteria!
Suspende por um pouco. Eu quero ler-te
A epopeia da minha nostalgia.

Hei de contar-te as pueris lembranças
Que ainda conservo da casita esperta,
Onde eu brinquei e ri, como as crianças
Que saltam e se riem na coberta.

Ando a scismar na esvelta miss *Pura*
Que hontem notei, tão regiamente fria,
O vago olhar azul sobre a costura,
—O vago olhar azul que me extasia.

N'este momento exhibem-se a meu lado
Passageiros de todas as nações:
Francezes de binoculo assestado
E velhas ladies, *vendo Illustrações.*

A miss! *Quem será?... Fez-me sahir*
D'esta apathia, o espadanar d'um vôo;
Para o convez acabam de subir
Duas senhoras, pallidas do enjôo.

II

A' noite agora quasi sempre eu ando
Sósinho, a vagueiar na escuridão;
E oiço vibrar, em berros de commando,
Junto da próa, a voz do capitão.

N'uma d'estas viagens em que gosto
De aproveitar as noites da jornada,
Senti um profundissimo desgosto,
Vibraram-me na alma uma facada.

Fui encontrar a miss *côr de opala,*
Sorrindo meigamente entre pelissas,
E, ao lado, enternecido, a beijocal-a,
Um marinheiro bruto, de suissas!

Coimbra, 1889.

AGOSTINHO CAMPOS.

IMPRESSÃO D'UM POENTE

A's tardes. Cae o sol por traz de Santa Clara,
N'uma rubra explosão hilariante de cores;
Pelo Mondego azul, passam barcos á vara,
Onde, a cantarolar, avisto pescadores.

Do ceu perola, onde ha uns laivos purpurinos,
Cae uma doce luz, pacifica e serena;
Os choupos cortam no ar uns rendilhados finos,
Transparentes, subtis, como um desenho á penna.

E, emquanto a lua vem branqueando no horisonte,
O comboio, a correr, passa na velha ponte,
Surge d'entre um macisso escuro de pinheiros.

E eu, tristemente, como um solitario monge,
Lembro a patria, a familia, os meus amigos longe,
E, com saudade, agito o lenço aos passageiros!

Coimbra, 1889.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

A morte do Baldaia

Lá em baixo, o Zé batia sola fortemente, a assobiar uma cantilena estouvada.

—Patife! E' mesmo de proposito... Mas se me apanho bom... Ah!...

E o Baldaia tirava de sob o lençol o braço tremulo, esqueletico, uma grande mão secca, em garra, nervosamente.—Esborracho-o!

Tinha o olhar encovado no fundo da orbita escaveirada, faiscante de scintillas más, de odio.

A Margarida, de quadril encostado á beira da cama alta, pau preto, em que o patrão estava, queria convencel-o com a maneira mansa d'ella, uma voz quasi chorosa.

—Oh senhor... Mas sempre se acredita em cada uma! Eu já lhe disse que isso era peta. Estou farta de lh'o dizer... E com as costas das mãos a disfarçar alguma lagrima, nos rasgados olhos d'uma luz azul-garço: Olha agora se eu fazia tal... Semelhante coisa! Só a mim é que acontecia...

—Pois sim... Lagrimas de crocodilo. Impostora. E, todo o seu ciume revoltado n'um grande nojo: Porca... 'St'pôr...

—Porca! 'St'pôr!... isso é você, seu mal creado!

—Já p'rá rua! Sua desavergonhada! Estou lá p'rá aturar...

—Nem eu a você! Adeus.

E a Margarida saia porta fóra, n'uma vociferação contra o Baldaia.—O que lhe faltava agora era estar a ouvir d'aquellas... Que fosse p'ro inferno. Ella, que tinha feito por elle o que nenhuma outra faria... Um'àssim! Ora o atrevido...

E lá dentro, na cosinha, ia um barulho de louça a tilintar, alguma cadeira que tombava, uma porta que fechava rijo no batente,—tudo em balburdia ao pé da Margarida, fula, que passava como uma rajada.

—Anda lá, anda lá, minha viborazinha! berrava o Baldaia, do quarto.

D'ahi a pouco, a Margarida descia a escada para a rua soando com força as chinellas na tabua dos degraus.

—Agora, vae lá p'ró outro... ainda berrou o Baldaia.

Mas a porta da rua estalou, atirada com força. A Margarida tinha saido, a resmungar.—Elle havia de se arrepender, olé se havia!...

O Baldaia assim ficou sósinho. Por toda a casa, pezava um silencio triste de coisa ao abandono. O sapateiro, no rez do chão, não batia sola.—Lá estavam elles! Desavergonhados!...

Prostrado na cama, o Baldaia, atravez a vidraça defronte, poisava uns olhos vagos no ceo, quente d'uma tonalidade intensa, cheio de sol alegre—nos longes do horisonte uma colina calva a avultar cruamente, como uma nuvem cinzenta alastrada da curvatura azul, que acabava alli. Ralava-o a sua exasperação tamanha, feita de ciume e feita de raivas intimas contra aquella Margarida, que o via doente para alli, e o quizilava a cada hora, fugindo d'ao pé d'elle, fugindo pa'a o outro... Ingrata!—elle que a tirara da praça, onde ella vendia fructas e cada um lhe pregava canalhamente alguma chalaça salgada e suja... Mas a Margarida então parecia uma boa rapariga, que tinha virginalmente no olhar manso uma alma clara, simples. Ficava-lhe delicioso aquelle seu modinho engraçado, pondo sorrisos limpidos no labio vermelho como sangue, que parecia ter sido tocado sómente de beijos sãos... E elle amou-a—ao principiar da sua velhice precoce que já lhe nevava os cabellos, e já quando o seu coração estava desgasto de tanto amar tanta mulher facil. Era um derradeiro appetite da sua carne cançada, quasi esgotada da sensualidade; mas ainda forte appetite a vibrar, que o fazia, muita vez, por noites d'insomnia, torcer-se, roçar-se nos lençoes, como sentindo a necessidade de esbanjar uma força indefinivel, perturbante, que lhe enchia todo o ser: advinhava o corpo nú da Margarida, seios altos, carne rija a estalar, brancos; a perna bem feita, escondendo delicias de inebriar; e uns braços lacteos, que se enroscariam doce, voluptuosamente... Elle desejava aquella rapariga com um forte amor sensual.

E pouco se importava dos zuns-zuns que se mexericavam—a respeito d'umas «relações» que o Zé, o sapateiro, tivera com a Margarida. Ora!... O Zé com aquella cara... Ella, tão bonita, com o seu ar virgem de ingenuidade... Podia lá ser!

Um dia, a Margarida já era a «creada» do Baldaia.

—Sempre a arranjou... Tem dinheiro. Quem lucrou, a final, foi o Zé que se viu livre d'ella...—dizia-se, aqui e acolá, á bocca pequena.

O Baldaia deixou de fallar ao visinho do rez do chão.—Um patife, que a gozara primeiro...—Prohibiu a Margarida de ir á loja d'elle: «se lá a via punha-a logo fóra da casa.» E a cada passo ralhava á rapariga—áquella safada que o tinha enganado! Mas, ao mesmo tempo, sentia disperto todo o seu desejo, juncto das boas carnes da creada: emfim, não podia passar sem ella... E, cada vez a mais, o Baldaia odiava o sapateiro. Não ter sido elle o primeiro a gozal-a!

O Baldaia tivera um ataque de paralysia. A Margarida era a sua enfermeira, unica, e sempre cheia de cuidados.—Porque ella não o havia agora de deixar para alli sosinho, coitado, sem uma pessoa de familia que lhe quizesse...—Exigia que a Margarida estivesse sempre ao pé d'elle; e, se ella lá faltava n'algum instante, punha-se logo a chamal-a: «O' Margarida, ó Margarida!...

A doença debilitava-o dia a dia, e seccava-o—alimentando-se pouco, tomando mil remedios á mistura, que não o melhoravam nada.

Corridos mezes, já parecia uma creança, rabujenta, a arrelial-o tudo, sem mais nem menos a descompôr a Margarida. E fez-se desconfiado: tinha ouvido, d'uma vez, risadas da Margarida na loja do sapateiro; e quando não a via no quarto, e não

sentia lá em baixo o bater da sola. punha-se a berrar na sua voz grossa que se arrastava: «ó Margarida, ó Margarida!...»

Mas ella já estava farta — e retrucava-lhe alto, no mesmo tom aspero. Estar a atural-o com um trabalho de moira, e ainda ouvir coisas que não se diziam a uma má mulher!... E elle, agora, com ciumes... Até tinha graça! Encangado, sem se poder mexer na cama...

—Ora deixe-se d'isso. Você já não presta... acabava ella, n'um ar de chalaça, a desprezal-o, e virando as costas.

—Grandississima... respondia o Baldaia.

Depois, elle afundava-se n'uma grande tristeza, vendo-se alli gasto, inutil, sem um despertamento da carne que revelasse o animal.—A Margarida tinha razão: elle já não prestava... E no intimo picava-o uma especie de vergonha de si proprio.

Então, todo o systema nervoso irregularisado, fortemente irritado, vinham as grandes dôres a torturar-lhe o emaciado corpo, que apenas já era pelle por cima dos ossos, a desesperal-o, gemendo alto n'uma afflicção—desejando a morte; e, de espaço a espaço, chamando—ó Margarida, ó Margarida!... n'uma voz d'angustia, lamentosa.

Até que, emfim, se ficava n'um esfalfamento, e depois todo quebrado, dormente n'um torpór.—E a Margarida que não tinha apparecido!

Por acaso, no rez do chão o Zé não dava rumôr de si.—Lá estavam!... E elle a soffrer para alli, ao desamparo...

O Baldaia arrependia-se de ter mandado a Margarida embora: porque na verdade não encontrava ninguem que o tratasse melhor, que assim o aturasse; e, emfim, já estava acostumada... Aquillo fôra uma tolice d'elle. E agora quasi desculpava a Margarida das suas relações com o visinho:—ambos novos, cheios de vida... E elle, doente, uma carne velha a insensibilisar-se, a morrer...

Sentia-se um abandonado. A luz caustica do azul, que faiscava, vinda pela vidraça, cegava-o—e já voltado de costas na cama punha um infeliz olhar no estuque branco de cal. Espreguiçava-se no soalho do quarto uma facha hilariante do sol, onde uma pulverisação fina se iriava e a aza sonora das moscas doidejando tirava brilhos azues, rapidos. No canto, á penumbra, a commoda alta de mogno era um mostrador de garrafas de remedios, que se enfileiravam bem ordenadas pela mão da Margarida. De quando em quando, o Baldaia suspirava um ai lamentoso que ia desoladamente pelo silencio d'aquella solidão triste.

O Zé no rez do chão batia sola e repenicava, ao assobio, um «fado» alegre, que ao Baldaia parecia escarninho. Que lhe havia de fazer? Deixal-o...—pensava elle tornando-se resignado. Já agora...

Se a Margarida voltasse!... Então havia de ter um coração tão de pedra que nunca mais fizesse caso d'elle?... Mas não: a Margarida tinha bom coração, a Margarida havia de voltar...E esta esperança consolava-o um tudo nada.

O tempo deccorria—e ella não voltava. Eram horas de tomar o remedio—e sem ninguem que lh'o désse! Uma tristeza de desolamento afogava-lhe a alma.— P'rá 'lli estava...

Vieram-lhe lagrimas aos olhos.

—Então, o senhor a chorar?... perguntou ao pé da porta do quarto, a Margarida, que chegara até lá de vagar, sem o patrão presentir.

—Aqui sosinho... carregado de dôres... dizia o Baldaia. Se tu não viesses, não tinha quem me désse o remedio. Tomára morrer...

—Lá está o senhor com essas coisas!... Deixe-se d'isso. Será o que Deus quizer. Olhe... não achei a Marianna em casa; e como o senhor não tinha por hoje quem tratasse de si...

—Fizeste bem em vir.

O Baldaia sentia uma quasi felicidade. Esquecera-se da scena violenta, que tinha havido. Bem dizia elle que a Margarida voltava... E a Margarida agora era a mesma bôa rapariga d'antes, adoravel.

—Anda cá, ouve. A Margarida aproximou-se, elle pegou-lhe na mão. Tu has-de estar comigo até eu morrer, sim? pedia o Baldaia, infantil, d'um modo manso, apertando-lhe a mão com força. Porque eu gosto de ter sempre ao pé de mim... Nunca mais nos havemos de zangar...

—Oh senhor, pois aquillo é peta...

O Baldaia, com o braço não atacado da paralysia, envolveu-lhe a cinta, puxou-a para si—e deu-lhe um beijo.

A Margarida, brandamente, quiz livrar-se.

—Oh senhor...

Parece que o roçar d'aquelle beijo e aquella pouca resistencia da Margarida accordaram uns restos d'animalidade dormente;—e, de joelhos na cama, puxava a rapariga já com uma força vehemente, nervosa.

—Anda, vem... implorava elle, respirando forte.

—Oh senhor... Olhe que isso faz-lhe mal... Assim doente...

—Vem, vem—implorava o Baldaia.

—Oh senhor... oh senhor...Ora esta!...

*

...—Mas que tem? Eu bem lhe dizia...

O Baldaia, esfalfado, de ventre para o ar, a face livida na alvura do travesseiro, palpebras cerradas, tinha um resfôlego alto.

—Ouve...Depois de eu morrer não tornes a fallar com *aquelle homem*... mal suspirou o Baldaia, n'um rumôr de segredo.

—Pois sim—disse ella com piedade e n'um entono ainda de nojo. Isso é fraqueira—é o que é... Isso ha-de passar...Vou buscar-lhe um caldo.

E correu á cozinha.—Que animal! E uma carga d'ossos...Porcaria! Nunca mais!...Credo!—E entornava á pressa o caldo na chavena, dizendo, ao mesmo

tempo, de si para si.—Que não fallasse mais com o Zé...Está bem arranjado...Depois de morrer...Morrer...elle! Tem folego de gato. Mas pode ser ás vezes ...Está fraco...Se elle me deixasse alguma coisa no testamento!... O Zé casava logo comigo...

—Oh senhor, aqui tem o caldo, dizia ella á beira da cama do Baldaia. Ha-de fazer-lhe bem... O senhor não ouve? Aqui tem o caldo...

Elle resfolegava agora mais alto, afflictivamente, estertorosamente.

—Então, senhor? O caldo...Eu bem lhe dizia... Mas... tome o caldo...

O Baldaia tinha agora um pestanejar rapido, que deixava vêr brilhos baços, intermittentes nos olhos vidrados.

A Margarida teve medo.—Ai! que elle está á morte...Poisou a chavena, dirigiu-se á janella para gritar.

O Baldaia agonisava.

Emtanto, lá em baixo, o Zé batia sola fortemente, a assobiar uma cantilena estouvada.

Março, 1889.

ANTONIO DE MELLO.

ANGELUS DE OUTOMNO

O' nevroses do poente! ó sangue rubro e oiro
Do sol morrendo eternamente loiro,
Melancolia azul que os corações adoça!
Hora soffrente em que a minha alma pallida
Sente azas a nascer num corpo de chrysalida,
E a uma outra Illusão esplendida remoça!

O' radioso crepusculo doentio,
Instantes vesperaes de uma volupia calma!
Antes que desça a noite, antes que venha o frio,
Emquanto a luz descança ao alto da montanha...
Serenae para sempre a febre da minh'Alma!
Ah! de esplendor ungi a minha Morta extranha!

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

De Paris

Amilcare Cipriani—O homem intimo e o homem politico—Uma carta de Cipriani—Tem a palavra o grande potriota italiano.

Meus caros amigos: a nossa chronica de Paris é felizmente substituida por um bello artigo ardente e cheio de fé nova, firmado por um dos vultos eminentes da Europa moderna: o grande martyr da Revolução, o companheiro de Mazzini, de Garibaldi, de Flourens e de Felix Pyat, o deputado italiano Amilcare Cipriani.

Conhecemos Cipriani pouco depois d'elle ter sahido da prisão cellular de Italia e de ter chegado a Paris, onde fundou a *Federação Universal dos Povos*, esse renascimento da Internacional, que hoje conta perto de 50:000 adhesões, e que tem *comités* a funccionar em Roma, Milão, Veneza, Alexandria, Florença, Napoles, Paris, Lyon, Bruxellas, Berlim, New-York, Madrid, Barcelona, Lisboa, Porto, e em muitas cidades da Austria e Roumania.

Cipriani—de quem nós já fallamos largamente n'um artigo do *Seculo* de Lisboa—vive hoje em Paris, onde dirige a sua Liga pela paz, trabalhando activamente no grande congresso internacional de 1889 que se deve realisar aqui no dia 14 de julho, na grande e explendida sala de concertos do Trocadero. Conta amigos em todos os grupos politicos, desde os radicaes e opportunistas até aos socialistas e anarchistas. O seu nome é sobretudo popularissimo na Italia onde é considerado como o ultimo grande espirito do movimento revolucionario, a que pertenceram Mazzini e Garibaldi.

Não imaginam a bella alma, a profunda generosidade de espirito, o grande coração d'este batalhador que tanto tem soffrido pelas ideias livres! Chefe do estado-maior da Praça d'armas de Paris durante a Communa, foi condemnado pela repressão versalheza ás galés da Nova Caledonia, e de 1871 até hoje tem passado metade da vida, ou pelas prisões, ou no degredo. Mas esse rijo temperamento resiste a todas as provas; e hoje é ainda o unico homem que na Italia faz tremer Crispi, pela grande influencia que tem na população operaria dos grandes centros industriaes.

E' a primeira vez que Cipriani escreve n'uma folha portugueza. Eis a carta que nos dirige o nosso amigo:

Mon cher Xavier de Carvalho.

Depuis trois semaines je reçois de Coimbra, une brochure très intéressante, *Bohemia Nova*.

J'y ai vu des articles de vous et cela m' a fait supposer que l'envoi de cette élégante brochure, je le devrai à votre amitié pour moi et pour la cause Révolutionnaire que nous défendons.

Merci, donc, cher ami, et mille remerciments aussi à vos amis du Portugal si profondement attachés à notre cause et à l'œuvre difficile que nous

vons entreprise, la *Fédération Universelle des Peuples*, Section Latine).

Je voudrai dire bien des choses aux vaillants collaborateurs de cette belle et intéressante *Bohemia Nova*, mais vous le ferez pour moi.

Bohemia Nova, pour moi, c'est le titre le plus éminemment révolutionnaire qui on ait jamais pu choisir, parce que, sous ce titre, l'on peut rire, pleurer, blasphemer, frapper, mordre, déchiquetter, car tout doit être permis aux pauvres bohémiens, à ces eternelles victimes de dieu et des rois, des papes et des empereurs, de la noblesse et de la bourgeoisie, de tous les sbires du Licteur Romain, à l'infame et farouche Saint Ermandad, de l'algazil aux sujets de la république française.

La vieille Bohéme a commencé par Viriato et a fini par Camöens, le grand poète et le grand soldat. Entre ces deux extremes il y a un monde de bohémiens obscurs mais non moins utiles à l'Humanitè, victimes de tous les gouvernements, de toutes les invasions, de toutes les cupidités, de toutes les concupiscences, de tous les désirs charnels...

Chair à bêtes fauves, à cirque, à bûchers, à canon, à prison, à galère, à guillotine, à toutes sortes de massacres; esclaves de tous les temps, hors de la loi de tous les gouvernements, l'heure de son émancipation semble s'approcher, et alors *Væ Victis!*

Cette heure, c'est à vous à la faire arriver le plus vite possible. Il y a assez longtemps que la Bohéme traîne sa savatte; il y a assez longtemps qu'elle souffre, qu'elle mène une existence pire que celle des vermisseaux.

Toujours dans la boue, toujours dans la fange, toujours sans pain, sans logée, sans gîte, condamnée à un travail ingrat, bestial, infructueux, se debattant dans la plus affreuse misère, se tordant sous le joug du plus terrible esclavage, malheur à elle si elle ose lever la tête et maudire à ceux qui l'oppriment, qui la volent, qui l'exploitent, qui l'assassinent,

La *Bohemia Nova*, consciente d'elle même, doit préparer la grande vengeance de la vieille, de celle qui pendant des siècles a été la proie de Torquemada, de Pierre Arbens, de Ximenes et d'autres monstres à face humaine.

Le Bohémien ce n'est pas un flaneur, c'est un travailleur, ce n'est pas un gommeux, un *fashionable* qui ne sachant que faire de sa carcasse, flane sans but en regardant stupidement la fumée de son cigare ou la poussière soulevée par les cotillons, c'est un proletaire à la main calleuse que son patron oblige à manger une croûte de pain, sans abandonner l'outillage; c'est l'artiste rebelde à la routine de l'art, c'est le penseur rebelde à la tyrannie de l'école; c'est le philosophe, c'est l'écrivain innovateur qui brise la barrière que la stupidité humaine de quelques imbèciles ont cru lui imposer, c'est le Socialiste, c'est le révolutionnaire, c'est l'Anarchiste qui, rebelde à toute forme de gouvernement, lucte pour l'avenir non loin de cette classe sociale qui s'appelle —*Bohéme*.

Elle a eu ses chantres, comme Camöens, etc. et elle aurait déjà eu son Washington, si, trop crédule, elle ne s'était pas laissée tromper par des Césars, des Bonaparte, aujourd'hui par Boulanger.

C'est à vous, c'est à nous, c'est à tous ceux qui ont du cœur et de la foi dans l'avenir social, à empêcher ce dernier recul, car Boulanger nous refoulerait à un demi-siècle en arrière.

La *Bohemia Nova*, si elle veut, elle pourra devenir l'organe de ces pauvres opprimés et leur déblayer le chemin pour le grand jour de la Révolution Sociale, et alors *Væ-Victis!*

AMILCARE CIPRIANI.

Paris, le 7 mars 1889.

Publicações

Os Insubmissos, n.º 4, redactores Francisco Bastos e Francisco Bastos (João de Menezes).

Continuamos a receber e a agradecer.

*

A proposito dos alexandrinos, Bastos, para se sustentar, não faz senão contradizer-se. Assim, tendo dito o sr. Eugenio de Castro que Bastos tencionava registrar o novo alexandrino como propriedade *exclusiva* dos *Insubmissos*,—Bastos diz-nos agora que não prohibe ninguem de usar d'elles, antes é esse o seu desejo.

Então, se isto é verdade, para que era o registro, faz obsequio de nos dizer? Se os versos eram exclusivamente dos *Insubmissos*, ninguem poderia ir servir-se do que não era seu, sem licença dos proprietarios...

Vamos agora responder rapidamente ao resto, visto que Bastos não contesta nem destroe um unico dos nossos argumentos.

Transcrevendo:

> Todos os alexandrinos se dividem em tres grupos de quatro syllabas; agora no que nem todos se dividem é em tres grupos *eguaes* ou *equivalentes* de quatro syllabas.

Gloriosa estupidez. Pois se os alexandrinos têm só 12 syllabas, os tres grupos de 4 syllabas hão-de ser sempre eguaes. $4 \times 3 = 12$. D'aqui não ha sair. De resto, o nome resumido com que taes alexandrinos se citam em França é—*versos de tres grupos syllabicos*. Estamos fartos de lh'o dizer.

> A *Bohemia* é bem clara quando diz: «Differem dos alexandrinos do sr. Bastos, etc.!! Registramos a affirmação.

Pois differem, d'accordo. Mas, em que? Leia-se para deante a nossa resposta, e lá se verá que a differença se vem a annullar pela nenhuma importancia que tem. Tanto que dizemos:

> «Mas quer na 4.ª syllaba haja cesura, etc.

Bastos diz mais que, nos seus versos, a cesura tanto pode ser na 4.ª como na 8.ª syllaba, visto que o verso de oito syllabas tanto pode vir antes como depois.

Como no *Madrigal nocturno* os alexandrinos eram todos formados d'um verso de oito syllabas seguido de outro de quatro, concluimos que o modo de os construir seria sempre assim. De resto, isto nada importa: tanto faz que a cesura venha na 4.ª, como que venha na 8.ª, como que venha em ambas, comtanto que o accento na 4.ª e na 8.ª não falte. O

rythmo, já lh'o dissemos, é o mesmo. Um verso qualquer *de tres grupos syllabicos* (não confunda) decompõe-se em tres versos de quatro syllabas, ou n'um verso de oito syllabas seguido de outro de quatro, ou n'um verso de quatro seguido de outro de oito. Fica sempre bem.

Bastos crê que o pensamento de Jules Lemaitre não está bem interpretado por nós. Verificasse. Nós transcrevemos por completo, e sem a alteração d'uma virgula, tudo o que o critico escreveu a este respeito; mas visto que quer lel-o no original, dir-lhe-emos que vem nas *Impressions sur nos contemporains*, tres ou quatro volumes de admiravel critica. Alguns d'estes trabalhos vieram tambem publicados em artigos no *Temps;* e o artigo a que nos referimos foi publicado alem d'isso na *Revue politique et litteraire*, 3.ª serie, 3.º anno, n.º 12, de 22 de setembro de 1883

Portanto, aquella affirmação em que Bastos cita o verso de Boileau, tem apenas que ver com Lemaitre. Entenda-se lá com elle. O que lhe diremos, é que não vale nada que Boileau tenha, por simples acaso, meia duzia de versos que assim se possam construir, visto que teem cesura na 6.ª syllaba e se equiparam por esta ultima razão aos restantes da satyra. Bem sabemos que os de Victor Hugo, citados por Lemaitre, podem tambem construir-se em dois hemistichios de 6 syllabas; mas o critico que os citou, é porque Hugo deu a entender, de qualquer maneira tacita ou expressa, que tinha a intenção de fazer uma *nouvelle coupe* d'alexandrino.

Respondamos ás perguntas de Bastos.

A' 1.ª e 2.ª: leia o Lemaitre, e veja lá tudo isso que quer, á sua vontade.

A' 3.ª: respondemos que sim, que a harmonia é perfeitamente a mesma. Desafiamol-o a que nos mostre um unico verso de tres grupos syllabicos (não confunda) que não seja um perfeito alexandrino do sr. Bastos. A vice-versa nem sempre se dá na questão da cesura, dá-se sempre na questão dos accentos, o que dá o mesmo effeito rythmico.

A' 4.ª respondemos que é indifferente *pelo que diz respeito á harmonia, á malleabilidade e á facilidade de crystallizar a ideia no verso.* fazer alexandrinos compostos de tres versos de quatro syllabas, ou compostos de um verso de oito e de outro de quatro.

A' 5.ª: respondemos que a harmonia é a mesma; torna-se caracteristica apenas pela crystallisação da ideia, que é a mesma n'um ou n'outro caso, como acabamos de dizer.

A' 6.ª pergunta, responderemos o seguinte: que nem a prioridade na nacionalisação do alexandrino lhe concedemos. Vae ver porquê.

Em 1887, Alberto Osorio de Castro, tendo lido os artigos de Lemaitre, Gaucher e outros, em que se estudava a technica moderna do alexandrino, e tendo visto empregados os novos processos pelos primeiros poetas francezes—ensaiou, n'uma traducção que fez do conto de Daudet *O Turco da Communa*, algumas novas maneiras de fazer o alexandrino, entre as quaes a do alexandrino com a 6.ª syllaba apenas accentuada, sem cesura, e a do alexandrino *trimetro* ou *de tres grupos syllabicos*, que o sr. Bastos empregou no seu *Madrigal nocturno.*

Na sua poesia, Alberto Osorio fez pouco mais ou menos como o sr. Eugenio de Castro na *Noite de fogo*: misturou os alexandrinos dos novos processos com os alexandrinos classicos.

Da poesia *O Turco da Communa* foram pelo auctor enviados alguns excerptos ao sr. Candido de Figueiredo, para serem publicados no *Correio Portuguez*. O sr. Candido de Figueiredo, porem, não quiz publicar os versos, e n'uma carta a Alberto Osorio, deu como motivo da sua recusa o facto de a poesia ter alguns versos errados. Estes eram nem mais nem menos que os novos alexandrinos, cujo processo o sr. Candido de Figueiredo não acceitava.

Alberto Osorio escreveu ao redactor do *Correio Portuguez* uma carta em defeza dos seus versos, citando para se justificar os artigos de Gaucher e Lemaitre, e varias poesias de Paulo Verlaine.

Depois a poesia *O Turco da Communa* foi publicada na *Liberdade*, de Vizeu, de 7 d'Outubro de 1887. Este jornal foi mostrado pelo sr. Osorio ao sr. Francisco Bastos, que o levou para casa, para ler, restituindo-o depois com estas palavras de critica:—*Que tinha muitos versos errados...(!!!)*

Se o sr. Alberto Osorio tivesse a vaidade do sr. Bastos e a sua monomania de innovador, elle poderia ter então colhido os louros que o redactor dos *Insubmissos* agora reclama para si. Mas não o fez, e fez bem.

Os primeiros alexandrinos *trimetros* feitos pelo sr. Alberto Osorio eram ainda defeituosos, como vae já ver; mas como elle os queria fazer, deprehende-se não só da disposição dos accentos nos taes versos, como da carta escripta a a Candido de Figueiredo. Alem do que, em outros excerptos ineditos do mesmo conto, Alberto Osorio conseguiu fazer alguns versos trimetros perfeitos, estando já mais na posse do novo processo.

Por todos estes roubos, de que temos vindo accusando mestre Francisco Bastos, chega-se o mais claramente possivel a esta conclusão desoladora: que o sr. Francisco não passa de um refinadissimo... Bastos.

Seguem alguns versos do *Turco da Communa:*

E n'esse nauseabundo ambiente de ambulancia
Via no *duar* tranquillo a sua livre infancia
Via ao longe branqueando os muros de Blidah,
Um sol grande, mesquitas, languidas palmeiras,
E passando por sob as verdes laranjeiras
Estrelladas de flor e de laranjas loiras,
Mascaradas de branco e cheirando a verbena
Pelo radioso fim d'uma tarde serena
A sahirem do banho as pequenitas moiras.
E uns instantes a pobre e fusca figurita
Tão baça e extin—cta n'esses di—as de janeiro.
Animava-se .....
.....
De pé na barricada, altivo e todo ufano
Como um vistoso, heroico. impavido pendão,
Bem no cimo, no alto, o tambor mussulmano
Com gritos, pulos, sob a chuva da metralha,
Batia-se assim como um pequenito leão,
E a barricada era um campo de batalha...
Como as aves que vão em temporal defeito
Elle voara atravez dos campos de batalha
E era tão vi—vo que as esti—lhas da metralha...

Estamos fartos de fazer citações, transcripções, e o diabo, para saciar a ignorancia insaciavel de mestre Bastos. Vá pela ultima vez; e os nossos leitores que desculpem a estopada.

Temos aqui á mão um livro de versos que acabamos de ler pela primeira vez. O livro é de Ernest Raynaud, poeta da escola decadente, e intitula-se *Le Signe*. Edit. Léon Vannier.

Vem cheio d'alexandrinos *de tres grupos syllabicos.*

Vamos transcrever uns poucos, a ver se satisfazemos este massador d'este insubmisso.

Ahi vão:

Verso de oito syllabas		Verso de quatro
Verso de quatro	Verso de oito syllabas	
1.º	2.º	3.º
Dans l'or en feu	d'une éclatante	après-midi
Dans des odeurs	de mousseline	une autre enfance
Que fait la vie	en remontant	à chaque veine

Vão tres. Não temos paciencia para mais. De resto, não ha nada peior do que aturar um teimoso, ou um insubmisso. Entre os dois, que o diabo escolha...

DR. FAUSTO.

Meus queridos amigos:

Forçado a deixar-vos por motivos de ordem superior, que me é impossivel desprezar, venho testemunhar vos d'este modo a minha gratidão pela maneira penhorante como sempre me trataram os meus collegas da redacção da *Bohemia Nova*.

Fui duplamente considerado: como camarada e como amigo: e é como camarada e como amigo que venho agora despedir-me de vós, e exonerar-me do posto que tão improficuamente occupei na vossa Redacção.

Fiquem porem certos de que na questão litteraria *Bohemia-Insubmissos* a minha attitude futura ha de ser sempre consentanea com o meu procedimento passado, visto que prefiro aos que pretendem destruir por *pose* e por vaidade, aquelles que gostam de trabalhar e de produzir.

Junto encontrareis a minha collaboração que eu continuo modestamente a expor ás balas *insubmissas*.

Para acabar, sempre comvosco, e sempre vosso

Coimbra 10 de março, 89. AGOSTINHO CAMPOS.

Aos Directores da «Bohemia Nova»

Meus amigos:

Peço-lhes para que, de hoje em diante, me considerem unicamente, como simples collaborador do vosso jornal, a cuja direcção me honrei de pertencer.

Apraz-me, lealmente, declarar n'esta occasião que não sou levado a dar este passo, por motivos de menos consideração para comvosco, nem por qualquer razão de queixa que tenha da vossa camaradagem: antes pelo contrario, sempre me dispensaram a mais attenciosa estima a que sempre me conservarei grato.

As razões são outras, muito minhas e muito particulares.

Termino assignando-me

Coimbra 11-3-89 Vosso muito dedicado e agradecido.

EUGENIO SANCHES DA GAMA.

EXPEDIENTE

A Bohemia Nova vende-se e assigna-se: na Redacção—Rua Larga, 38, na Livraria Paula & Costa no Café Lusitano, na Typographia União.

A todos os nossos collegas da imprensa, a quem enviamos a Bohemia Nova, pedimos o obsequio da troca.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Em todo o paiz: trimestre	500	réis
Paizes da União Postal; trimestre 4 francos.	720	»
Brazil: trimestre.	1$200	»
Numero avulso	50	»

Errata:—No numero passado, ultima pagina, onde se lê:

«Elle reunit nonchalammente ses bas de soie,
Regardent fuir en serpentant sa robe à quelle.

Deve lêr-se:

«Elle remit nonchalamment ses bas de soie,
Regardant fuir en serpentant sa robe à queue.

Outros erros escaparam, de facil emenda.

N.º 5 COIMBRA, 22 DE MARÇO DE 1889 ANNO I

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

DIRECTOR DE NUMERO—ALBERTO OSORIO DE CASTRO

Palestra com o Dr. Topsius, por Alberto Osorio de Castro *Consoada*, (versos) por Sanches da Gama *Superstições d'amanhã* por Carneiro de Moura *A' vinda*, (conto) por Antonio de Mello *O Fuguete* por Antonio de Menezes *O ultimo phosphoro* (conto) por Alberto Bandeira *Chronica benedictina* pelo Conseleiro Accacio *Mimi*, (versos) por Alberto Osorio de Castro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO da BOHEMIA NOVA:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

«A FOLHA NOVA»

Vae reapparecer este brilhante diario de combate, onde por muitos annos collaboraram os mais notaveis escriptores da extrema esquerda litteraria. *A Folha Nova* continuará a ter como principal redactor o distinctissimo jornalista Emygdio d'Oliveira, e a ser collaborada superiormente.

Transcrevemos dos prospectos:

DIZER AS COISAS

A *Folha Nova* tem amigos velhos.

A Folha Nova tem velhos inimigos.

E diziam uns, todas as vezes que na politica, ou no mundanismo, um facto de revoltante injustiça feria a ultima camada da consciencia publica:

—O que faz falta é um jornal, que, como *A Folha Nova*, dissesse as coisas.

E ruminavam os outros, *parvenus* da influencia eleitoral, jesuitas da honra e da virtude:

—Felizmente que já acabou aquella peste da *Folha Nova*, que era capaz de berrar trez dias.

Pois é para dar um grande jubilo a todos aquelles que tem encontrado sempre justos e generosos, e reatar as suas relações policiaes com os gloriosos salafrarios—que a *Folha Nova* resurge com a sua antiga mania de—*dizer as coisas.*

E verão os nossos assignantes se *A Folha Nova* cumprirá ou não este formidavel programma, apparentemente tão singelo.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Provincias

Anno.....	3$800 réis
Semestre.....	1$900 »

Na redacção da *Bohemia Nova*, acceitam se assignaturas para a *Folha Nova.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Le Chat Noir—Paris.
L'Independant Litteraire—Paris.
Union Ibero-Americana—Madrid.
El Teatro—Toledo.
Guerra alla Guerra—Cannes (França)
Revista popular de conhecimentos uteis—Lisboa.
Gottas de Chypre—Lisboa.
A Agricultura Portugueza—Lisboa.
Almanack de palcos e salas para 1889. Editor Arnaldo Bordallo—Lisboa.
A Comedia Portugueza—Lisboa.
Pontos nos ii—Lisboa.
Revista Moderna—Lisboa.
Revista Illustrada—Lisboa.
A Democracia Portugueza—Lisboa.
Correio da Manhã—Lisboa.
O Echo—Lisboa.
O Tam-tam—Porto.
A Hera—Porto.
A Minerva—Porto.
O Tribuno Popular—Coimbra
O Imparcial de Coimbra—Coimbra.
O Conimbricense—Coimbra.
A Voz do Artista—Coimbra.
A Officina—Coimbra.
O Districto de Villa Real—Villa Real.
O Movimento—Albergaria-a-Velha.
A Voz de Torres Vedras—Torres Vedras.
O Transmontano—Villa Real.
O Mirandellense—Mirandella.
O Provinciano—Cartaxo.
O Jornal de Santarem—Santarem.
O Correio de Pombal—Pombal.
A Gazeta da Figueira—Figueira.
O Districto de Portalegre—Portalegre.
O Jornal de Vizeu—Vizeu.
A Vergasta—Chaves.
O Viriato—Vizeu.
Jornal da Louzan—Louzan.
Soberania do Povo—Agueda.
Aurora do Cavado—Barcellos.
Aurora do Minho—Braga.
Aurora do Tamega—Chaves.
O Commercio da Guarda—Guarda.
O Elvense—Elvas.
Gazeta de Alijó—Alijó.
Correio da Covilhã—Covilhã.
A Liberdade—Vizeu.
A Nova—Abrantes.
O Instituto—Coimbra.
A Civilisação—Guarda.
O Echo Academico—Portalegre.
O Alemquerense—Alemquer.
O Jornal do Povo—Oliveira d'Azemeias.
A Folha Democratica—Povoa de Lanhoso.
Nove de Julho—Beja.
Revista de Setubal—Setubal.
A Chronica—Santarem.
A Ordem—Elvas.
A Correspondencia da Figueira—Figueira.
O Districto da Guarda—Guarda.
Revista de Guimarães—Guimarães.
O Districto de Vizeu—Vizeu.
Folha d'Elvas—Elvas.
Nem cá nem lá—Coimbra.

VIDAL OUDINOT

SILVESTRES

(PRIMEIROS VERSOS)

1 vol., edição de luxo—Preço 300 réis

PALESTRA
COM O DR. TOPSIUS

—Percebe você, meu caro D. Gil?

Deixe fallar! A vida é uma coisa deliciosa e patusca, um espectaculo de curiosidade suprema.

Homem! veja você como Homais engorda e prolifica!

A's vezes é verdade que se fica chamuscado e risivel sob os escombros d'esse theatro em chamma. Mas apesar d'isso! Um dia avelludado e azul de bom sol limpido fazem-lhe melhor aos nervos, creia-me, que todas as tizanas da botica. Repare que as olaias e os lilazes vão em breve offerecer a sua nubilidade rosea, a sua virgindade nevada a todas as brisas libertinas que passarem. E se o rouxinol, o tal *lyrico alado*, ainda não canta como era conveniente a um scenario de romanza, note você que anda já pelo ar uma languidez esparsa de puberdade e de primavera, que espicaça os vegetaes e perturba as almas...

Mas agora dou conta...

Que bicho o mordeu?

Onde diabo vae você, Orlando Furioso, gesticulando e recitando:

> Nunca me leste, não, e dizes-m'o traidor,
> Pois admira-me e lê-me o C... Pensador...

E agora que o mimoso artista acaba de me deixar sem mais nem menos em meio de meus discursos, não tenho outro remedio senão dar de novo o braço ao meu sapiente e e amavel amigo Dr. Topsius, que para mim vem, e com elle entrar sabiamente, pacientemente pelas phantasiosas ruinas da Poesia...

*

Uma immensa cathedral escalavrada, com effeito. Todos, todos o dizem...

Mas não sei se por amor depravado do paradoxo, por irritante mania de contradizer Sancho Pança e Eusebio Macario que a dizem morta, — a poesia, ah! eu adoro-a á maneira de Musset,

> ...Mais je l'aime à la rage, elle a cela pour elle
> Que les sots d'aucun temps n'en ont pu faire cas,

adoro-a e julgo-a eterna, percebe você?

Diga-me, Dr. Topsius, meu caro Historiador dos Herodes, se não é da minha opinião. Certamente, certamente, estou a ouvil-o repetir!...

*

Pois bem! *Am rauchen*, entre duas cigarettes e duas *chopes* cor d'oiro velho, demos ambos um amavel e erudito passeio pela azinhaga discreta da Ironia.

—A ironia transcendental, diz Schlegel...

—Bem sei, bem sei. Mas, Topsius, hade concordar que estes poetas de Coimbra... somos ridiculos, hein? incomprehensiveis, turturados e sem espontaneidade, sem emoção? Pois façamo-nos já agora decadentes, symbolistas e banvillistas, cada vez mais empalhados, mais ridiculos, menos espontaneos... e mais tolos. Era o que eu queria concluir ha dias...

*

Diz o meu douto amigo que a poesia se fossiliza, que corresponde cada vez menos ás tendencias democraticas, utilitarias, positivas da epocha, que é uma arte na agonia, *aegri somnia*, um genero que o romance vae supplantando todos os dias victoriosamente. Mas meu Dens, o que é um livro de versos senão um romance, o drama, a analyse d'uma alma? Espanta-se, Topsius? Cahimos na mesma?

Ao seu espirito de prussiano culto e disciplinado como um Uhlano, repugnam decerto estes modos diffusos de dizer da gente palreira e ligeira do Meio Dia.

Pois alçapreme o seu solido espirito, e antes de me esmagar sob a sapiencia de seus syllogismos, escute algum tempo. Mais uma *chope*?

Eu já lhe fallei do *mal do seculo*, creio eu?

Dirá o meu amigo, e muito bem, que elle não é mais que uma transformação do pantheismo germanico, uma consequencia da metaphysica pantheista; provará mesmo, e ainda muito bem, que elle provem do profundo desequilibrio moral e intellectual d'este tempo de transição, e n'este ponto pensará tão profundamente como o defuncto sire de La Palisse.

Mas no que eu não posso concordar de modo nenhum, é que o intenso e inenarravel soffrimento do seculo seja transitorio como diz, que n'esta corrente desoladora e tragica em que vamos andando, como o navio da legenda, se possa ir fundear optimistamente, pacatamente a algum porto de salvamento de agua chilra. Sabe? O Futuro dá-me sempre a impressão de qualquer coisa de esmagador e ferreo—como que um arsenal immenso em que domina a força,—grandiosa e triste.

Podemos levantar acima das nuvens mil torres Eiffel, n'uma phantasia de Titans sombrios, mas jámais poderemos readquirir aquella serenidade, aquella pureza olympica de formas com que no Paganismo abrimos em marmore pentelico, branco e radioso, o frontão do Parthenon. Em vez da enorme jovialidade animal d'uma *Kermesse* flamenga, nós hoje só comprehendemos a graça anemica, acida e *cabotine* do baile Laborde.

Desengane-se, Dr., o Homem é um animal irremediavelmente triste.

Mesmo a cotovia gauleza já assobia Wagner e canta o seu Schopenhauer...

Por isso eu proponho que em vez de *homo sapiens* se classifique: *homo tristis!*...

Imagina por ventura que a visão do mundo, cada vez mais clara, mais rigorosa, nos poderá dar a alegria e a saude moral?

Pelo contrario. Nada de mais desesperado e de mais desconfortante que a sciencia positiva.

Onde está a Vontade humana, a grande força estoica que fazia os heroes e os ascetas?

Tudo relativo, tudo deformado e *categorisado* pelos nossos hemispherios cerebraes, nada falso, nada verdadeiro... Bem sabe, a identidade dos contradictorios do seu patricio Hegel!

As leis dos sabios cada vez mais nos darão a consciencia do nosso isolamente, da nossa impotencia deante do que jámais se conhecerá, do mysterio angustioso do nosso destino.

Depois não nota que a miseria e a morte são hoje mais dolorosas pelo reconhecimento geral de que só os fortes são victoriosos, e a valla uma chimica nojenta, que o Crime é mais tragico desde que elle se considera como a efflorescencia natural e cega do nosso fundo sanguinario de gorilhas glabros?

Seculo de analyse dissolvente, de crise social, de crise philosophica, que forma de arte pode melhor condensal-o que a poesia e o romance psychologico, duas formas identicas e eguaes do mesmo desdobramento extranho e pungente sobre nós mesmos e sobre as almas dos outros?

Mas deixe-me explicar-lhe isto. Compare a *Illusion* de Jean Lahor e *Mensonges*. Não acha que, no primeiro exemplo, no livro de versos, lyrico, pessoal *subjectivo* (vá o palavrão) e no segundo, o romance, o drama,—o thema, com differença do numero dos actores, é o mesmo,—a vivisecção sobreagudamente comprehensiva, voluptuosamente dolorosa e curiosa de interiores d'almas?

E já agora, Topsius, *mon gars*, deixe-me dizer-lhe tudo o que penso. A litteratura não encontrará outras formas superiores a estas duas, cuja comprehensão e a formula serão a gloria de este século.

Apenas a poesia vencerá o romance, verá você, quando ella se tornar menos precisa, mais extranha e subtil, mais doente e menos lucida, como que uma melodia e como que um nevoeiro pacificante e vago....

Mas Topsius, os seus oculos luzem de superior ironia....

Diabo! Dar-se-ha caso que eu tenha contado asneira grauda?...

*

Vinte um de Março! Abril, Colette de Rosen, El-Rei Sol volta do exilio cada vez mais loiro e cada vez mais moço!... E já agora deixem-me exclamar com o meu querido grande poeta Swinburne:

«Os deuses desaparecem um por um, sem sceptro e sem culto; mas subsiste o espirito que lhes deu a forma e a voz. O sol foi proscripto do ceu? O Cantico foi exilado da alma dos homens? O cantico é o fermento da vida; precipita a corrida do sangue que sem elle se arrastaria nas veias mais amargo e mais frio do que as lagrimas...

Tu és, ó Sol, a luz, a vida, a palavra do ceu. Ó pae de nós todos, Péan Apollon, destruidor e salvador, salve!»

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

Consoada

A AYRES DE CASTRO

Não tendo mesmo nada de burguez,
D'esse grotesco que me faz quizilia,
Revelava uma santa pacatez
Aquella antiga meza de familia.

Tendo no rosto essa expressão singela
Que indica o goso de uma vida honesta,
A familia da casa em volta d'ella
Dava-lhe, ás refeições, um tom de festa.

Era convidativa essa franqueza
Com qne alli toda a gente se servia
De uma aliméntação farta e sadia,
Sem pratos vis, de nomes á franceza...

N'uma das cabeceiras, embebidos
N'um requinte finissimo de goso,
Cochichavam dois noivos promettidos
Dando ao quadro um detalhe precioso...

Ella dezesete annos: loira e clara,
Toilette simples de um supremo encanto,
Modos gentis de uma elegancia rara
E um ar travesso, de tentar um santo!..

Elle o rapaz, fallando alegremente,
Algum tanto *poseur* e mais maduro,
Recortava n'um plano auriluzente
Uns projectos sensatos de futuro.

E havia umas creanças buliçosas
Bonitas e de forte construcção,
Que lançavam as vistas cubiçosas
Pára os doces e fructas da estação.

E ao fundo, a Avó, bondosa e dedicada,
Olhava attenta pelo bem de todos,
Serena, presidindo á consôada,
Fidalgamente, e com distinctos modos!

Coimbra, 88.

SANCHES DA GAMA.

L'humanité cherche l'idéal, mais elle veut que l'idéal soit une personne: elle n'aime pas une abstraction.

RENAN.

Superstições d'amanhã

Passam tão rapidamente as cousas; os modos de ser da força universal são tão variados; quadunam-se, tão diversos, com a materia multiforme,—que a gente mal póde fallar d'uma instituição ou d'uma phase organica sem que a carimbe, na relatividade da existencia fugace, com qualquer dos adverbios de tempo que exprimem o curso triplicemente diario de —*hontem*, *hoje* e *amanhã*. De resto, n'isto ha muito menos rethorica, ou lá o que é, do que positividade.

O tempo que nos espera, os da civilisação actual em que parece que tanta ideia generosa se fermenta,—feliz ou revolucionario, activo ou marasmatico, conforme o que queiram prever os vaidosos da sciencia de *hoje*, ainda tão pouco positiva nos dados que se estorcem n'um positivismo methodico, firme e auspicioso,—ha de ter, entre tudo o que possa ter e que eu lhe não contesto, superstições. Está claro.

Valha-me a logica das cousas para evidenciar o que ha de nitido e correctamente philosophico n'esta minha percepção pessimista.

A existencia das superstições representa nada mais nada menos do que esta fulgentissima verdade —o progresso é a lei fundamental das sociedades.

Ora agora vamos a isto. Progride-se porque o modo de ser organico pelo qual se manifesta a actividade hominal na conglobação da humanidade é hereditaria e mesologicamente contexturado n'uma serie indefinidamente crescente em que cada termo representa—uma verdade, empirica ou não, subjectivamente apercebida pela positividade intellectual e a mais uma aspiração incommensuravel á intuição da phenomenalidade inverificavelmente apprehendida nas suas relações inextricaveis. Este é o segundo elemento—x—do membro serial cujo valor incognito, decrescentemente grande, representa o valor parcial da indifinidade dos outros termos.

Pois ahi está porque isto de superstições não é patrimonio solarengo dos respeitaveis cavalleiros medievaes, espotreando o alazão, alta noite, na pista do mouro infiel ou da moura formosa que podia ser *infiel* ou não.

Ora que as superstições, visto que representam a lucta titanica dos espiritos na comprehensão do occulto, do metaphysicamente incognito,—vão diminuindo, isso creio-o eu pela razão supra; mas, seja dito sem desdouro pela Academia Real das Sciencias, ainda hoje o nosso illustre Latino Coelho foge á legua da pelle inoffensiva dos gatos pretos. E não é lá por ser Coelho.

*

Em 1887 publicava a *Bibliotheca scientifica contemporanea* um livro sobre magnetismo e hypnotismo em que o dr. A Cullerre, respeitavel membro da *Sociedade medico psychologica*, nos diz cousas alarmantes das forças vivas da materia.

O caso é grave: embora os magos, as pythonissas, as sibyllas e toda a corja advinhôa dos tempos idos, tenham hoje a referenda morderna de *intrujões* a emparceirar com respeitabilidades do nosso tempo; apesar de estar bem provado que Mesmer era mais *animal* do que o magnetismo que preconisou; posto que Puysegur represente um observador inconsciente do somnambulismo a emparelhar com Deleuze, Bertrand, Georget, Du Potet e Foissac; posto tudo isto, e apesar do que se quizer—o caso é grave.

Husson falou favoravelmente do magnetismo e Dubois não esteve por isso; mas Braid ficou embasbacado com as maravilhas que observou, com as illusões phrenologicas, e accudiu logo á estacada com agregaria—*hypnotismo*. Então andava cousa no ar ou não?

*

As superstições *d'amanhã* hão de fundar-se nas maravilhas do hypnotismo, como já se fundaram, as do passado, no mesmerismo e na crença de entidades de chavelhos,—porque a sciencia, a respeito de classificação de phenomenos hypnoticos e respectivos excitadores, ainda não está para já—pelos modos. Eacrescente-se que no periodo de civilisação avançava que atravessamos, os espiritos iam caindo n'uma tal ou qual indifferença perante a regularidade dos phenomenos; mas agora — ahi os temos nós á barba, admiraveis e diabolicos. Questão d'habito...; e hão de deixar de ser taes.

Entretanto não hão de faltar apprehensões. Muitos hão de sentir calafrios emquanto que lerem a descripção de M. Faguet sob o ponto de vista da hyperesthesia sensoria no somnambulismo em que uma hysthérica via o reflexo d'imagens com chifres, na alvura d'um cartão. Credo! que é déme...

Pois não é; mas eu é que não posso ler aquillo que não sinta um pequeno receio de um figurão qualquer me pôr os orgãos visuaes ao serviço cabalistico d'uma exhibição theatral.

*

Afinal tenho estado a canfundir alhos com bugalhos.

Puxo do Spencer em materia de educação. e que vem a ser um supersticioso senão um educando infeliz?

Pois será; mas pense-se bem n'isto a ver se d'esta vez se aniquilam algumas razões do Spencer.

CARNEIRO DE MOURA.

Quem te deu uma philosophia tão alegre?—perguntava o Conde Almaviva. «Foi o habito da desgraça respondeu o barbeiro andaluz.—Com receio de chorar, principio logo por me rir de tudo.

CAMILLO.

Á vinda

Quando o João da Povoa chegou ao cotovelo da estrada, começando a descortinar a sua aldeia, longinqua, esfumada alvacentamente na negrura dos pinhaes—o coração commoveu se-lhe n'uns baques fortes d'alegria intima; as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. A sua cabeça era como um kalcidoscopio, onde mil coisas iriadas appareciam bellamente, e, n'um instante, desappareciam...

Já via a Luizita, a sua filha, do collo da mãe a estender-lhe os bracinhos, nos labios aquelle claro sorriso d'anjo que d'antes lhe sorria. Ella havia de ficar toda contente... E se já não o conhecesse? Assim de barbas... E arrependia-se de trazer agora crescidas as barbas.—Mas não, não podia ser: decerto, logo que o enxergasse, havia de o conhecer... Que elle sempre era pae...

Ia caminhando—e a aldeia a desennevoar-se, pouco a pouco a definir-se á sua vista, lá adeante. O sol baixo, já perto da linha do horisonte, vermelhava o ceo n'uma coloração calida de incendio. Era pelo calor, em julho: a aragem, requentando-se á flor da terra escaldada, soprava ás vezes umas baforadas asfixiantes; pela athmosphera serena ia como um murmurio d'azas de insectos ás myriades.

O João da Povoa caminhava, caminhava sempre, a aproximar-se da aldeia que agora se definia, caiada, estendida pelo outeiro defronte, parada e luminosa sob as claridades d'oiro vivo que o sol radiava a poente. Na torre alta, branca, que se perfilava no azul cruamente, começaram os sinos a repicar, n'uns sons claros, metalicos, ondulantes na vibração do ar. Uma alegria suave rebentara na alma simples do João da Povoa. Ha que tempos que elle não ouvia os sinos da sua terra! Um mez antes, quando partira para as ceifas do Alemtejo, era-lhe indifferente aquelle toque: já estava affeito; agora, retinia-lhe no tympano melancolicamente, como que accordando as vagas nostalgias d'algum outro tempo de felicidades mortas.

—Olha o *Fusco!* não póde elle conter, vendo de repente o cão lá de casa pela borda da estrada a correr, o focinho caido a fariscar. O cão estacou, cabeça erguida, orelhas guiadas, olhos fitos, espantados no João da Povoa.—*Fusco*, aqui! dizia a chamal-o, ao mesmo tempo dando estalinhos nos dedos Vem cá, *Fusco!*... O cão, afinal, correu, atirando-se-lhe aos pés, rolando-se no pó da estrada, afagando-lhe as pernas com a cauda, ganindo uns sons que eram a sua alegria.—Coitado do *Fusco;* ainda me conhece... E os olhos bons do João da Povoa molharam-se d'uma ternura, especie de reconhecimento.

Continuou o caminho, *Fusco* na frente pulando, doidejante pela estrada além.—Vae todo contente... pensava o João da Povoa. Ainda me conhece, ainda me conhece...

Tinha entrado na aldeia. Logo ao principio, estava a egreja. No adro,uma turba esfarrapada de rapazitos esfusiava gritos d'alegria. Os sinos ainda repicavam.

Elle dirigiu-se á egreja. Ao meio da nave, sobre um banco, havia um pequenino caixão aberto, de «anjinho», forrado a seda escarlate. Dois brandões, postados a cada lado, ardiam melancolicamente. O sachristão, d'opa vermelha, tinha nas mãos um grande cruxifixo, prateado, a tombar n'um dos hombros. O prior resmungava o latim, de hysope empunhado. Algumas mulheres, á roda, lastimavam.—Na verdade era uma pena. Já estava crescidinha... Aquella é que ia direita para o céo. Coitada da pobre mãe... Logo a primeira que ella teve...—Depois, um bichanar de padre-nossos e ave-marias.

No escuro d'um recanto, junto á porta da egreja, o João da Povoa, de joelhos, mãos postas, rezava—estendido no chão o cajado onde o alforge se prendia.

O coveiro entra na egreja, dirige-se ao sachristão, segredando.

—Isto ainda tem demora? Estou farto de esperar...

—Acaba já. O sr. prior, hoje, reza menos latim. Filho de gente pobre... E' o costume.

O prior, espargira os ultimos orvalhos d'agua-benta pelo doce rosto do «anjinho», pallidamente lindo, como crystalisado em marmore,—que parecia sonhar um outro mundo lon-

ginquo, diaphano, mysterioso, em que os anjos d'azas columbeas esvoaçavam...

O pequeno enterro ia a sair da egreja. O João da Povoa tinha-se erguido. Quando o «anjinho» passava, elle naturalmente, olhou... Parece que n'aquelle rosto suave houve subitaneamente o lampejo d'um clarão eletrico, que o cegou:— Aquella era a sua Luiza! Morta, a sua filha!

Vendo-o logo, o prior foi ter com elle. Quil-o arredar d'alli; mas debalde. O João, como louco, tinha um olhar desvairado, muito aberto: e sem uma palavra, sem uma lagrima, o coração parado, a estalar-lhe.

Entretanto o prior, a vêr se o consolava:

—O' João, resigna-te. Já agora, que lhe has-de fazer?... Deus assim o quiz. E sentenciava: N'este mundo, João, andamos todos aos trambolhões pelos trilhos da vida alem, até darmos, emfim, o salto mortal na sepultura... Resigna-te, tem paciencia...

O João da Povoa não ouvia, afundado na sua dôr, que o lancinava.

—Era a minha unica filha...—disse elle, afinal, rebentando-lhe as lagrimas, todo o peito saccudido por soluços vehementes, ajoelhado ao pé do caixão, a beijar o pequeno cadaver da filha.

—Retirem-o d'ahi. Vai-se fazendo tarde... E não o deixem vir ao cemiterio...—recommendava o prior.

Desviaram o João de juncto á filha. O enterro continuou. Elle bem quiz acompanhar o cadaver da sua Luizita; mas o cunhado lá o convenceu.—Não vás... Para te affligires mais... Anda para casa, que a tua mulher, coitada, está que nada a consola...

Mas o João com um olhar nublado de lagrimas, olhava o enterro a affastar-se, levando-lhe a filha. Olhava dolorosamente, como se lhe levasse um pedaço vivo do coração.

O sol acabava de resvalar da abobada azul, passando a curva do horisonte em fogo.

Uma tarde immovel; á flor das coisas serenadas n'uma paz religiosa, andavam boiantes as claridades melancolicas do crepusculo; no verde-claro dos milharaes ia-se diluindo uma tinta escura; e as paysagens indefiniam-se lentamente, manchando de negro os horisontes que empallideciam. Parava a faina do campo.

Era na hora santa das ave-marias

Parece que de toda a parte se erguia ao ceu uma prece serena e bemdita.

O enterro do anjinho desapparecia alem dos portões do do cemiterio.

—E agora?...—perguntou-se o João da Povoa, desolado, como vendo deante tudo num vacuo.

O cunhado, então, arrastou-o para casa.—Tu não has de p'rá 'hi ficar apégado, homem!...

E afinal o João da Povoa lá foi, machinal, a passos d'ebrio.

ANTONIO DE MELLO.

L'action, pour certains hommes, est d'autant plus impraticable que le désir est plus fort. La méfiance d'eux-mêmes les embarasse, la crainte de déplaire les épouvante; d'ailleurs, les affections profondes ressemblent aux honnêtes femmes; elles ont peur d'être déconvertes, et passent dans la vie les yeux baissés.

FLAUBERT.

O Foguete

E' sympathico. Vae-lhe bem o ar provinciano.

Depois falla depressa.

—f f f... tan tan..., prompto!

E', alem d'isso, symbolico.

Esta ultima qualidade foi que me persuadiu a fallar-lhes d'elle.

Vive ha tempos em Lisboa, onde toda a gente póde vel-o; um pouco por toda a parte, mas principalmente no Gymnasio,

Não precisa, pois, a chronica de invental-o.

Chegou de Santarem em companhia de sua filha —bella moçoila de 20 annos. Vi-o hontem á cata d'um *chapeu alto* para o padre prior; — porque seja sina d'estes chapeus embirrarem com as cabeças de quem os põe. aquelle fez em agua os miolos do honrado Foguete.

Elle que lhes conte.

Por mim só lhes direi que conheço muitos casos.

Ainda ha pouco um dos taes, apenas sahido das officinas do Roxo, fez azul o meu amigo Cezar d'Almeida que teve de recorrer á benevolencia d'um espectador do Colyseu para lh'o enfiar pela cabeça. E porque a operação effectuada a murro não fosse do inteiro agrado d'aquelle meu amigo, embora a epocha carnavalesca a desculpasse, correu o agente seria risco de receber em paga dois orelhões valentes

Interposeram-se amigos, fazendo valer as boas intenções do espectador solicito, e Cezar acalmou-se. Com pasmo se conheceu depois que já não tinha chapeu, mas um bolo,—concluindo philosophicrmente pela incompatibilidade do tal objecto com a cabeça humana!

Sei d'outro..., mas para que amontoar passos?

Aos scepticos das diabruras do *chapeu alto* aconselho o Gymnasio em noite da comedia d'aquelle titulo.

Voltemos pois á vacca fria.

Em geral os foguetes compoem-se d'um canudo atacado de polvora, amarrado a uma caninha, e encimado por bombas em numero variavel.

Uma vez posto o fogo ao canudo colocado vertical, os gazes desenvolvidos pela combustão da polvora fazem subir na atmosphera o pequeno aparelho, estalando as bombas que no acto de explosir se denominam = respostas = e são recomendação do foguete.

Assim se diz *bom* o foguete de nove bombas, ou, com mais propriedade, de nove respostas; *soffrivel* um de sete, etc. Não ha fogueteiro que se prese que não accrescente ás respostas uma bomba chamada *real*, de maior acção sobre o tympano.

Isto pelo que toca aos foguetes vulgares.

O Foguete de que se trata não é rigorosamente assim.

Tem, porem, de commum com o seu homonymo pyrotechnico a ligeireza dos movimentos e a innocuidade dos resultados.

E aqui está a razão porque elle é um symbolo... pyrotechnico.

*

Esperavam outra coisa, bem entendo, mas tenham paciencia. A chronica cá está no seu posto, e vae mostrar como o Foguete symbolisa mais alguma coisa.

Ora pois!

*

Quem percorrer essas ruas, entrar nos theatros e nos cafés, subir as secretarias, passeiar as praças, frequentar os saloens é ferido por uma nota dominante—a pressa.

Anda-se depressa, come-se depressa, trabalha-se depressa, falla-se depressa—,... para que? Mysterio!

Nem o Foguete o sabe.

Ha-de pensar-se talvez ao ver a multidão de corrilorio por essas ruas que haveria grave transtorno se ella retardasse a marcha... Engano! Os mais apressados são os que menos tem que fazer.

E' de notar a gravidade com que os empregados de secretaria annunciam as suas complicadissimas occupações, que geralmente se limitam a retardar os horas da entrada para chegarem azafamadissimos, como quem vem da China, e vigiar pela pontualidade da sahida... para em alguma coisa serem pontuaes—vá lá.

Em todo o caso mostram-se apressados como toda a gente.

Será, porem, essa pressa um resultado do temperamento?

No Foguete é, decerto. Nos mais creio que não.

Conheça homemsinho que a sós, no conchego do *chez soi* é d'uma indolencia e pacatez a fazer inveja ao bichano que se lhe enrosca aos pés; fóra de casa, porem parece azougue!

Ora vão lá dizer porque!

Lisboa, março.

ANTONIO DE MENEZES.

O ultimo phosphoro

Uma tigelita de leite fôra a sua refeição da manhã.

Bertha ouvia o balir continuado do pequeno rebanho, que estava ali, n'aquella mesma loja acanhada, sem luz, sem conforto, de uma humidade doentia. Custava-lhe abandonar a lareira, onde um lume brando a prendia, mãos estendidas ao calor, em quietação somnolenta que a apathisava. Sahira da cama aos primeiros alvores da madrugada d'aquelle dia de janeiro, sentindo no franzino de um corpo alimentado a privações os rigores de um frio que a fome tornava mais sensivel. Bem quizera por instantes ainda o tepido conchego da palha já negra da sua enxerga sem mantas; mas o chamamento da mãe á necessidade do trabalho fizera-lhe lembrar o aprisco, que lhe ficava á cabeceira, apenas separado por uns ramos mal unidos, por entre os quaes, de quando em vez, apparecia a cabecita da cabra sua amiga, com umas confidencias mudas no olhar meigo e sereno. De noite era ella—a *Branca*—que vinha afagar-lhe os cabellos e dar-lhe n'um respirar quente um leve rosado á pallidez das faces.

—São horas, pequena—insistia a mãe.

Bertha assoprou uma vez mais o lume a extinguir-se, e como que querendo receber toda a benefica influencia do fogo que ficava, remexeu as cinzas despropositadamente; depois, n'um ultimo ah! de satisfação gosada, n'um ultimo esforço da vontade rebelde, ergueu-se vagarosa, a sacudir do burel da saia a carusma que lhe cahira em cima.

De caminho para o monte, rebanho adiante, pensava Bertha que seria feliz, em qualquer parte, n'aquella mesma aldeia, se tivesse uns vestidos engommados, de cores brilhantes, e um chaile e arrecadas, como a Martha, a filha do regedor. — Ainda na vespera, dia de festa, chorára muito, vendo as raparigas do povoado brincando no adro da capella: é que apenas comera uma fatia de pão duro, que a economica sobriedade da mãe conseguira furtar ás exigencias do dia anterior, tendo assim a fome que espanca a alegria. E demais, com os seus andrajos, todos a repelliam, sabia-o. Por isso, ficára se para alli sentada na soleira da porta, a ver o rancho folgazão, que saltitava n'uma doudice infantil, no sem cuidado dos primeiros annos.

O seu olhar melancholico, de um vago que traduzia miseria, ia-se no fitar do ceu distante, emquanto que os seus pés, automaticos, sem guia, pisavam a vereda escabrosa, de pedra miuda que cortava as carnes. O cabello louro, muito aspero, não tratado, serpeava-lhe, batido da aragem, desde o cocuruto gracioso aos hombros nus, arroxeados. E n'aquelle seu sonhar roseo de lagrimas, mal sentia o frio que a penetrava.

Subira a montanha. De lá, do planalto, dominava-se um horisonte todo franjado de brumas, que deixavam um como halito humido, uma como que caricia leve nas agulhas de pinheiros cavalgados no dorso do cêrro que se perdia além. Gigante molle de granito atirava para a amplidão o repto da sua potencia aos furores dos elementos. Em frente, a curva rodeada da collina que ia morrer longe, era o vestigio de uma eructação do universo na prehistoria das suas convulções da infancia. Ao fundo, dormiam as aguas n'uma linha sinuosa, sob o peso de um gelo que as quietava brutal. Em derredor de Bertha, dos ramos mal vestidos de uma vegetação espontanea pendiam finissimas arestas de orvalho congelado, de ringidos asperos e lugubres ao menor sopro do vento glacial que ali reinava. O solo que pisava, endurecido pelo frio, tinha um som de vidro a partir-se, que punha arrepios.

Por toda a parte, esse mundo vegetal da mon-

tanha dava o aspecto desolador que um inverno rigoroso lhe imprimira. Por vezes, no raio alegre de um sol indifferente, uma scintillação da vida do infinito rompia o veu pardacento que se desprendia de horisonte a horisonte. Depois, o galope phantastico de outra nuvem furtava a limpidez do azul d'onde vinha a luz creadora que tonificava a existencia.

No entanto, Bertha principiou de sentir um frio aspero e penetrante que quasi lhe coagulava o sangue. Com uma paciencia que se lhe tornára força, accumulou as ultimas folhas que durante a noite se desprenderam das arvores que estavam perto, e com a esperança a irradiar-lhe dos olhos fundamente cavados, que um circulo azulado desde ha muito envoldurava, feriu no fôrro do seu pobre jaleco o primeiro dos dois pedacitos de madeira alcatroados que trouxera. A massa, sem consistencia, humedecida, desprendeu-se com a fricção violenta, e foi cahir em pequenissimas particulas, alli, no chão, que a neve não tardou em cobrir.

Bertha teve um franzir de testa, um tremor convulso, que se traduziram n'uma imprecação á fatalidade.

Restava-lhe um, um só, o ultimo phosphoro!

Com umas precauções unicas, nascidas da primeira infructifera tentativa; com um supremo cuidado, minuncioso até; de joelhos, curvada por de sobre as folhas, na mão uma pedrita que limpára, os dedos levantados em quebra-vento, respiração suspensa, a vida no olhar,-friccionou, devagar, delicadamente, o phosphoro que lhe era esperança.

—Ah!—fez n'uma desoppressão, ao vel-o inflamado.

Baldado esforço!...O enthusiasmo afugentou-lhe a cautella, e um golpe de ar traiçoeiro apagou-lhe a chamma, mal desenvolvida ainda.

Vencida, prostrada, braços pendentes, cabeça sobre o peito, ficou-se assim, sem uma queixa, sem um lamento, silenciosa.

Toldara-se o ceu por completo: a neve torbilhonava no espaço, fazendo de tudo aquillo o sinistro poema do frio, em que cada estrophe abria um sepulchro. Então, Bertha, entorpecida, tombou para o lado e adormeceu, para para só acordar lá em cima, no bom ceu das creanças.

*

Branca—a cabra sua amiga—veio uma vez ainda afagar-lhe os cabellos, e no gemer de um balido prolongado, triste, sentido, lançou aos echos da montanha o queixume do seu irolamento.

ALBERTO BANDEIRA.

Chronica Benedictina

... Por este tempo de insaciavel curiosidade scientifica habituemo-nos tambem a morder gravemente, pachorrentamente o fructo acido, capitoso e mordente da Sabedoria...

Façamos sabedoria...

*

Queria fallar-lhes hoje do Homestead e do Act Torrens, duas instituições originaes e fecundas que creou, fóra do direito metaphysico e fóra de toda a frandulagem dos Principios, o practico espirito anglo-saxonio; explicar-lhes ao meu modo de ver de de conselheiro e de bacharel, como a comprehensão dos Estados Unidos, não como uma sociedade *politica* mas antes de tudo como uma sociedade *economica* explica a primeira curiosa instituição, que para dar alor ao espirito de emprehendimento, que na America é o espirito de aventura, exempta de toda a penhora, de toda a execução a pequena propriedade de familia e a bibliotheca mesmo do especulador finfeliz.

*

Mas, com methodo, com logica; procedamos com profunda logica.

Como a Australia fica mais longe de nós que os Estados Unidos, nos antipodas, meus caros, nos antipodas, começaremos pela instituição australiana, pelo Act Torrens. Devemos respeitos aos nossos irmãos mais distantes!

Yves Guyot fez conhecer em 1882 á França n'um artigo celebre do sabio *Journal des Economistes* o curioso systema de registo predial australiano conhecido pelo nome da Lei Torrens, engenhosa instituição que n'esta phase alta do credito, n'este tempo de largas, rapidas e delicadissimas operações financeiras consegue mobilisar extremamente a propriedade territorial, liberal-a das multiplices difficuldades de operações que sobre ella incidem, e assegurar quanto possivel as transmissões e a publica conservação de todos os direitos immobiliarios, quer da completa quer da imperfeita propriedade. A baixa extraordinaria do valor da propriedade em França, attribue-a o economista Yves Guyot não ao *Espectro americano*, mas á difficuldade de expediente e ao preço subido, levado pelo fisco, das operações sobre a propriedade. Assim o auctor da *Science économique*, calcula que depois de dez transmissões o fisco absorve pelo imposto do sello e pelo custo do registo o valor todo de um predio. Por isso o illustre economista propõe a adaptação á França do Act Torrens, pondo radicalmente de parte a *razão fiscal*...

Exagero, de certo! Comtudo nas colonias a instituição australiana seria dos maiores resultados. Porque não importaremos o Act Torrens na Africa e na India, como o importaram da Australia alguns dos Estados do Norte-America, como mais tarde ou mais cedo a França o ha de importar na Algeria e na Tunisia? È da natureza das colonias, diz Leroy Beaulieu, bem sabem, que as transacções immobiliarias sejam na origem muito frequentes... Graves deputados e publicistas da Lusitania! que estudaes o nosso problema colonial, porque não vos lembraes do Act Torrens? Mas o nosso typographo Soares pede que conclua...

Devemos respeitos a todos. Vou concluir. Mas eu não sei se lhes disse o que era o Act Torrens?

Conselheiro Accacio.

Mimi

A Antonio de Menezes

Viva e morena, a minha doce flor
Da cabecita ao malicioso pé
Era um fino retrato encantador
Recortado dos contos de Mendès.

Lia o «Gil-Blas», e o seu risito claro
Punha na casa uma alegria franca.
Andava sempre requintado e raro
Um tenue aroma em sua roupa branca.

Filha, diziam, de um fidalgo antigo,
Mas filha, é claro, pelas linhas tortas.
Creança, andara a mendigar ás portas,
Por ninguem teve um sentimento amigo.

De ser amado a tresloucada esp'rança
Alimentei sem medo aos seus remoques.
Mas avisava: «Eu chamo-me, creança,
Miss Aurora Polar dos ice—*hummocks.*

Odiava os bichos de cem pernas, e
Os tetricos romances á Ponson.
O pallidez doentia d'Anthony
Não a achava moderna e de bom tom.

Unicamente a minha dhalia fria
Amava um gato lazzarone e preto,
Que para mim a cada passo abria
Pupilas cheias de um terror secreto.

Era nervosa, altiva, estouvanada,
Fazia ditos, e n'uns certos dias,
A nossa pobre, artista agua-furtada
Era um pombal de pombas d'alegrias.

Ora uma vez n'uma manhã d'estio,
Antes que enchessem de murmurio o ceu
As calhandras do pallido Romeu,
Fomos passeiar de braço dado ao rio.

Jamais a vi tão fresca e tão bonita
Na jersey *clara, e doida, e satisfeita,*
Chalrando e rindo, a debil avesita
Feita de chamma e frialdade feita!

*Sob as rendas do «*Tartarin*» gracioso,*
O seu olhar tão humido e rasgado
Convidava-me, o dulcido guloso!
A um almoço ao morangal molhado.

«Olha, meu poeta, eu por morangos dava
O teu robusto, impetuoso amor,—
Todo fragrante dos jasmins de Java
Dos teus vinte annos, ramo d'oiro em flor.»—

Quando voltámos inda manhãsinha,
Do nosso pic-nic tão frugal,
Uma tossita e alguma febre tinha
Arranjadas no fresco matinal.

Levou-a a morte n'um momento, e rindo
Rindo sempre sem unica saudade,
Do meu affecto singular, infindo,
Cheio d'aroma, e luz, e mocidade.

Ah!... Chorou muito, a minha dhalia fria,
Pelo gatito lazzarone e preto
Que para mim a cada passo abria
Pupilas cheias d'um terror secreto!

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

Summario das secções

I—Actualidades. Biographias.
II—Romances, Contos (originaes).
III—Historia, Philosophia, Exegese, Philologia, Economia, Pedagogia: Sciencias naturaes.
IV—Poesia.
V—Agricultura, Economia rural, Hygiene: Legislação, Administração: Serviços publicos: assumptos coloniaes, militares e navaes.
VI—Critica Litteraria: Historia Litteraria: Arte, Esthetica.
VII—Litteratura estrangeira (Romance, Drama, Memorias, Correspondencias).
VIII—O movimento de Paris, Londres, Madrid, Berlim, Roma, Rio de Janeiro: Viagens, Missões, Explorações.
IX—«Chronica do Luxo e da Moda»: «Notas do Mez»: Sociedade e Costumes: Theatro.
X—Chronica politica.
XI—Chronica financeira.
XII—«Lettre pour L'Etranger».

Collaboradores effectivos da «Revista de Portugal»

Anthero de Quental; Anselmo d'Andrade; Antonio Candido; Antonio Ennes; Antonio de Serpa; Alberto Sampaio.
Bernardo Pindella; *Bruno* (J. Pereira de Sampaio;) *Bento Moreno* (Teixeira de Queiroz).
Conde de Casal Ribeiro; Conde de Ficalho; Conde de Sabugosa; Coronel Mesquita Carvalho; Carlos Lobo d'Avila; Carlos Mayer.
Fialho d'Almeida; Fernando Leal; Fernando Maia.
Guerra Junqueiro.
Jayme Batalha Reis; Jayme Moniz; Jayme de Seguier; Jayme de Magalhães Lima; José de Sousa Monteiro; João de Deus; Julio de Vilhena.
Hnrique de Macedo.
Luciano Cordeiro; Luiz de Magalhães.
D. Maria Amalia Vaz de Carvalho; Miguel d'Antas; Moniz Barreto; Mariano Pina.
Oliveira Martins.
Pinheiro Chagas.
Ramalho Ortigão; Rodrigues de Freitas.
Theophilo Braga.

Com o 1.º numero da *Revista de Portugal* será publicada a lista completa dos escriptores que a honrarão com a sua collaboração—assim como a lista dos collaboradores brazileiros.

A **Revista de Portugal** é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **Boletim Bibliographico** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **Annuncios** são inseridos n'um appendice especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 réis	3$200 réis	1$700 réis

Numero avulso.....	500 réis
Pelo correio.....	540 »

COLONIAS, HESPANHA, BRAZIL E OUTROS PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno	Seis mezes
7$200 réis	3$800 réis

A **Revista de Portugal** assigna-se em todas as livrarias do estrangeiro.

PORTO

EDITORES, Lugan & Genelioux

SUCCESSORES DE ERNESTO CHARDRON

COIMBRA

Typographia União

1889

EXPEDIENTE

A Bohemia Nova vende-se e assigna-se: na Redacção—Rua Larga, 38, na Livraria Paula & Costa no Café Lusitano, na Typographia União.

A todos os nossos collegas da imprensa, a quem enviamos a Bohemia Nova, pedimos o obsequio da troca.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Em todo o paiz: trimestre	500	réis
Paizes da União Postal; trimestre 4 francos.	720	»
Brazil: trimestre.	1$200	»
Numero avulso	50	»

N.° 6 COIMBRA, 12 DE ABRIL DE 1889 ANNO I

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

BOHEMIA NOVA

REVISTA DE LITTERATURA E SCIENCIA

Redactor-em-chefe – DR. FAUSTO

DIRECTOR DE NUMERO — ANTONIO DE MELLO

Malaria no Occidente (carta a Amilcare Cipriani) por Carneiro de Moura; *A' janella do meu quarto*, *De noite* (poesias) por Alfredo Teixeira Ribeiro; *Questões d'hoje*, por Heliodoro Salgado; *Deusa* (poesia), por Antonio Fogaça; *A Santa* (conto), por Antonio de Mello; *A questão dos alexandrinos*, por Dr. Fausto; *A nossa entrevista* (poesia), por Sanches da Gama; *A Duqueza* (poesia), por Alberto Osorio de Castro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO da BOHEMIA NOVA:

38, RUA LARGA, 38

COIMBRA

Malaria no Occidente

CARTA A AMILCARE CIPRIANI

Illustre proscripto:

Se o serviço postal da Peninsula não foi impedido n'estes ultimos quinze dias por qualquer movimento zorrillista na nação visinha, o que me não atrevo a asseverar, — eu creio que deveis ter já recebido o numero 4 da *Bohemia Nova* em que foi publicada sem commentarios uma carta vossa a Xavier de Carvalho, o brilhante chronista portuguez que de Paris nos envia amavelmente para espairecimento da nossa vida bohemia umas chronicas vivas e actuaes.

Creio isto, porque ainda creio na regularidade do vae-vem postal n'esta terra em que o sangue celta se perdeu por não sei que mysterio ethnogenico; e precisamente por se tratar d'uma regularidade de vae-vem.

Antes de vos agradecer em nome dos *novos bohemios* as expressões honrosas que nos dirigistes, e para que mais tarde não tenhaes que vos arrepender, por intencionalmente illudidos, de nos ter participado com um enthusiasmo que bem merece um echo, que, quando a vossa revolução social for um facto, os despotas de hoje, reis pelo milhão e pelo preconceito, hão de ser espesinhados pelo egualitarismo,—tenho que vos declarar com a mesma franqueza com que acreditaes o fariam Viriato e Camões, os bohemios velhos do velho Portugal, «berço d'innocentes» ha um bom par d'annos,—que melhor fôra para vós, que tanto presaes a vossa causa, terdes appellado para a sinceridade humanitaria dos japonezes, mais activos e firmes do que nós. Esses parece que se vão aborrecendo com a vetustidade do mikado e querem-n'o de lá fora, com grave ameaça para nós que teremos de o supportar como uma instituição oriental implantada aqui, ciosa dos fóros de sempiternidade, e que virá reformar por ventura as nossas preciosidades lusas eminentemente representadas nos politicos e canos d'esgoto, lazaretos e syndicatos.

E sois vós, respeitavel martyr d'uma ideia, que nos vindes exclamar, n'um arranco de paixão e latim, que no dia da liquidação que emprehendeis— *Væ-victis!?*

Tenho n'esta occasião—estou solemne, bem vêdes!—tenho que vos participar, em nome de todos os portuguezes, que sentimos um serio calafrio ao lermos aquella ameaça catonica. Parece que, suppondo para nós o peior caso, receiamos perder esta boa tranquillidade que gosamos a cachimbadas d'opio, com a profanação dos nossos codigos, cuja respeitavel ascendencia genealogica se nobilita com monumentos consuetudinarios que a archeologia regista; com as fontes escriptas, e de recente data, do Digesto e das Partidas, bem como com outras origens juridicas não maculadas com legislação teutonica, como muito bem soube dizer, vingando-nos a pureza do nosso direito *hidalgo*, um sabio doutor nosso contra outro egualmente doutor e sabio e nosso.

Agora falo-vos do dr. Theophilo Braga que decerto conheceis, se lestes, no vosso vivo interesse em conhecer o Portugal bohemio, um livro de gloria duvidosa e de M.me Ratazzi, em que esta senhora nos vê *à vol d'oiseau* e á myope. Ahi tambem se fala d'outro personagem nosso que ainda n'esta carta vos será apresentado com o nome devidamente corrigido das deturpações com que o maculou M.me.

E no entanto algum resultado podeis tirar, na lição das cousas que nos contrariam pelo desengano, com o convite que tivestes a delicadeza de nos dirigir,—se quizerdes mediante um traductor apto, ouvir revelações terriveis do extremo occidente.

A vossa carta, senhor Amilcare Cipriani, se ainda fossemos um povo sensivel á maceração do piparote, era caso para nos fazer receiar pela segurança e valor bellico das nossas encantadoras *Kropathcheks*, cujas indeclinaveis qualidades já ousou pôr em duvida um Nun'Alvares d'esta terra. Porque nós já temos armas de repetição que nos mandaram *lá de fóra*— saiba-o a Europa.

Mas não, senhor; aqui tudo vive feliz: sente-se por vezes a commoção fugitiva d'uns pequenos sustos que nos bolem com os nervos burguezes, mas volta-se á vida pacata que felizmente gosamos, graças á *constituição*.

Custa-nos hoje muito a acreditar que al-

guem se sacrifique por uma ideia, que haja quem pense seriamente em reformar este esplendido *statu quo*, invariavelmente caracterisado pela produção inalienavel da batata nos terrenos frios. E temos o invejavel predicado de desconfiarmos muito pouco de tudo, ainda quando Mephistopheles ri do nosso estado... civil.

E já agora que vou tomando com o meu respeitavel senhor uma tal ou qual liberdade, por acreditar na franqueza dos principios que perfilhaes, sempre vos direi que quando em Lisboa um communista espancou o nosso querido e incansavel Pinheiro Chagas, esta população lusitana, toda umida, n'uma manifestação ruidosa da patria mentalidade, n'um arranco de desforço humanitario e duvidosamente politico, amaldiçoou o barbaro em quem não quiz ver um convicto. E parece que foi então pela primeira vez que se pensou no caso triste de se allair o nosso querido *statu quo*.

Mas não se acreditou na convicção do criminoso. E vós, augusto revolucionario, que sonhaes catadupas de luz a cair sobre a misera sociedade em trevas, nos sonhos de febril phantasia que vos agitam, bem sabeis quanto póde uma paixão pela humanidade e acreditaes que se póde ser réprobo para vingar uma ideia. Os nullos e os mediocres, esses morrem sem haver sentido uma forte vibração n'alma, e, ao expirar, inclinam miseravelmente a cabeça na algidez do peito que nunca se soube elevar do campo razo onde medrou para a grandeza das aspirações.

Vós, nobre filho d'Italia, que conheceis como é tormentosa a oppressão dos que suffocam as aspirações das suas almas no peito oppresso, sabeis bem quanto se ama a liberdade no formoso ceu italiano, tão esplendente; sabeis que a vida no homem é uma força que o arrebata no infinito azul, creação phantastica porque se lucta no vacuo.

Vós, sim, que comprehendeis estes sentimentos nobilitantes da nossa especie; mas presagio-vos mil contrariedades ao altruismo com que vos elevaes por abnegação acima do nivel egoista do nosso tempo. em favor dos fracos, bohemios que arrastam a vida n'uma lucta desigual e tormentosa.

Por que, se em todos os tempos, ainda quando a conquista das ideias vingava pela rigidez da couraça, o sacrificio pelas convicções foi uma virtude rara á prova dos tyrannos,—hoje póde dizer-se que o espirito collectivo dos povos se forma n'uma marcha suave de propaganda, porque a *ideia*, que equilibra, impõe-se rapidamente pela oscilação facil dos movimentos.

Hoje os cidadãos, proletarios ou capitalistas, operarios ou artistas, vão reconhecendo pela formação livre de associações cooperativas a necessidade d'uma applicação da actividade propria distribuida convenientemente pelas parcellas juxtapostas da felicidade que se anhela, e, na lucta pela vida, collocam-se n'um campo restricto de combate que a força individual equilibrada vae dilatando lentamente com a insistencia do trabalho calculado. E o ideal que lhes absorve as funcções psychologicas limita se ao passo immediato de conquista, consentaneo com o estado dynamico do momento da lucta.

E assim todas as convicções que actualmente possamos ter são as convicções da socidade. O antagonismo do homem para o homem tende a desapparecer, n'esta expansão livre da analyse, com a pronunciada correlação intellectual e esthetica dos individuos.

E se alguns ha que contrariam as modernas tendencias, esses estão collocados n'um plano tão baixo que a mentalidade geral não se sente ferida pelos pygmeus—porque crê já muito em si. Elles, os reaccionarios, que morram da lepra com que se adoentaram.

E no entanto vós aborreceis os reaccionarios; parece-vos que ainda podem muito, e suppondes ter na vossa *Federação Universal dos Povos* que eu, sem intuitos de lisonja, me não privo de chamar sympathica, um remedio para os grandes males que vós, um valente deslocado do nosso seculo tão positivo, presentís, e que ainda são tantos.

Eu tambem desejo como vós a felicidade d'esses bohemios de que nos fallaes,—os párias de todos os tempos, os que na lucta pela vida morrem ingloriamente e sempre trabalhando; quero que a sociedade se colloque n'um ponto em que a producção se dê naturalmente, se distribua com a regularidade que as tendencias exigem, sempre no sentido da conser-

vação normal das individualidades. E, se creio na efficacia do artificio para a acceleração dos movimentos sociaes, pela mesma razão porque creio na medicina, — pela felicidade da vossa estremecida *Federação* vos declaro que estou convencido já agora da inanidade do petroleo como motor politico, e que não creio que a dynamite possa aluir a moderna oligarchia monetaria.

E então, se me daes licença, pelo menos para meu uso, retiro da classe bohemia — os anarchistas.

Rogo-vos que não leveis a mal estas pequenas contrariedades que vos crio — pelo bem que quereis a todos os bohemios novos que vem a ser a rejuvenescencia d'aquelle que no extremo oriente cantou com uma grande desolação nostalgica as glorias da patria e o amor de Catharina, a formosa amante do Vate, enterrado «sempre triste», com a sua divina inspiração e com aquelle *puro amor* por *ella* que só sente um inspirado,—na humida soturnidade d'uma gruta.

Considerae que vos tenho em muito e, apesar d'esta minha caturrice de panegyrista balofo da evolução de que sou um crente para crer n'alguma cousa, declaro-vos que vos reputo muito util á sociedade actual.

Mas sois uma utilidade de exploração; fazeis no momento actual a figura heroica das sentinellas, vigilantes da tranquilidade dos que dormem na caserna, porque os que sonham horisontes largos de vida são já hoje a representação viva do ideal para que se tende, e lá se ficam, immoveis, a ostentar aos que avançam n'um campo de conquistas reaes, o livro do destino dos povos e o estandarte venerando dos grandes ideaes á mercê das brisas.

E mais nada: desconfio bem que os *comitès* da *Federação* vos ludibriam toda a vossa sinceridade. Pelo menos com Lisboa e Porto não conteis.

A revolução fez-se não sei porque fatalidade historica; todos os espiritos lucidos concorreram para ella, e quando Voltaire trucidava pelo sarcasmo as crenças velhas — ser-se um revolucionario valia tanto como ser-se um justo.

A França revolucionou-se, revolucionou-se a Italia, e a Hespanha e Portugal acordaram delirantes, estremunhadas por um somno de estupida embriaguez, quando alem-pyreneus corrian as praças o sangue dos bravos; e, enfesados como estavam estes povos, irmãos pelo sangue e pelo infortunio, debaixo da mordaça secular dos tyrannos, ainda tiveram um estremecimento de dôr para abafar com sangue o clarão das fogueiras da fé. Estuaralhes nas veias áquellas mumias ainda o sangue de Viriato—outro bohemio.

De então para cá, que me conste, n'este paiz dos velhos bohemios tão illustres, ainda se não deu um movimento digno de menção, ainda se não pensou em qualquer reforma util. Apenas podemos registar algumas alterações na constituição do Estado; chegamos já a conhecer o luxo d'um acto addicional e fazemos muita politica de imitação que põe o legitimo Portugal em roupas domingueiras d'um algibebe maroto,—só pelo motivo desfastiento de *fazer alguma cousa*.

De modo que, senhor Amilcare Cipriani, podeis pôr-vos ao largo. Aquí nem para utilidade de exploração servís.

Que nos importa a nós qualquer cousa boa que sonheis? Veremos se a Allemanha a representa nos capacetes ou nos galões dos feld-marechaes; a França nas *toilettes*, na litteratura, nas *maneiras* e em tudo o que noss'ama quizer; a Inglaterra nas rolhas da nossa cortiça,—que então havemos de ter o cuidado de fazer uns bons militares á allemã, versos e *tounures* á franceza, e não nos esqueceremos de nos arrolhar como muito bem forem servidos os nossos alliados d'Inglaterra.

Por cá já ninguem é bohemio no sentido em que tomaes esta qualidade. Ainda me lembrei que os pastores da Serra da Estrella (que passam por ser os legitimos representantes de Viriato porque guardam o puro sangue lusitano),—que esses serião *bohemios*, revolucionarios, apaixonados por uma nova ordem de cousas. Mas posso dar-me por bem informado n'este ponto: elles protestam solemnemente contra a introducção do *briche* que lhes deixa a perder de vista o luxo dos seus calções de pelles, e pretendem para o Consiglieri Pedroso a pena capital, porque os quer fazer participantes da soberania nacional—com o incommodo de ir á comarca exercer o suffragio.

Se vos servem estes...

Mas vós apresentastes-vos aos estudantes de Coimbra de quem ignoraes por ventura as façanhas dos batalhões academicos e dos *divodis*. Em verdade que ainda somos a classe vital da nação, mas apesar d'isso não chegamos ao ponto que desejaes.

Ao contacto dos nossos bondosos concidadãos, requestamos-lhes as filhas burguezas para os effeitos d'um matrimonio feliz e d'um bolorento marasmo. A aljava, em que Viriato guardou o ferro hostil, perdeu o valor tradiccional até nos Herminios.

E para que não fiqueis pensando que aqui o burguez, o anti-bohemio, sou eu, por excepção, e que todos os bohemios estão calados, os modestos, a soffrer calumnias cobardes e a fazer bem á humanidade na escuridão onde os tendes visto,—sabei que uns honestos rapazes de quem temos com grande desgosto de nos separar este anno porque estão em vesperas de apanhar a brilhante posição de bachareis formados, e que representam sem duvida a opinião geral academica, n'um dia d'estes, como producto das suas concepções doutoraes, declararam-nos allegoricamente, com uma certa auctoridade garantida pela posição,—que vale mais depois de bacharel a suavissima existencia embalada no regaço opulento d'uma mulher formosa que nos acaricie, e aos bebés de que as fizermos mães, n'uma alternativa de ciumes babosos—do que a gloria pifia de ser-se bohemio com Viriato que nem dá para amanuense.

Vou terminar já, depois de vos agradecer penhorado, em nome dos meus collegas, tudo o que vos devemos e de que certamente tendes consciencia, não esquecendo ainda participar-vos que aquelle nosso *Macaca* de que fala M.me Ratazzi e que me parecia, depois da desillusão dos Pastores da Estrella ser o unico bohemio possivel da minha pobre patria, entrou, o renegado, com grande gaudio seu, nos planos matrimoniaes dos bachareis e lá se ficou o senhor Macaco, como era até aqui, com o appenso da senhora Macaca a protestar perante M.me Ratazzi contra a identidade de nomes d'aquelle felicissimo par.

Tenho-vos feito uma apresentação em que estava empenhado e já só me resta testimunhar-vos portuguezmente que sou

Vosso admirador

Coimbra, 1889.

CARNEIRO DE MOURA.

A' JANELLA DO MEU QUARTO

Eu passo horas e dias,
Sosinho, debruçado na janella.
Alli me vêm saudar as cotovias:
E a lua quando se ergue no horizonte
Alli me vê de fronte
Pensando sempre n'ella.

Porém, a minha casta e branca pomba
De labios côr d'aurora,
Parece-me que zomba
D'esta ardente paixão que me devora,

E no emtanto ella é tudo o que eu desejo:
Eu dava a vida e tudo, eu dava o ceu,
Por um só beijo seu,
Por um olhar que fosse...

Comtudo, quando a vejo,
Fico cheio de dôr e de tristeza,
Ao vêr tanto desdem, tanta frieza,
N'aquelle olhar tão dôce...

DE NOITE

ELLA

Poeta, que te seduz?
Não fites mais as estrellas;
Deslumbra-te a sua luz,
E eu tenho ciumes d'ellas.

ELLE

Não vês como Vesper brilha
Rasgando da noite o veu?
Eu contemplo, ó minha filha,
O teu retrato no ceu.

ALFREDO TEIXEIRA RIBEIRO.

Questões d'hoje

A proposito da agitação em favor da pacificação universal, obra para a qual vem trabalhando de longa data o espirito democratico, e na qual se têm empenhado homens da craveira colossal de Hugo, de Garibaldi, de Manzoni, de Béranger, de Schiller, de Klopstok, de Goethe, de Castelar, de Gramier, de Amilcare Cipriani, de Spencer, e de tantos outros— está hoje na tela da discussão *o sentimento patriotico*. Ha quem proponha a sua abolição em homenagem á solidariedade humana; ha quem entenda dever-lhe ainda, em pleno seculo XIX, o cannibalismo guerreiro da edade-média.

Aqui como em tantas outras coisas, é no justo meio que reside a razão.

O patriotismo, considerado apenas sob o aspecto d'aquella paixão que Spencer definiu *o egoismo nacional*, e que, juntamente com o zelo catholico da fé foi o mobil de todas as luctas e de todos os emprehendimentos das gerações passadas, soffreu uma profunda modificação neste seculo, pondo-se em harmonia com o sentimento da fraternidade despertado por uma philosophia nova, sem todavia annullar o amor á terra natal no coração de cada um.

Antes que o sentimento revolucionario trazido nas estrophes inspiradas dos poetas da escola romantica tivesse aberto brecha no sentimento patrio moderno, em que consistia o patriotismo? que ideia encerrava para todos a palavra *patria?*...

A patria era a bem dizer uma prolongação de nós mesmos. No seu ar que a cada segundo respiramos; na sua terra em que temos preparado o leito do eterno repouso; na sua fecunda vegetação de que haurimos todo o succo das nossas veias; nos seus arroyos crystalinos cuja agua nos acalma nos dias abrasados de agosto:—em tudo isso nós viamos moleculas invisiveis do nosso ser, restos esparsos d'aquelles que nos abandonaram, elementos futuros d'aquelles que nos hão-de succeder. A patria era para cada um de nós como a Eva biblica para o primeiro homem: *carne da nossa carne, osso dos nossos ossos*.

D'ahi os sacrificios enormes feitos pelos heroes que nós veneramos hoje tomados de assombro: um Zopiro, um Codro, um Egas Moniz... Era o desdobramento do *egoismo*, para a coisa que fazia parte integral de nós-mesmos.

N'essas epocas de fé ardente na patria: o ceu terrestre; e no paraiso: a patria celeste; *o patriotismo* era o amor exagerado desse torrão em que cada qual vira a luz. Deprimir o estrangeiro, fomentar uma politica de conquistas, isto é, de latrocinios, opprimir o mais fraco para *gloria* do mais forte, arvorar o canhão em arbitro supremo das contendas internacionaes, exaltar systematicamente ao fastigio da gloria acções heroicas talvez, mas que ao nosso senso moral repugnam hoje como verdadeiros crimes, logo que fossem praticadas por conterraneos nossos: eis no que consistia o *patriotismo*, que, como todas as paixões humanas, teve a sua poesia especial: *a poesia epica*.

Os trabalhos artisticos da Renascença; os descobrimentos dos hespanhoes e dos portuguezes; as descobertas scientificas do seculo XVII; a philosophia do seculo XVIII; e a fermentação revolucionaria do seculo XIX; tendo vindo preparando a entrada da Humanidade no cyclo do predominio definitivo do trabalho, da industria e da sciencia; tudo isso tem modificado assombrosamente esse sentimento, expurgando-o de tudo quanto n'elle ha de selvatico, e humanisando-o constantemente, de tal modo que hoje, é absolutamente impossivel a producção d'uma epopeia historica, tendo por alvo apenas a patria do poeta. Hoje ha as grandes epopeias da Humanidade, como Hugo póde conceber sem todavia conseguir realisar, nas *Legendas dos Seculos*, e de que Theophilo Braga entre nós nos deu um esboço nas *Miragens Seculares*, ou então as epopeias revolucionarias, que interessam directamente á Humanidade inteira, como o *Ashaverus* de Quinet ou o *Anti-Christo* de Gomes Leal. As epopeias patrioticas, taes como o *D. Jayme* do sr. Thomaz Ribeiro, caem no ridiculo, por pretender o auctor, n'um seculo positivo com o nosso, num seculo descrente, emocionar a alma popular com umas crenças que já foram puras, mas que hoje se encontram em putrefacção nas sepulturas da historia.

Hoje, o telegrapho, a imprensa e as vias-ferreas approximam as nações, que sentem necessidade da fraternisação. Conquistar é roubar. Invadir um paiz é crime maior do que assaltar uma propriedade. Matar nunca póde ser invocado em nome da Philosophia. Proteste embora o irritante Vera, o expositor da philosophia hegeliana. Hegel fez-se justiça a si mesmo, declarando á hora da morte que ninguem o comprehendeu... nem elle.

Não, o Direito não póde ser leccionado na Calabria, nem em Marengo; na Azambuja, nem em Austerlitz; em Sadowa nem em Sédan. Se matar um homem é um crime, não parece que dizimar um exercito seja uma virtude. Ou a gravidade do crime diminue com o augmento da quantidade?

E' certo que Affonso d'Albuquerque foi um heroe chacinando os musulmanos em Malaca; mas maior foi Francisco Xavier evangelisando os idolatras do Indostão. Napoleão I foi sublime, quando sob um chuveiro de balas, atravessou impavido a ponte d'Arcole, desenrolando aos ventos o pavilhão francez; maior foi porem Garibaldi em perenne lucta pela liberdade, na Grecia, na Italia, na França, na America.

E' crivel que Moltke e Bysmarck sejam dois homens superiores; mas nós preferimos-lhes Goethe, e Haeckel, e Weber, e Wagner, e Büchner, apostolisando ideias, sem derramamentos d'um sangue nosso irmão.

Ninguem se póde recusar a tributar o mais intenso amor á terra em que primeiro viu a luz; em que primeiro aspirou o aroma suave das flores; em que primeiro ouviu o badalar jubiloso do sino parochial;

em que primeiro fictou os olhos cheios de innocencia, nos olhos trasbordantes de ternura d'uma mãe amantissima; em que, pela vez primeira, dos olhos ternamente apaixonados d'uma mulher, desceu ao nosso coração aquella especie de corrente electrica que tem a faculdade de despertar o amor, que não é mais que o instincto da procreação envolto na veneração pela maternidade futura.

Mas, diz o Evangelho, e antes do Evangelho os stoicos, e antes dos stoicos a philosophia indiana: *Não façaes a outrem o que para vós não quereis.*

Pois bem: em nome d'esse amor extremoso que á vossa terra dedicaes, poupae a terra d'aquelles que egualmente amam uma terra que é sua e que não é vossa. Deponde as armas. Despi-vos dos velhos odios. Fraternisae á meza do Progresso. Uni os vossos esforços na obra pacificadora da Sciencia.

Eis como, harmonisando o patriotismo com o cosmopolitismo, fala hoje a Revolução, fórmula suprema da Justiça.

Clamar, como o está fazendo certa escola socialista, que o sentimento patrio morreu, é mentir á propria consciencia. Nada morre; tudo se transforma: é o principio basico da escola transformista. E esse principio encontra realisação ainda com respeito ao patriotismo.

Não póde morrer o patriotismo no coração humano, emquanto a *memoria*, repositorio das nossas saudosas recordações, fôr uma das faculdades do nosso espirito, para usarmos da linguagem corrente. Nem o amor universal dos povos força a tal resultado. Eu posso estimar a minha propriedade, e respeitar a propriedade alheia; estimar a minha pessoa, e procurar fazer-me estimado dos outros estimando-os egualmente.

Este cosmopolitismo é até uma garantia ao nosso patriotismo. Pois se nós queremos bem á terra em que nascemos, para que havemos de, á similhança da França de 1870, ir arriscal-a em aventuras guerreiras, que possam comprometter a autonomia de toda ou de parte d'ella? para que havemos de arriscar nos azares da guerra o sangue de seus filhos, dos nossos compatriotas? para que havemos de roubar-lhe á sua agricultura os braços mais robustos, para os irmos inutilisar nos exercitos permanentes?... O verdadeiro patriotismo está pois na manutenção da paz e no desarmamento dos exercitos.

As nacionalidades livres no interior pelas suas instituições democraticas sel-o-ão tambem exteriormente pela reciproca confiança. Bastará para isto a arbitragem, que, pelo respeito á nação a quem coube a decisão da pendencia, fôrça á submissão?—Não; o resentimento fica, e o odio latente torna a paz pouco segura. Mas a federação é inviolavel. Duas nações que se ligam espontaneamente, por um facto firmado nas suas relações de lingua, de raça, de tradicções historicas, de situação geographica, tornam a paz inviolavel, apresentando-se assim como a garantia unica da autonomia nacional no futuro, e como termo final das guerras e das dissenções internacionaes.

A federação trará á terra fatigada de tão improductivos labores a paz tão desejada pelos povos; a paz será o progresso e o desenvolvimento da agricultura; o desenvolvimento da agricultura tornará os povos mais felizes, a propriedade mais equitativa, e o Estado mais rico; as revoltas tornar-se-ão menos frequentes pelo melhoramento do estado economico social; o commercio será libertado das peias aduaneiras; a passagem será facultada livre d'uns paizes para os outros; os povos, n'uma palavra, reconhecer-se-ão irmãos.

E amando todos a sua patria, como sendo a terra a que estão ligadas todas as tradicções da sua historia, e a que ha-de herdar de todas as suas tradicções, respeitarão nos outros povos este mesmo amor, o que fará com que a patria de cada um seja de direito e de facto inviolavel.

Quando isto escrevemos chamam-nos utopistas. Como se o bem não fosse uma realidade, como se a justiça fosse apenas um sonho!...

Lisboa.

HELIODORO SALGADO.

Temos a satisfação de publicar neste numero da *Bohemia Nova* uma poesia *inedita* do nosso querido extincto *Antonio Fogaça*.

Para um dos proximos numeros, desde já promettemos um estudo de *Santos Mello* sobre o infeliz poeta dos *Versos da Mocidade*.

DEUSA

Penso que ella nasceria
Entre as espumas do mar,
Toda envolta no luar
Das noites de Andaluzia.

Comtudo, alguem assevera
Que a nossa gentil formosa
Nasceu d'um botão de rosa
No seio da Primavera.

Fascina como as Visões!
Encanta como as sereias:
O seu gesto tem cadeias,
N'aquella voz ha prisões!

No entanto, rosa tão pura,
E' triste como a violeta:
Até lhe chama um poeta
A encarnação da Amargura...

ANTONIO FOGAÇA.

A Santa

Nunca vira uma coisa assim, com tamanhas parecenças! Era mesmo a cara da Santa Magdalena, que lá tinha em casa...

E o Manuel Jesus, ajoelhado deante do Senhor dos Passos, com o livro d'orações ainda juncto ao peito, de bôcca descerrada n'um ar baboso e aparvoado—arregalava dois grandes olhos pasmados pr'a Rosita. Mas ella nem dava por tal, de esquecida a rezar n'um fervor intimo, os labios palpitando ciciosamente e o lindo rosto, d'um corado sadio e suave, erguido ao Senhor —que n'esse dia de festa, assim aceiado na sua nova tunica roxa que estrellejava oiro vivo de espaço a espaço, parecia ter uma expressão menos triste, mais doce, mais divina.

Era a festa do Vergadas, que chegara no mez passado do Brazil—e estivera á morte no mar alto: «se elle não se tivesse *apegado* ao Senhor dos Passos, promettendo-lhe aquella festa e aquella tunica nova, de certo lá ficava...»—dizia-se.

A egreja estava revestida, nos seus paramentos multicores, rafados, pingados de cera e picados de velhas lentejoulas baças, que forravam as paredes mal caiadas e punham uma solemnidade pezada no ar escurecido: uns paramentos que só costumavam servir pela Semana-santa—sempre os mesmos, havia muito anno.

E aquella gente calada n'um silencio de respeito, religiosamente de joelhos aos pés do Senhôr, de quando em quando virava uma vista admirativa e pascassia para a riqueza da «armação». Pelo ambiente andava um vago cheiro a incenso; do thuribulo, que o respeitavel sr. prior balouçava n'um vai-vem lento de pendulo—de frente para o Vergadas e disfarçando ao canto da sua rochumchuda e gulosa bocca um sorriso manso de bonacheirão—desennovellava-se o fumo voluptuosamente, indo em pequenas nuvens azular-se e desfazer-se n'uma restea clara de sol que entrava a rir pela estreita e alta janella da capella-mór, ladeada de cortinas escarlates de paninho barato. Dos altares floridos, onde as santas e os santos tinham o extranho e profano aspecto das suas caras velhas de pau desencarnado, volatisava-se uma fragancia tenue que ia mollemente até á alma enternecida dos bons fieis, alli a recordarem os tristes passos de Christo pelas ruas da amargura —e que elles agora viam de cruz aos hombros, por mal dos seus peccados... E aquella imagem era tão bonita! Leguas em redondo não havia outra assim... O sr. prior, ás vezes, até se punha a dizer que «Jesus na sua tremenda subida ao Calvario, de baixo da cruz que o derreava, devia de ter aquella mesma expressão soffredôra e resignada!» Não havia outra imagem assim, isso não: apezar de que os da aldeia vizinha diziam que a d'elles «era melhor»; ah, mas essa nem dava vontade de rezar a uma pessôa!...

Beatas, a penitenciarem-se, batiam o peito e beijavam o sagrado chão recamado de juncos e buxo e herva doce. A um recanto, a refinada beata sr.ª Maria do Adro, mãe do Manuel Jesus, segredava orações sobre o granito da campa que escondia os restos mortaes do que fôra em vida sr. padre-cura da freguezia, seu amo e padrinho do seu filho...

D'uma vez, que levantava a cabeça, viu o Jesus a olhar fito, como tolo, p'ra Rosita...

—Ora aquella agora! O Jesus que nunca se importara com mulheres... E alli mesmo, na egreja!

Emtanto, o pregador subiu ao pulpito. Trovoou berros rhetoricos e desatou gestos incriveis, que se desfaziam em fartos murros no pulpito—querendo mostrar a bondade, clemencia e mizericordia infinitas de Deus, e dramatisando o soffrimento do Vergadas «sobre as aguas do mar.» E as lagrimas corriam pelas faces de todos. O Vergadas, endomingado na sua larga sobrecasaca mal-feita, commovido no seu aspecto bondosamente beldroéga, chorava tambem.—Era talentoso aquelle sacerdote, representava bem... Lá no Brazil havia pouco d'aquillo.

No coro, a orchestra—que o brazileiro «mandara vir de fóra»—desafinava uma symphonia melancolica; e a voz inclassificavel d'um sujeito de barbas ruivas, que fazia expressões de grande sentimento na testa avincada, elevava-se forte e tremula, parecendo ás vezes, em arrebatamentos repentinos e enthusiastas, querer arrancar o dó de peito.

A senhora Maria do Adro torcia-se n'uma afflicção, enxugando ao mesmo tempo os olhos lagrimosos.—Ah, que linda «predica»! Sempre o sr. padre Antonio sabia muito bem fallar ao coração... Mas o Jesus, o Jesus, que costumava chorar em todos os sermões como aquelle... não chorara. Um peccado assim!... Bem se podia ir confessar, logo ao outro dia... E sempre espantado p'ra aquella mulher... Ella embruxara-o, de certo.

A Rosita, ao disfarçar uma vista de soslaio para o namôro, reparou que elle olhava para aquella banda, de má cara—e, voltando a cabeça, deu com o Jesus que parecia parvo, a sorrir-lhe... Corou-lhe todo o rosto: e ficou-se enleiada, d'olhos baixos.

Mas a festa acabara. Já todos saiam para o adro da igreja, de vagar, acotovelando-se—as mulheres ainda a bichanar as derradeiras orações. Na sachristia, pousando o calix, mesmo assim paramentado, o prior effusivamente, apertava nos braços o Vergadas todo feliz, com sorrisos no labio grosso, sensual—e duas lagrimas a fugirem lhe dos olhos bons, d'uma claridade mansa que dizia o seu fundo simples de pobre-diabo.

—Obrigado, muito obrigado—fazia elle, ainda a braçado, o seu corpo magricella a curvar-se na pança ampla do sr. prior.

—Isto é com'amigo, ó Vergadas. Bem sabes... Estavam já separados. Olha cá: lembras-te d'um puxão d'orelhas que te dei, eras tu um garoto, por andares a atirar pedras ao sino grande?...

O Vergadas ainda se lembrava bem. E tinha

saudades d'aquella temporada, que já lá ia tão longe...

A' porta da igreja, a philarmonica da terra soprava, a fortes pulmões, uma especie de hymno. Era de verão, na hora calida do sol a pino — ia meio aquelle dia d'azul claro, sem nuvens, immovel.

No adro, ainda ficara muita gente — para ir com a philarmonica acompanhar o Vergadas a casa —, que esperava á sombra das olaias ramalhosas, paradas no ar ardente, sem vento, deixando fugir, pelas folhagens, claridades escassas que punham manchas dormentes no chão em relva. Por entre os campos largos, aonde o verde-pallido dos milharaes a sazonar davam uma tonalidade de frescura alegre — o rio batido plenamente do sol vivo, lá longe, a meio de duas colinas azuladas que fechavam angulo no horizonte, parecia uma facha de mercurio que cegava na sua faiscação tremula e crua.

Foguetes estralejavam n'uma alegria sonora, deixando no alto, boiante, a desfazer-se, uma fumaça alvadia. Na torre, o sacristão badalava os sinos n'uma guizalhada de ensurdecer, enthusiasmado, tilintando-lhe na algibeira umas pratas miudas, que o brazileiro lhe havia dado «p'ra uma pinga»...

Quando o Vergadas saiu da igreja, ao lado do sr. prior, que o ia tambem acompanhar a casa com a philarmonica e com aquella gente que abarrotava o adro, — a Rosita ja se tinha ido embora.

O Jesus a uma esquina da igreja, seguia-a com um olhar parado, em pasmo, até que a viu dar a volta para o carreiro que endireitava á casa d'ella. — Era mesmo, mesmo a cara de Santa Magdalena...

*

N'essa noite, de costas na cama, o Jesus lembrava-se da Rosita, tão linda, d'um arzinho santo a rezar, ajoelhada deante do Senhor... — E a mãe que lhe ralhara por elle estar a olhar p'ra Rosita... Ora! pois n'aquillo haveria algum mal?... — era como quem olhava p'ra Santa Magdalena... A mãe sempre tinha coisas! E que, por isso, se havia de ir confessar... O grande peccado!

A sr.ª Maria do Adro reprehendeu severamente o filho: — porque aquillo não se fazia: não ouvir missa, nem sermão, por causa da tal rapariga. Lá por se parecer com a Santa Magdalena... Era até uma heresia! Alli andava tentação do domonio, não podia deixar de ser. O Jesus, que nunca reparara em mulheres... que nunca soubera o que eram mulheres...

Estava cheia de cuidados. Não perdesse o filho o amôr ás coisas da religião... Deus lhe perdoasse; mas, com certeza, elle não tivera maus pensamentos... E o sr. prior havia de «deitar-lhe» a absolvição... O sr. prior bem sabia que educação ella tinha dado ao Jesus — e que, portanto, era incapaz de ter maus pensamentos...

Desde pequenito, que a sr. Maria do Adro intromettera o filho nas coisas da egreja. Depois da morte do sr. padre-cura, elles ambos iam todos os dias para a egreja resar-lhe sobre a campa. N'esse tempo, o Jesus ainda mal sabia as palavras do padre-nosso e ave-maria, que a mãe lhe ia dizendo e lhe fazia repetir uma a uma. — Era por alma do padrinho... Foi crescendo, franzino, enfezado. Tinha a cara magrita, d'uma côr doentia de cêra, — uma cara que era «tal e qual a do sr. padre-cura, que Deus haja», dizia a voz do povo. Agora, aos vinte annos, mostrava quinze, se tantos. Não fazia outra coisa senão andar pela egreja, no meio das beatas, devotamente a resar via-sacras e a rezar novenas á milagrosa Senhora das Dôres, que o commovia com aquelle dolorido peito cravado de punhaes prateados. Votava um grande desprezo a toda a gente, que não fosse padres e beatas; o resto era uma cambada arredia da Religião — e que se confessava só uma vez por anno. E elle que uma vez por semana se ia ajoelhar aos pés do sr. prior da freguezia...

— Ora... tem que comer; escusa de gretar as mãos na enchada. O sr. padre-cura deixou á mãe uma grande riqueza... — dizia a vizinhança.

A sr. Maria do Adro, apezar de conhecer o «temôr de Deus» do filho, ainda lá sentia uma mortificação — receiando que elle se arredasse d'aquelle caminho, que até'li tinha trilhado e que o havia de levar ao céo .. — Emfim, isto de rapazes... E o bruxedo, as tentações do demonio... Deus o livrasse!

Mas o Jesus não dava razão a estas aprehensões da mãe. Achava muito natural — gostar da Rosita, por ter perecenças com a Santa Magdalena... E remexendo-se na cama, a cada instante procurando sitio fresco nos lençoes, pensava sempre na Rosita, tão linda, d'um arzinho santo a rezar, ajoelhada deante do Senhôr... Até que adormeceu, fatigado de insomnia, — já, no vidro d'um postigo estreito, clareava pallidamente o levantar da madrugada.

...Agora, n'uma adoração extatica, mãos espalmadas, erguidas aos lados das faces, o Jesus estava de joelhos em frente de Santa Magdalena — que tinha n'elle, cariciosamente, um doce olhar fito. A Santa Magdalena crescia no seu vulto bello; no rosto branco, marmoreado, até então parado, banal, ja pouco a pouco se diluiam uns suaves tons de rosa pallida; e os antigos, inexpressivos labios eram agora uns labios em sagnue, quentes, vivos, que palpitavam, que sorriam...

Tal e qual a Rosita — com a tunica azul celeste da santa Magdalena... A Rosita como que estava encantada alli, n'aquella grande boneca feita de cêra luzidia.

Depois, sempre a sorrir um delicioso sorriso, que affogava em volupia o peito do Jesus, ella, radiosa, desceu do oratorio — e abandonou-se-lhe nos braços.

*

D'ahi a pouco, o Jesus, ainda vagamente deliciado, todo amollecido n'um torpôr, despertava mal podendo abrir os olhos — e descoberto, a roupa da cama caida no chão. Recordava-se... Fora a revelação primeira e deliciosa, que elle teve, dos prazeres da carne.

A Rosita já não era a simples imagem mystica

da Santa Magdalena: era uma outra mulher, cheia de tentações, mulher formosa que o fez vibrar e que elle agora mesmo, a palpitar todo, desejava n'um forte sensualismo, rolando-se pela cama. Então chegou a lembrar-se de casar com a Rosita... Depois, que boa vidinha! tel-a sempre ao pé, podel-a ter nos braços a cada hora... Ah! se a mãe d'elle consentisse e se fosse da vontade da Rosita...

—E se *aquillo* fosse um peccado?... perguntou-se elle, de repente, a si mesmo. A Santa Magdalena tinha-se tornado n'uma verdadeira mulher, e tinha descido do oratorio... Elle collara ao peito uma mulher que era tal e qual a Santa Magdalena! E esta ideia, avultando pouco a pouco, punha-lhe já uma afflicção intima que o torturava.—Logo que se levantasse da cama, havia de ir confessar-se, ir contar *tudo* ao sr. prior... Mas se o sr. prior não o absolvesse?... E o Jesus, horrorisado, já via o inferno aberto, angustias eternas, um eterno penar!—Antes a Rosita, *aquella mulher*, nunca lhe tivesse apparecido!...

*

Mas o sr. prior «deitara-lhe» a absolvição.

—Está descançado, está descançado... Isso não passou de sonho...—dizia o prior, depois, na sachristia, ao Jesus.

O Jesus, calado, de cabeça baixa, meio envergonhado,—lá dentro cheio de alegria por *aquillo* não ser peccado—tinha um sorrir pascacio. A Rosita reappareceu-lhe provocante de bôas carnes. Se a mãe d'elle quizesse e se fosse da vontade da Rosita... O Jesus estava capaz de dizer ao sr. prior para pedir á mãe... Mas achava-se com vergonha de lhe dar a conhecer, a elle, que gostava de casar com a Rosita...

—Vê lá agora, Jesus, vê lá se começas a fazer tolices por 'hi... fallava o prior, a aconselhar. Bem bonita rapariga, optima carne — continuava elle com o olho labrico. Quem campa é o Manuel das Boiças...

—Porque? perguntou o Jesus, n'uma especie de anciedade que não conteve. Porquê, sr. prior?

—Vae casar com ella...

—Serio, sr. prior?

—Serio. Os ultimos pregões já correram.—Mas porque é que tu perguntas por isso?

—Por nada, sr. prior, por nada, respondeu o Jesus atrapalhadamente.

—Talvez tu quizesses casar com a Rosita?! Ora, ora! Já a formiga... Deixa-te d'isso. Vae-te contentando em sonhar com ella... E adeus. Queres almoçar comigo?

—Muito obrigado, sr. prior.

—Pois, adeus... E o prior saiu da sachristia, resmungando.—Isto de tomar o gosto ás coisas...

O Jesus ficou-se sem arredar pé d'alli, entristecido, como sob o acabrunhamento d'uma grande magua.—E' tão linda... pensava elle, o ciume a remordel-o. Mal empregada no Manuel das Boiças—n'aquelle bruto!...

D'ahi a instantes, a sr. Maria do Adro entrava na sachristia. Tinha andado a procural-o por toda a parte. Elle saira de casa logo pela manhãsinha, sem lhe dizer nada. Aquillo não se fazia. Para ella andar cheia de cuidados a procural-o!...

—Só agora reparo... Tu estiveste a chorar? Dize.

Mas o Jesus não respondeu, pensando ainda na Rosita. Na verdade não pôde conter as lagrimas, quando o prior virara as costas.

—Dize, estiveste a chorar? continuava a mãe.

O Jesus ficou ainda calado; parece que nem ouvia a sr.ª Maria do Adro.

—Olhem que parvo!... Para alli sem dar palavra...—dizia ella já zangada. Vamos embora!

O Jesus seguia-a, automatico, olhos no chão, scismando. Entre si, elle acabava de ter uma esperança derradeira, que lhe deu um tudo-nada de alegria.—E se a Rosita o quizesse antes a elle?... Emfim, sempre era mais rico que o *outro*...

ANTONIO DE MELLO.

A QUESTÃO DOS ALEXANDRINOS

Pela ultima vez, respondemos hoje ao sr. Francisco Tenia sobre a questão dos alexandrinos.

Deixando todas as subtis contradicções em que o sr. Tenia pretende apanhar-nos, desviando d'este modo a questão do campo em que a temos mantido, vamos ao que importa. E o que importa é isto:

1.º—O sr. Tenia roubou ou não roubou o *alexandrino novo*, pretendendo fazel-o passar por seu?

2.º—O nosso collega Alberto Osorio tem ou não tem a propriedade na nacionalisação do alexandrino trimetro?

No primeiro ponto, Francisco Tenia insiste em que nós achamos differença entre o *seu* alexandrino e o trimetro; e que o facto de differença ser ou não ser insignificante depende apenas da nossa curta intelligencia.

Desafiamol-o a que nos mostrasse um unico alexandrino trimetro que não fosse formado de um verso de oito syllabas seguido de outro de quatro, ou de um verso de quatro seguido de outro de oito. Dissemos lhe que a vice versa nem sempre se dava na questão da cesura, mas sempre na questão do accento, o que dá o mesmo effeito rythmico. Ora n'esta ultima conclusão é que o Tenia não concorda, já se vê.

A razão porque achamos que o rythmo é o mesmo é a seguinte:

O rythmo obtem-se, *em primeiro logar*, pela disposição dos accentos. E' assim que no verso de 8 syllabas, o rythmo se obtem pela disposição dos accentos na 4.ª e na 8.ª syllaba.

Não nos consta que ninguem até hoje viesse dizer para a imprensa:

—Eu inventei um octosyllabo novo, composto de dois versos de quatro syllabas.

—Eu inventei um octosyllabo novo, composto de um verso de quatro syllabas seguido de outro de tres.

—Eu inventei um octosyllabo novo, composto de um verso de quatro syllabas, seguido de outro de duas.

D'aqui concluiamos nós que o Tenia, tendo lido os versos trimetros e tendo-lhes aprendido o rythmo, começou a fazer variantes dentro do mesmo rythmo, e se convenceu logo, (com a vaidade que lhe é peculiar) de que tinha inventado um alexandrino novo.

Cada vez a nossa opinião se justifica mais; e é assim que hoje podemos desenvolver com toda a clareza o seguinte raciocinio:

O rythmo de todos os versos (é o que ha de mais banal em poetica) indica-se sempre pela disposição dos accentos. Apenas o alexandrino, emquanto formado de dois versos de seis syllabas, escapava até certo ponto á regra, por isso que se exigia, alem do accento, a cesura, na 6.ª syllaba.

Alguns poetas francezes, não achando justificação para esta excepção á regra, começaram a pôr o accento, sem cesura, na 6.ª syllaba. O resultado foi que o alexandrino perdeu o rythmo. Portanto, este remedio não serviu.

Outros, porem, entenderam que se o alexandrino classico não dispensava a cesura, era porque em razão do seu maior numero de syllabas, o seu rythmo precisava de ser dividido em mais do que dois tempos. E, d'accordo com estes principios, procuraram um rythmo novo.

Acharam, depois de uma evolução mais ou menos demorada, o *rythmo a tres tempos* que constitue o verso *trimetro*. A unica condição indispensavel para se construir o verso trimetro—é que tenha accentos na 4.ª, na 8.ª e na 12.ª syllaba. D'este modo fica o alexandrino dividido em tres compassos, por assim dizer. Dentro d'este rythmo, ha pelo menos tres variantes, no que toca á cesura:

1.ª—Haver duas cesuras; uma na 4.ª e outra na 8.ª syllaba.

2.ª—Haver uma cesura, indifferentemente na 4.ª ou na 8.ª syllaba. (Eram assim os taes *alexandrinos novos* do Tenia.)

3.ª—Não haver cesura alguma. (E' o caso dos dois versos de Alberto Osorio, que veem na poesia *O turco da communa*.

Notaremos já que, raciocinando d'este modo, estamos em contradicção comnosco mesmo, visto que dissemos que o verso *trimetro* perfeito segundo Lemaître, era formado de tres versos de 4 syllabas, e portanto com 2 cesuras.

Foi aqui que nos enganamos, por não termos lido com a devida attenção o artigo do critico. Felizmente que este erro reverte em proveito nosso exclusivamente e concorre para cada vez demonstrar melhor a toleima do sr. Chico Tenias.

Interpretamos mal o artigo de Lemaître, como vamos já provar. Ultimamente, porém, tendo lido varios poetas modernos, começamos a achar a cada passo versos só com uma cesura (no genero dos taes do sr. Tenia) e versos com os tres compassos, mas sem cesura alguma (no genero dos feitos por Alberto Osorio). Estes versos pareceram-nos harmoniosos, e conservando o mesmo rythmo. Pensamos:

—Porque será tão restricta a regra do trimetro, apresentada por Lemaître? Pois se o verso fica sempre harmonioso, ainda sem a cesura, para que se ha de tornar indispensavel essa velha difficuldade que tantos baldadamente tem querido evitar no alexandrino classico?

Foi então que, com o espirito assim em duvida, relemos com toda a attenção a critica de Lemaître. Já mais de posse do assumpto, na plena sciencia da technica do alexandrino (velho e novo), facilmente notamos, com a maior satisfação, as seguintes palavras de Lemaître, fallando do emprego do verso trimetro (primeira e segunda phase) por Victor Hugo e pelos parnasianos:

«Il accorde droit de cité à une nouvelle espèce d'alexandrin, celui qui se partage, non plus en deux, *mais en trois groupes égaux ou équivalents de syllabes.*»

«Mais, par un scrupule, par un reste de respect pour la *césure* classique, même quand il use de cette coupe nouvelle, il a soin que la sixième syllabe soit au moins légèrement accentuée, et il ne souffrirait pas, par exemple, un article à cet endroit.

«On s'adorait d'un *bout* à l'au- tre de la vie.

«Théodore de Banville, Leconte de Lisle et François Coppée ont accepté plus franchement ce nouveau vers qu'on pourrait appeler l'alexandrin trimètre, et ne se sont nullement souciés d'accentuer la sixième syllabe.

«Je suis la froi de et la méchan- te souvenaine

«Mais, par une inconséquence singulière, ils n'ont jamais consenti que cette sixième syllabe fut la pénultième ou l'antepénultième syllabe sonore d'un mot polysyllabique; ce sont des poètes recents, etc., etc.»

Aqui temos, pois, dois versos trimetros citados por Lemaître, que tem apenas uma cesura (segundo a pretendida regra do Tenia). A estes dois versos não nota o critico falta de cesura; nota-lhes apenas: a um, a permanencia da 6.ª syllaba accentuada, ao outro, o facto de não ser a 6.ª syllaba a penultima ou a ante-penultima syllaba sonora d'uma palavra polysyllabica.

No decorrer do artigo, Lemaître não fala uma unica vez em cesura, a repeito do novo alexandrino; indica que elle se compõe de tres grupos equivalentes de quatro syllabas, o que de modo nenhum quer dizer que elle se componha de tres versos de quatro syllabas. Os tres grupos, por exemplo:

Fez o primei- ro madrigal dos seus amores

são, não só egnaes, mas tambem equivalentes.

Citando agora alguns alexandrinos só com uma cesura ou mesmo sem ella, (alem dos citados por Lemaître) temos concluido a nossa demonstração.

Seguem os alexandrinos:

Versos trimetros só com uma cesura (isto é, compostos de um verso de oito syllabas e de outro de quatro, como os do Tenia):

De Ernest Raynaud, no livro *Le Signe:*

Le jet d'eau rit dans le tapage des couleurs
Mélancholique. Un paysage peu commun
On a du charme à se reprendre lentement
Mais non, tu prends sans me les rendre, mes élans
L'une après l'autre, oh! combien lente, sonner l'heure

D'um soneto de G. Albert Aurier, publicado no *Daécdent:*

Que vous aviez les Caruncules Myrtiformes!...

D'um soneto de Mitrophane Crapoussin, idem, idem:

Sans que la Seine émeraudine s'en offusque..
Ceindre la gaze arachnéenne des jupons

D'um soneto de Ernest Raynaud, idem, idem:

Où se détrempe l'acier fin de ma nature.

N'este soneto, até por signal toda a primeira quadra é feita em alexandrinos trimetros, assim:

J'ai beau lutter, Ton rire éclate et me capture;
Et sur Ton lit, c'est malgré moi, que je m'engoue
En des délices bestiales de Capoue
Où se détrempe l'acier fin de ma nature.

Ainda do mesmo soneto:

Et leurs senteurs tumultueuses m'on fait las.

De uma poesia de Laurent Tailhade, publicada no *Décadent:*

Et le Printemps gonfle de sève les pommiers.

De uma outra poesia do mesmo:

Bordé de noir comme une lettre de decès

Agora, citemos alguns *versos trimetros, sem cesura, ape-*

nas com os accentos na 4.ª, 8.ª e 12.ª syllaba, como os empregados por Alberto Osorio no «Turco da Communa:

D'um soneto de Mitrophane Crapossin, publicado no *Décadent:*

Moi, j'ai des cor- nes d'antilo -pe dans la bouche

D'um soneto de Ernest Raynaud, idem, idem:

En des deli -ces bestia -les de Capoue

D'outra poesia do mesmo:

Tout à l'exta -se langoureu- se où m'a conduit

D'uma poesia de Laurent Tailhade, tambem publicada no *Décadent:*

Mêle aux séquen -ces des préchan- tres ses tonnerres

E com isto, damos por findas as citações. E'-nos perfeitamente escusado todo este trabalho de paciencia. Bastará dizer que Banville, Coppée, Lisle, e principalmente Verlaine e todos os poetas aqui citados, bem como a maior parte dos poetas francezes dos ultimos cenaculos—usam o alexandrino classico a cada passo misturado com o alexandrino trimetro, em todas as suas formas (com duas ou uma cesura, ou sem cesura).

Reunindo, pois, todos estes argumentos, fica perfeitamente demonstrado:

1.º—O que dá rythmo ao verso é o accento, em primeiro logar. E' uma velha regra d'arte poetica, a que o trimetro não escapa.

2.º—Que nem lhe concedemos a variante (dentro do mesmo rythmo) de fazer os trimetros só com uma cesura, na 4.ª ou na 8.ª syllaba, indifferentemente. E não lh'a concedemos, porque ella não é senão uma das maneiras de cumprir a regra de construcção dos trimetros: e portanto, antes do Tenia, tem-a feito toda a gente, como era natural. Quando no espirito do Tenia apparece uma ideia nova (para elle), já essa ideia se tem fartado de correr mundo. Vejam lá que diabo de genio!...

3.º—*Que o Tenia leu o artigo de Lemaître, mais conhecedor do assumpto do que nós, que começamos a discutir baseados em reminiscencias e que temos vindo estudando o assumpto, no decorrer da polemica. Leu o artigo de Lemaître, viu lá versos identicos aos d'elle, viu naturalmente que nos estavamos enganando ao indicar a regra de construcção dos trimetros—mas não deu cavaco á gente. Isto mostra a sua probidade litteraria.*

4.º—E' um homem d'estes que se julga com authoridade para julgar, para criticar, para fulminar, do alto da sua inepcia e da sua audacia. *Chéché* da litteratura, com espirito ás toneladas e ignorancia ás arrobas, arvora-se de *lança em riste* a dar para baixo nos que, bem ou mal, trabalham honestamente. O publico que julgue a vaidade d'este homem que, durante uma serie de polemicas, não duvidou negar constantemente o que por mil maneiras lhe foi provado. Nós abstemo-nos de continuar a discutir com elle as contradicções e as subtilidades que elle se lembrar de inventar, no seu insaciavel furor inventivo.

Resta-nos provar ainda uma vez que o sr. Alberto Osorio nacionalisou, antes do sr. Tenia, o verso trimetro. Agora, já nem diremos que os versos de Alberto Osorio são imperfeitos, visto que a regra de construcção dos trimetros é mais lata do que imaginavamos.

Se Alberto Osorio fosse pedante e mentiroso como o Tenia, elle teria posto, como nota aos seus dois versos trimetros:

«Estes versos são apenas um ensaio. N'elles se pretende fazer um alexandrino novo, sem cesura, com accentos na 4.ª, 8.ª e 12.ª syllaba.»

Felizmente, nem todos são gralhas n'este mundo, sr. Tenia.

Aponta o mesmo Tenia uma contradicção entre os versos de Alberto Osorio e uma critica a uns versos de Eugenio de Castro, publicada no n.º 2 da *Bohemia*. Temos apenas a responder que tal critica não foi lida nem escripta pelo sr. Alberto Osorio.

Nota egualmente o Tenia que só agora Alberto Osorio se lembrasse de se citar como nacionalisador dos versos trimetros. Responderemos que Alberto Osorio não precisava para nada de vir á baila, emquanto o Tenia não perguntasse se algum poeta portuguez tinha, antes d'elle, nacionalisado o verso trimetro. Até então, bastava citar os poetas francezes. O sr. Osorio não tinha interesse nenhum em fazer figura. Isso é bom para o Tenia.

Como ultima razão, (que só não servirá para gente sem vergonha e sem dignidade,) segue a carta com que o sr. Candido de Figueiredo acaba de responder a uma outra em que Alberto Osorio lhe pedia varios esclarecimentos sobre esta questão:

Amigo e sr.
Alberto Osorio de Castro

Lisboa, 26-3-89.

Foi-me inteiramente impossivel responder desde logo á carta de V.: o meu tempo, litteralmente tomado por diversos e impreteriveis trabalhos, raro me deixa uns minutos para deveres de cortezia, e, ainda menos para questões litterarias, por mais gratas que me sejam. Releve-me pois a demora, e acceite os meus agradecimentos pela remessa da *Bohemia*, de que eu havia recebido em tempo, se não me engano, o 1.º n.º.

Recordo-me perfeitamente de que, a meu pesar, deixei de publicar uns alexandrinos de V., porque a estructura d'elles destoava dos alexandrinos portuguezes, taes como eu os considero.

Recordo-me tambem de que V. pretendeu justificar a medida dos seus versos, citando as innovações de Banville e Verlaine na divisão dos alexandrinos em tres grupos syllabicos, citando tambem a *Revista Azul*, e não sei que outras auctoridades, porque não tenho presente a sua carta de então.

As allegações de V. não me convenceram, porque nem Verlaine, nem Banville, nem o proprio Victor Hugo, nem todas as revistas estrangeiras, serão nunca auctoridades em versificação *portugueza*. Vi porém claramente que V. *errara* conscientemente alguns versos, não por commetter erros, mas por ir na esteira d'aquelles innovadores, cujos processos a V. pareciam adaptaveis á versificação portugueza.

Vejo que as alludidas innovações atearam contendas entre os poetas de Coimbra; e, francamente, seria mais meritorio que elles nos dessem os muitos bellos versos, de que são capazes, do que afanarem-se em dirimir questiunculas, que nada interessam á bôa litteratura, e que só redundam em dissidencias nocivas.

Creio que V., pensando um pouco, me achará razão, e continuará a acreditar que, entre os sinceros apreciadores do seu talento, tomou logar ha muito o

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Esta carta vem corroborar tudo o que dissemos no numero 4 da *Bohemia* sobre os versos de Alberto Osorio; e vem desmentir d'uma maneira cathegorica, a insinuação forjada pelo Tenia—de que Alberto Osorio fizera os versos trimetros por acaso, visto como, em versos errados, casualmente se podem descobrir versos trimetros, feitos evidentemente sem conhecimento do processo.

A carta prova que Alberto Osorio fez aquelles versos, como experiencia dos processos citados nos artigos de Lemaître, de Gaucher, e em versos de poetas francezes que conhecia.

Era isto o que pretendiamos demonstrar.

Temos concluido esta questão. Procuramos ser delicados, e se alguma vez a nossa phrase foi violenta, foi para repellir os insultos do grosseirão e incivil nosso contendor.

Estamos convencidos de que a nossa these está plenamente demonstrada. Pouparemos, portanto, d'hoje em diante os leitores da *Bohemia* a novas e inuteis questiunculas, que tivessemos porventura de continuar a sustentar com o sr. Francisco Bastos, visto que elle não é capaz de se dar por vencido, ainda que não seja senão por teima e por irritante vaidade...

DR. FAUSTO.

A NOSSA ENTREVISTA

Foi em dezembro, foi, segundo creio,
O derradeiro encontro que tivemos,
E lembro-me das phrases que dissemos,
Do teu sorriso e do teu casto anceio.

Havia um frio de gelar e a medo
Deste-me as tuas mãos de finas linhas,
Egoista, pedindo-me em segredo
Que as aquecesse muito bem nas minhas.

Não te posso jurar se as aquentei,
Minha eleita gentil, meu doce amor;
Mas penso que os mil beijos que eu lhes dei
Deviam produzir algum calor...

E deixaste roubar enamorada
Uma camelia de um rosado fresco,
Que tinha o doce tom raphaelesco
Da tua bocca rosea e perfumada.

E compuz-te o cabello que, no entanto,
O vento, creio eu, despentedra;
Essa ondulante e tremula ceara
De oiro fosco, que é todo o meu encanto!

Comtudo, n'esta idillica doçura,
Houve uma triste nota singular,
E que eu não poderei mais recordar
Sem grande sentimento de amargura...

Foi quando ouvi teu labio que soltava
Estas palavras glacialmente frias:
—Que me estimavas, porque te estimava,
E que se eu te esquecesse, me esquecias!—

Mas de certo, era falso o que disseste,
—Um pequeno capricho, um vão ludibrio...
Que um verdadeiro amor, lirio celeste,
Não se funda nas leis d'esse equilibrio.

Pois se medisses bem, se calculasses
Quanto essa phrase me confunde e humilha,
Olha, até me convenço, minha filha,
Que a não dizias, nem que me odiasses!

87.

SANCHES DA GAMA.

A DUQUEZA

A XAVIER DE CARVALHO

Soberana! Azul-negro o olhar tranquillo...
Ninguem decerto numa noite calma
Fez fremer azas de colomba a alma
D'esse radioso marmore de Milo!

Fria e soberba! O mundo, toda a gente,
Teceu emtorno aos seus brazões ducaes,
—Amargo aroma hysterico e insolente—,
A vaga lenda de paixões reaes.

Todos nas salas se curvavam, d'antes,
Quando ella entrava, os olhos de violetas
Frios olhando, altiva entre etiquetas,
Diademada do fogo dos diamantes.

Comtudo sob a sua indifferença,
O seu desdem da mais ideal nobreza,
Uma amargura feminina, immensa,
Eu presentia na alma da Duqueza.

E em seu palacio em festa, resplendente,
D'essa agonia mysteriosa ao cabo,
Só eu notei mais pallido e tremente
O aristocratico jasmim do Cabo!

Fallou risonha em rendas de Bruxellas,
Da lembrança que teve, deliciosa,
De ir morrer numa Trappa silenciosa,
—A Duqueza mais fria que as estrellas!

Desde essa noite o seu palacio é mudo.
Ninguem mais viu na intensa capital
Essa lactea figura de armorial,
Aquelle olhar altivo de velludo!

Onde agonisa a sua soledade?
Dizem na uns num claustro siciliano,
Outros já morta, irmã da caridade,
Longe de tudo o que é fugaz e humano!...

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

Summario das secções

I—Actualidades. Biographias.
II—Romances, Contos (originaes).
III—Historia, Philosophia, Exegese, Philologia, Economia, Pedagogia: Sciencias naturaes.
IV—Poesia.
V—Agricultura, Economia rural, Hygiene: Legislação, Administração: Serviços publicos: assumptos coloniaes, militares e navaes.
VI—Critica Litteraria: Historia Litteraria: Arte, Esthetica.
VII—Litteratura estrangeira (Romance, Drama, Memorias, Correspondencias).
VIII—O movimento de Paris, Londres, Madrid, Berlim, Roma, Rio de Janeiro: Viagens, Missões, Explorações.
IX—«Chronica do Luxo e da Moda»: «Notas do Mez»: Sociedade e Costumes: Theatro.
X—Chronica politica.
XI—Chronica financeira.
XII—«Lettre pour L'Etranger».

Collaboradores effectivos da «Revista de Portugal»

Anthero de Quental; Anselmo d'Andrade; Antonio Candido; Antonio Ennes; Antonio de Serpa; Alberto Sampaio.
Bernardo Pindella; *Bruno* (J. Pereira de Sampaio;) *Bento Moreno* (Teixeira de Queiroz).
Conde de Casal Ribeiro; Conde de Ficalho; Conde de Sabugosa; Coronel Mesquita Carvalho; Carlos Lobo d'Avila; Carlos Mayer.
Fialho d'Almeida; Fernando Leal; Fernando Maia.
Guerra Junqueiro.
Jayme Batalha Reis; Jayme Moniz; Jayme de Seguier; Jayme de Magalhães Lima; José de Sousa Monteiro; João de Deus; Julio de Vilhena.
Henrique de Macedo.
Luciano Cordeiro; Luiz de Magalhães.
D. Maria Amalia Vaz de Carvalho; Miguel d'Antas; Moniz Barreto; Mariano Pina.
Oliveira Martins.
Pinheiro Chagas.
Ramalho Ortigão; Rodrigues de Freitas.
Theophilo Braga.

Com o 1.º numero da *Revista de Portugal* será publicada a lista completa dos escriptores que a honrarão com a sua collaboração—assim como a lista dos collaboradores brazileiros.

A **Revista de Portugal** é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **Boletim Bibliographico** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **Annuncios** são inseridos n'um appendice especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 réis	3$200 réis	1$700 réis

Numero avulso..... 500 réis
Pelo correio..... 540 »

COLONIAS, HESPANHA, BRAZIL E OUTROS PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno	Seis mezes
7$200 réis	3$800 réis

A **Revista de Portugal** assigna-se em todas as livrarias do estrangeiro.

PORTO

EDITORES, Lugan & Genelioux

SUCCESSORES DE ERNESTO CHARDRON

COIMBRA

Typographia União

1889

PRICE
PRICE
1 23456 78900 5